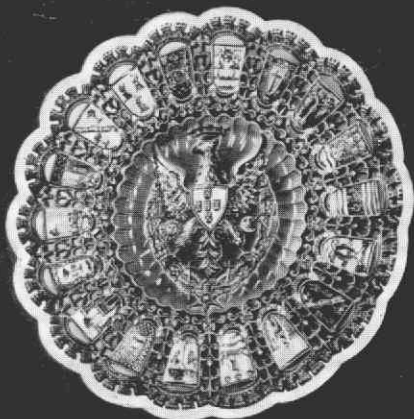




AVEIRO E O SEU DISTRITO



OFERTA DA
JUNTA DISTRITAL DE AVEIRO

AVEIRO
E O SEU
DISTRITO

DIRECÇÃO
EDIÇÃO
PROPRIEDADE

DA

JUNTA DISTRITAL DE AVEIRO

bibRIA



Assinatura anual 20\$00
Número avulso 10\$00

*A Direcção da revista não se considera vinculada
às opiniões dos autores que publica.*

bibRIA



PORTARIA N.º 7 602

Atendendo ao que foi solicitado pela Câmara Municipal do Concelho da Murtosa e tendo em consideração o parecer da secção de heráldica da Associação dos Arqueólogos Portugueses: manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Interior, que a constituição da bandeira, armas e selo do referido Município seja a seguinte:

De ouro, coberto de rede vermelha. Escudete de prata, com três gaivotas da sua cor, realçadas de negro. Duas faixas onçadas, uma de verde e outra de azul, carregadas de peixes de prata. Coroa mural de prata de quatro torres. Bandeira vermelha. Listel branco com letras de negro. Cordões e borlas de ouro e vermelho. Haste e lança douradas.

Ministério do Interior, 20 de Junho de 1933.—O Ministro do Interior, Albino Soares Pinto dos Reis Júnior.

bibRIA

Murtosa — Torreira e a Ria

MURTOSA

«As mais longínquas recordações da Murtosa, dos seus modos, das suas coisas, da sua gente, datam para mim dos tempos de férias que eu, estudante do Seminário, vinha passar com a minha mãe em Aveiro, na nossa pequenina casa da Rua da Estação.

Eram dois ou três núcleos de representantes femininos da raça que faziam por ali perto o seu quartel general, donde irradiavam em todas as direcções, num largo diâmetro; quase todas mulheres alentadas, vestidas de preto, com um chapelinho tão chato sobre a cabeça que dava ideia de um prato raso voltado para baixo ou, se o tingissem de encarnado ou de verde e lhe pusessem as borlas, e não fosse irreverência dizê-lo, do chapelinho simbólico que encima os braços dos bispos e dos cardeais.

Distinguiam-se elas em primeiro lugar no bairro pela piedade exuberante dos seus corações; davam logo sinal da sua devoção a Jesus, a Maria, aos Santinhos, como a violeta dá logo sinal de si pelo seu aroma ou o orvalho dos campos pela suave frescura que espalha à volta.

Ao mesmo tempo era gente de trabalho rijo e de infatigável indústria. Para o seu comércio de galinhas, de ovos, de banha de porco nas cantarinhas de barro preto de Arada, elas caminhavam como galgos as estradas todas da região, recolhiam quantidades de bicos abertos nas suas gaiolas de rede ou de ripas, acumulavam pirâmides de ovos sem quebrar nem um só, sustentavam com graça nas ancas, uma de cada lado, com simetria perfeita, como se fossem âncoras de jaspes ou de alabastro, duas bilhas de unto.

Se alguém se aproximava no caminho dalguma dessas «abelhas industriais», como se diz no ofício de Santa Cecília, e lhe pedia troco de mil escudos ou de nota maior, se houvesse, ela deitava logo mão à algibeira que lhe pendia ao flanco e satisfazia, quase

sem parar, ao desejo do transeunte. Talvez que não pudessem ser tão prontos os Armazéns do Chiado, por exemplo.

Só se lhes poderia não levar totalmente a bem que, ao passo que enchiam de aves e de gemas de ovo os mercados da vizinha Espanha, e nós nos deixassem por assim dizer sem um caldo de galinha para as nossas doenças e sem sombra de omelete para o nosso fastio. Mas os grandes comércios quase se não compreendem sem estes profundos desequilíbrios, e é ter então um bocado de paciência.

Também sabiam, no intervalo dos negócios ou das devoções, descansar ao sol ou ao luar plácidamente e regalar a vizinhança das cores pitorescas da fala própria da sua Murtosa.

Mais tarde, quando já ensinava em Coimbra, ou melhor, quando fingia com ensinar em Coimbra, fui à Murtosa fingir que pregava um sermão e vim de lá com a ideia de que a Murtosa, entre as freguesias maiores de todo o país, era um vasto terreno onde, por privilégio inaudito, não germinava a mais pequenina graminea de escândalo; o jardineiro não tinha lá nada que arrancar ao solo, era só regar e dar graças.

Era de crer que um sangue destes, tão vigoroso, tão são, não se contivesse apenas nos estreitos limites do seu clã e tentasse, como tentou, emigrações de largo estilo.

Lá ao longe, porém, em Lisboa, na Ribeira, pelo Arsenal, a varina não se deixou tocar e muito menos absorver pelo meio, conservou e parece que conserva sempre a mesma pureza no coração, o mesmo Cristo ao pescoço e na alma, a mesma alegria no rosto, o mesmo vigor indomável nos braços, os mesmos traços inconfundíveis da sua origem.

É falso que, quando elas passam com as suas canastras de sardinha ou de pescada à cabeça, salpiquem de propósito os que cruzam com elas nas pas-

sagens estreitas do Arsenal. Isso poderá acontecer às vezes, mas, salvo defesa legítima, é fora de toda a intenção malfazeja.

Lembra-me, quando estava em Lisboa, de uma delas que foi vítima uma vez da sanha de um alfamista; não sei se o enterro de Sidónio Pais, esse mesmo, foi maior que o dela, se não sou vítima de exageração.

(CV, n.º 598, de 26-9-1942, pg. 1)

Num esboço da Murtosa, dos seus campos, das suas águas, do seu panorama, da sua gente, ainda que imperfeito ou mais que imperfeito, ainda que traçado às escuras pela mão de um cabouco, como aquele que eu comecei a tentar nas linhas anteriores, não poderia certamente deixar de acentuar uma nota, entre todas talvez a que deita luz, ou uma luz mais do céu: a de ser ela, a Murtosa, um viveiro de vocações para a Igreja.

Dizem-me que os jardins da Murtosa já começaram a não ser tão ricos destas flores, como foram em tempos passados, como foram ontem, e que, agora, já não seria pouco contá-los por duas ou três vezes nos dedos das mãos. Não sei. O Sr. Arcipreste quis ter à volta de mim, na visita, os seminaristas e os sacerdotes que nasceram em berços da terra, embalados pela sua aragem; fez uma espécie de concílio patrício do clero da freguesia. Ora não direi que fosse propriamente uma capela sixtina nos dias das grandes solenidades de Roma; não direi mesmo que fosse a catedral de Lisboa ou de Braga, em maré-cheia de pontifical. Mas o cortejo das sobrepelizes, das dalmáticas e das capas de asperges era longo e vistoso na procissão; e, na Igreja, não só não havia acumulação de deficiência de ofícios e ministros, como até sobejavam clérigos para, assentados sem responsabilidades litúrgicas nos cadeirais, darem ideia de cônegos ou de beneficiados de alguma basílica. Não era ali com certeza que eu podia queixar-me ao povo de ser enorme a seara e serem poucos os operários para a trabalhar.

Vieram do norte e do sul, de Évora, do Porto, de Penafiel e de Beja, e será crível doutras proveiências que escapam no momento à minha memória. Havia lá um monsenhor e um cônego, dois arciprestes, uma dúzia de párocos, e outra, senão mais, de aspirantes mais ou menos próximos do sacerdócio. E o quadro, ainda assim, não estava cheio. Um ou outro, pela sua idade, conjuntamente com os embaraços de comunicações que nos tolhem os passos à margem da guerra, só de longe e em espírito assistiu à concentração da Murtosa. Outros ainda, como um capitular da Sé de Évora, o cônego Silva, nem os intimidaram as distâncias ou os desagrvos actuais das viagens só

os retiveram no seu posto atenções *in loco* e manobras especiais dos cargos que desempenham.

Eu creio que é ainda principalmente à Murtosa — e agora quando digo Murtosa quero alargar um pouco mais a vista e referir-me não só à terra como a toda a região murtoseira — creio que ainda é principalmente a ela que a nova Diocese de Aveiro deve a consolação e a glória de conceder vocações a outras que, embora mais ricas de tudo o mais, nos pedem de qualquer maneira a esmola de sacerdotes. Évora, Beja, Coimbra, o próprio Patriarcado, têm por lá, em maior ou menor abundância, filhos que adoptaram das beiras do nosso Vouga.

(CV, n.º 599, de 3-10-1942, pg. 1)

TORREIRA

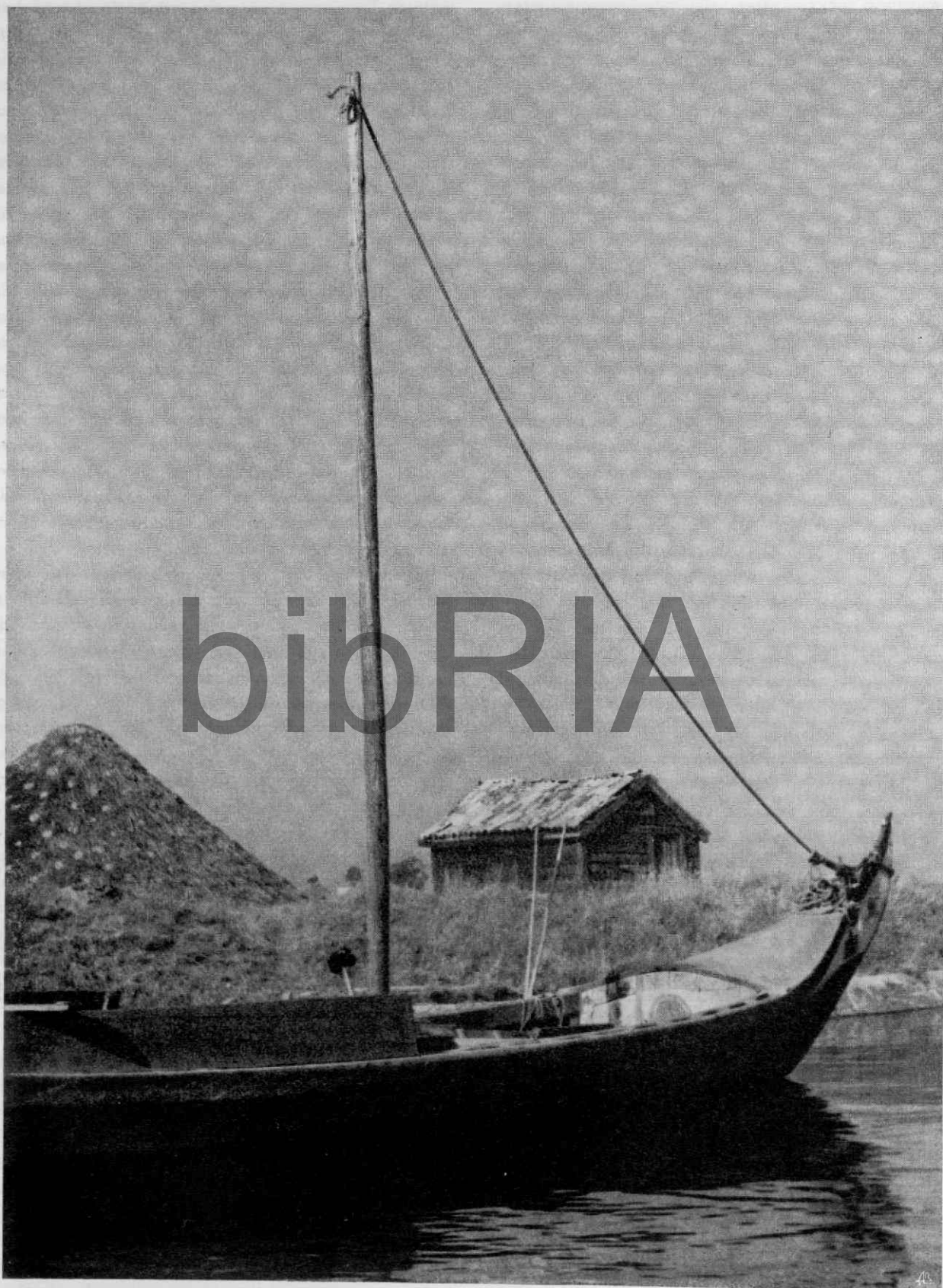
Eu não gosto de exageros de espécie nenhuma, embora ache às vezes graça a certas palavras grandiloquas, altissonantes, ou a certas imagens ou panoramas vistos à lente de aumento, sem cerimónia coloridos, hipertrofiados, com que nós, na febre do entusiasmo, pretendemos pôr em relevo a beleza que nos fascina ou a admiração que acima de nós e da nossa pequena medida nos ergue. Também a hipérbole pode servir para, feitos os devidos descontos, ficarem as coisas no seu quadro justo.

Nesta ordem de ideias é que eu não receio de dizer que, de todas as terras que eu conheço no mundo, sem falar de Aveiro porque afinal de um aspecto de Aveiro se trata, outra não há que tenha um encanto, uma magia de águas, de sons, de ruídos, uma luz tão doce, um sol tão límpido, um céu tão transparente, tão meigo, como tem a Torreira. Das terras que não conheço, se alguém me disser que há alguma em qualquer parte mais linda do que a Torreira, tenham paciência, eu não acredito.

E para prova é que eu, no passado domingo, durante a procissão do rio ao mar, do mar ao rio, e do rio pela lomba à igreja, com uma capa de asperges por cima dos ombros, com uma mitra apertada na fronte, com um báculo de ferro maciço nas mãos, à hora dum dia quente, senti por tal maneira refrescada a velhice, acordados os lânguidos nervos, que, quando alguém me perguntou se eu iria porventura cansado, eu respondi, quase indignado pela injúria que essa dúvida poderia representar para os ares da Torreira:

— Ó meu caro senhor, na Torreira nem os velhos se cansam, ainda que os ponham solenemente debaixo dum pátio, cobertos de espessas vestes umas por cima das outras, levando às costas ou nos braços o peso de um mundo! Como é que na Torreira se morre?

E o que ainda mais completa o enlevo do quadro e lhe imprime carácter é que a gente que a alma está



Barco Moliceiro

em perfeita harmonia com as cores inefáveis do ambiente que a cerca. As criancinhas têm nos olhos a candura dos anjos; embora mais ou menos torradas pelo sol do seu berço e pela áspera exalação das águas, mesmo assim, descalcinhas algumas, de andarem habituadas aos pés na areia, fariam lindas figuras no paraíso, com umas asas aos ombros, a voar e a piar como os passarinhos à roda de Nossa Senhora. Teria aqui Murillo farta fonte para se inspirar.

Dizem que os pescadores são rudes e não se aca-
nham lá muito de deitar a sua praga ao mar, às redes, aos barcos. Isso não teria lá grande alcance e estaria para os pescadores pouco mais ou menos como a camisola aos quadrados com que andam cobertos ou como o barrete de maçaneta que, como uma bandeira, lhes flutua à cabeça. Mas estes, é vê-los: sem afectação, sem arranjos, todavia tão correctos, tão graves, tão sociais, tão gentis, digamos mesmo tão afectuosos, tão abertos de alma, de coração, que até faz bem estar com eles. Até na maneira como as mulheres e as raparigas da terra se aproximavam do pálio para deitar as suas flores à passagem do Bispo, com aquela composição elegante e modesta que faria lembrar o Arcanjo S. Gabriel no quadro da Anunciação de Fra Angélico, pétala por pétala até à última, e depois a reverência, o olhar, o sorriso final, confundindo-se em seguida na multidão, até nisto, neste pequeno detalhe, se nota qualquer coisa de polido, eu diria de aristocrático, se não tivesse medo de algum sarcasmo, de diamante a luzir através das sombras da sua capa.

Está-se a ver portanto o apazível cenário que foi no fim, quando, ao sair da igreja, todos passaram diante de mim e uns, com a moeda pronta nas mãos, outros a procurá-la nos bolsos para a deitar na bandeja, foram enchendo das suas esmolas a sacola do Seminário.

Quando eu dizia a um pequenito, por exemplo: — Mas agora ficas sem dinheiro para os teu rebuçados — ele encolhia os ombros num ar de isenção, e dizia: — Ora! — como quem diz: não se trata agora de rebuçados! **maiora premunt!**

Quando eu dizia por exemplo à mulher do sacristão ou a outras mulheres em igualdade de circunstâncias: — Mas o seu homem já deu; já deu o seu filho! — elas, baixando os olhos, quase envergonhadas do justo reparo, diziam algumas: somos nove lá em casa! diziam outras: somos dez, somos doze! e acrescentavam todas: não há nenhum lá que não queira dar!

(CV, n.º 877, de 6-3-1948, pg. 2)

Do livro

«Aveiro — Suas Gentes, Terras e Costumes»

de D. João Evangelista de Lima Vidal

Por toda a Beira Litoral o mais afamado e activo centro de pesca de arrasto era, naqueles tempos, na costa da Torreira, e o seu peixe, mórmente as sardinhas, desfrutava as merecidas auras de celebridade retumbante, de saboroso que ele era!... Com localização mais cerca e directa, tal entrepósito achava-se ao alcance menos tormentoso e árduo, das isoladas povoações serranas, perdidas pelas vertentes das montanhas circundantes que só eram atingidas com suado custo e trabalhadeira pertinaz. Modo de vida sacrificante, quer o suão encardisse os ossos ou as frigideiras dum verão tórrido assassem as carnes dos azemeis em recovas, palheiros, arrantando sapaterras a chiar no trato quase diário de seus machos de cabrestos e cilhões tachados, guiseiras e chocalhos de cobre soantes. Elas, ajoujadas sob as canastras cheinhas, bufarinhavam pelos cerros ínvios aqueles clúpeos de gordos lombos — presigo maior, então, do pobre! — a parecerem retraços dos esmaltes verdes de Palissy, tantas vezes versicolores nos montes das lotas, ainda **vivinhas a saltar**, sempre que um gume de sol a poalhar vivo, lhes chapava sobre as escamas da farpela, embebida da salsugem da água, os raios irizados da sua luz, como reflexos de toda a gama dum espectro.

Assoberba-se, igualmente, com seus **ares e tomares**, fumos ostentosos de praia aristocrática, certo que, pelos meados do século passado, aos seus banhos de fundo e limpo mergulho com pimponices sobre as cristas farfalhantes das ondas, e aos bailes escolhidos do «palheirão» forrado no seu interior pelos brocados das esteiras de bunho, a fidalgaria de muitas léguas em redor, pressurosa e folgazã, acudia a recrear-se aos seus passatempos de alacridade e devaneios, embora muito comedidos e sornos, entregando-se à regalice daquelas areias fulvas e tão empachadas de um salutar iodo. Os rios Vouga e Águeda carreavam-lhe às barcadas ruidantes e de penachos coloridos com bandeiras festivas nos mastros e à proa, o melhor e empavesado gentio das terras que banhavam, e as raparigas morenas embiocadas nos capuchos lá das bandas do Caramulo, pegureiras bonitas, esmoleres tantas vezes, sempre a alegrar com a sua presença, mesmo no sorumbático do seu burel, as danças-de-roda das varinas pé-leve.

Por lá se divertiram morgados estroinás e pimhões, gentes das cortes amesendadas em altas cavalaria, titulares e políticos de nomeada, burgueses remediados e pobretes em ruínas. José Luciano de Castro que veio a ser um árbitro da vida política nacional, era o frequentador dos seus banhos higienizados, passando nesta praia as suas férias de estudante buliçoso, e até nela publicou o **Boletim da Torreira**, gazeta de humorismos e tentativa de literatices etnográficas locais, publicada em 1853 e impresso na tipografia do **Campião do Vouga**, em Aveiro. É pena que os nossos

arquivos, mórmente os da nossa região sempre preguiçosos em resguardar dos estragos do tempo e de uma criminosa dispersão estas preciosidades, não possam conter no fundo das suas estantes os cinco números do jornalzinho que tão grande celeuma e intrigas de salão chegou a levantar, entre as donas banhistas do tempo na praia escolhida da sua assídua preferência.

Perdura ainda hoje, entre os mais velhos murto-seiros, a forma da sumptuosidade das festas em que foi recebido o duque de Loulé na sua visita à Torreira, em 1867. Este venerando ancião era filho do também duque de Loulé, velho Mendonça, descendente da estirpe dos senhores de Biscaia, ligados aos Vale de Reis e ao Rolim que tinha sido condenado à morte por ser um dos que invadiram Portugal com as hostes de Massena e a quem D. João VI, em 1821, perdoou no Brasil quando ele pessoalmente o procurou para tal fim, conforme pormenores manuscritos num diário cuja cópia coeva o registo do meu arquivo avaramente guarda. Havia sido o chefe do chamado partido **histórico**, o qual em 1856 fora incumbido de presidir a um governo moderador sem qualquer inspiração **setembrista**, erguido perante o grupo de políticos audazes da Regeneração em seus planos de fomento e de economia, aos quais a mocidade ardente de Fontes dava alentos impulsivos, agitando doutrinas renovadoras.

Acompanharam-no nessa diversão e passeio à linda praia que toda ela se movimentava então nas estúrdias sonoras da romaria de S. Paio, — festa do melhor cunho e feição folclóricos da região marinha — seu filho o conde de Vale dos Reis, o ministro de Estado honorário Matias de Carvalho, o par do reino José da Costa Pinto Basto. D. Luís da Cunha, Figueira Freire, Francisco Ribeiro da Cunha e outras individualidades de relevo. O trajecto fluvial fez-se, ilustrado de grande animação e calor eufórico de vibratilidades emocionais, saído do cais da Ribeira, em Ovar, num cortejo inicial de 14 barcos que depois engrossou e se converteu numa flotilha embandeirada passante de 40 embarcações. Os edis camarários de Estarreja e Sever do Vouga apareceram a fazer os seus cumprimentos com bandas de música, assistidos pelas pessoas mais gradas das suas vilas. Os ares atroavam-se com o estampido dos foguetes e dos vivas. A certa altura desta grande manifestação de simpatia acorreram também em mercanteis adornados com festões de flores os arraiais da Torreira e «era digno de ver-se a alegria que respiravam aqueles rostos crestados pelo sol de Agosto, aquelas expansões de entusiasmo de almas singelas»..., no dizer do cronista do **Campeão das Províncias**. Nunca, nos factos históricos desta costa se viu uma coisa assim!...

Então, pelas tardes serenas, já de luz baça dos crepúsculos bem serenos e varridos de pesadelos, que o mar, sortilogo aglutinador, tanta vez, dos maus humores, das tristezas mofinas e sem conto, ia mergulhando nos fundos glaucos do insondável pélago, a empertigada gente d'algo, flamante de chanças, estadeava-se pela praia, descalça, no costume obrigado de todos os dias, amparando-se ao seu cacetinho de brunido marmeleiro ou de cana da Índia, no jeito daqueles janotas e faias dos tempos faustos do Império.

Bem depressa os pares sequiosos se perdiam, em andanças e contrandanças, por entre a neblina das moiteiras misteriosas, passarinhando até encontrá-las, àquelas apetecidas corcovas de afundimento abertas pelo vento mareiro, a concitá-los a inscrever na areia alisada dos seus terraços, as garatujas de um gorjeio de amor. Como a enflorar-lhes a cor, era lá que se encolhiam sobre os caules veludosos ou rastejavam nas brandas monticulações, as gotas azuis dos «**cordeirinhos**», pequeninas lágrimas presumidas, dir-se-ia antes pingos do azul-claro de Signarelli que um romântico artista, amante dos silêncios e dos ermos nostálgicos, por aqui e por ali, deixasse cair da sua paleta distraída, ao pintar uma das suas maravilhosas telas com a luz divina desses entardeceres.

De passo, as donas a quem o Diabo nada quiz pedir, destacadas em vigiar ao rondó vespertino, as ondas, pertinho, a delir murmúrios e cícios de leves sonsidos embaladores como canções de berço, toda a beleza de tons sanguíneos do sol a deitar-se nas lantejoulas das águas, deixaram-se ficar para trás, embevecidas de tantas maravilhas e a simular que entretidas no arregaçar tímido das saias compridas de folhos e rendas, quando a mareta sem a menor pudicícia e recato, vinha espreitar-lhes os segredos e tocar com os salpicos das espumas, os artelhos finos, de pele macia, mais alva que o luar...

O regresso fazia demorado, pelo lusco-fusco dentro, já a entenebrescer com a volta, coisas e pessoas numa fusão indecisa de tons, e começavam também a espreitar, rebitados na umbela azul dos céus um nada encandescidos, os cravos das primeiras estrelas, enquanto as ondulações mansas das vagas dobravam sobre o lençol das areias, epenechadas as suas cristas pela ardentia de miríades de seres que entornavam, à doida, incontáveis, infinitos cântaros de leite luminoso.

Vinha depois a ceia, suculenta, que os arraiais das companhas, às famílias eleitas por seu trato e méritos, haviam antes animado com as espécies finas, abocadas às redes dos últimos lanços. Após o prândio tradicional, as matronas sem mester de vigiar encolhiam-se ao canto aconchegadinho da sala ainda tépida das quenturas dos últimos raios do sol. Sentavam-se que nem mours acoradas sobre esteiras a rezar o

terço **pelos seus mortos**, para que Deus os aliviasse depressa das penas dos Purgatório. Nesse comenos, as **julietas**, essas, porque o folgar e divertir era atributo funcional do seu veraneio e da sua mocidade, iam-se para o «palheiro» assim popularizado; mais tarde substituído pela «assembleia» chique dos Sebolões. Urdiam logo uma roda de jogo de prendas, chegadas aos toques das pernas dos **romeus**, beliscões inocentes ou à surrelfia, de permeio, ais e soluços, desejos e anseios. Erguiam-se a jeitos de melopêa arrastada e plangente de «amentar as almas» no ermo profundo da noite, as estrofes mirradas do **Noivado do Sepulcro**, em que um sadismo em voga, romântico e piegas, tange emotivamente as cordas dos alaúdes nacionais. Tal uma nódoa de azeite, tanto alastrou pelos salões perfumados a incenso, da gente de prol, ouro-velho e sanefas de secular brocado, ora até pelas alcovas pintalgadas a ocre das marafonas. Foi uma praga como as do Egipto!...

Naqueles bons tempos passados, esta praia aliciava, assim, sem esforço, a especial atracção dos parquianos das redondezas que nela vinham divertir-se a seu modo e gozar horas bonanças, fora das agruras do dia-a-dia trabalhoso e cruciante. Depois, as modinhas do antigo curso foram obliteradas como velhas usanças **botas-de-elástico**, por anacrónicas e até risoteiras ridículas mesmo na opinião de muitos fabianos. E a afamada estância perdeu os seus créditos de rejuvenescimento de físico em ruínas, sendo desprezada pelo seu exotismo de patina, palmar, à margem das modernidades espampanantes que outras mais audazes e aventureiras ultrapassaram por seu mais fácil acesso, melhores cómodos, vida mais alegre, luxuosa, com regalos de prazeres, jogo e sensualidades..., que não nos mimos da Madre-Natureza tão pródiga, ar aberto, paisagens de fascinação, encantos múltiplos e seus primores de recato — complexo de jucundidade e abonos morais, muito de atender e preferir, se este mundo não andasse do avesso.

E porque os olhos, tocados e encandescidos de alumbramentos e de falsas miragens, já não vêem a nitidez dos melhores e mais elevados lances a alcançar, há que fornecer-lhes a visão doutras perspectivas mais rúbidas, doutra ética com aparências mais aliciatórias, ainda que seja de conturbado regabofe para presigo do corpo, que a alma, ilaqueada pelo efémero, já não conta...

Do livro

«Murtosa — Gente Nossa»

de Lopes Pereira

A ria é um enorme pólipó com os braços estendidos pelo interior desde Ovar até Mira. Todas as águas do Vouga, do Águeda e dos veios que nestes sítios correm para o mar encharcam nas terras baixas, retidas pela duna de quarenta e tantos quilómetros de comprido, formando uma série de poças, de canais, de lagos e uma vasta bacia salgada. De um lado o mar bate e levanta constantemente a duna, impedindo a água de escoar; do outro é o homem que junta a terra movediça e a regulariza. Vem depois a raiz e ajuda-o a fixar o movimento incessante das areias, transformando o charco numa magnífica estrada, que lhe dá o estrume e o pão, o peixe e a água da rega. Abre canais e valas. Semeia o milho na ria. Povoia a terra alagadiça e à custa de esforços persistentes, obriga a areia inútil a renovar constantemente a vida. Edifica sobre a água, conquistando-a, como na Gafanha, onde alastra pela ria. Aduba-a com o fundo que lhe dá o junco, a alga e o escasso, — detritos de pequenos peixes.

Exploram a ria os mercantéis, que fazem o tráfego da sardinha, os barqueiros que fazem os fretes marítimos, os rendeiros das praias que lhe aproveitam os juncais, os marnotos, que se empregam no fabrico do sal, os moliceiros que apanham as algas, e finalmente os pescadores da Murtosa, que são os únicos a quem se pode aplicar este nome, e que entre outras redes usam a solheira, a rede de salto, a murgeira e a branqueira.

O homem nestes sítios é quase anfíbio: a água é-lhe essencial à vida e a população filha da ria é condenada a desaparecer com ela.

Se a ria adocece, a população adocece. Segundo Pinho Leal, em 1150, Aveiro tinha doze mil habitantes e armava 150 navios. A barra atulha-se, a terra decai. Em 1575, com a barra outra vez entupida, os campos tornam-se estéreis e a cidade despovoou-se. A alma desta terra é na realidade a sua água. A ria, como o Nilo, é quase uma divindade. Só ela gera e produz. Todos os limos, todos os detritos vêm carregados na vazante até à planície onde repousam.

Ninguém aqui vem que não fique seduzido, e noutro país esta região seria um lugar de vilegiatura privilegiado. É um sítio para contemplativos e poetas: qualquer fio d'água lhes chega e os encanta. É um sítio para sonhadores e para os que gostam de se aventurar sobre quatro tábuas, descobrindo motivos imprevistos. É-o para os que se apaixonam pelo mar profundo, e para os medrosos que só se arriscam num palmo



A sardinha, sempre a saltar, vivinha.

d'água — porque a ria é lago e mar ao mesmo tempo. Com meios muito simples, um saleiro e uma barraca, tem-se uma casa para todo o verão. Pesca-se. Sonha-se. Toma-se banho. E esquece-se a vida prática e mesquinha. Dorme-se ao largo, deitando-se a fateixa ou abica-se ao areal: um foguareu, uma vara, a caldeirada... Começam a luzir no céu e na ria ao mesmo tempo miríades de estrelas. Vida livre dalguns dias, de que fica um resíduo de beleza que nunca mais se extingue. É a ria também sítio para os que querem descobrir novas terras à prôa do seu barco e para os que amam a luz acima de todas as coisas. Eu por mim adoro-a. É-me mais necessária que o pão. E é esse talvez o ponto da nossa terra onde ela atinge a beleza suprema. Na ria o ar tem nervos. A luz hesita e cisma e esta atmosfera comunica distinção aos homens e às mulheres e até às coisas, mais finas na claridade carinhosa, delicada e sensível que as rodeia. A luz aqui estremece antes de pousar...



...Aqui o drama é o da humidade. As névoas têm na ria uma vida extraordinária: cada gota possui uma alma distinta e irisa-se como uma bola de sabão. De forma que não só as figuras se harmonizam com os fundos, mas a todo o momento e à minha vista a paisagem húmida se transforma e muda de aspecto: afasta-se, prolonga-se, não tem fim nem realidade. Ao longe árvores violetas nascem n'água, o horizonte ainda cinzento teima em fixar-se, mas espumas azuis já estremece junto a reflexos verdes. Bois pastam na água, um barco navega no interior das terras... A ria é mágica e possui uma luz própria que a veste. Vem acolá uma vela vermelha que é uma nota inédita neste sonho diluído em água... É este o momento em que começa a aparecer o azul e que convém anotar. Dissolvem-se as névoas, mas deixam o ar carregado de humidade, deixam a luz reflectindo-se em milhares de gotas invisíveis, deixam a atmosfera impregnada de frescura e de vida. Esta passagem para o azul faz-se

lentamente até o azul dominar de todo. Atenuam-se as neblinas e ficam ainda farrapos suspensos, derretidos nos agueiros, agarrados à terra e embrulhados nas ervas. Um grande lanço de água vem até mim em pequenas ondulações azuis e por camadas sucessivas, como estas manchas que os pintores acumulam nos quadros com a ajuda da espátula. Junto ao barco a água reflecte um azul vivo e fresco como nunca vi. Longe azul desmaiado, perto azul como tinta. Vejo diante de mim a amplidão azul, num assombro. E todo este azul se põe a estremece nos milhões de gotas extáticas de que se compõe a atmosfera e que se empregam agora e ao mesmo tempo da mesma cor... Azul, azul, azul...

*

Distingo um fundo muito roxo — o recorte dos montes. Aqui a ria mais larga, aumenta ainda e divide-se, de um lado até Ovar, do outro até Salreu. É além, é além... Casinhas num reprego da encosta, onde apetece viver, perdidas no mundo e esquecidas do mundo. Mesmo à beira de água e reflectida na água a Murtosa aureolada de oiro: algumas casas brancas reluzindo, algumas árvores muito verdes em contraste e um canalzinho de abrigo para os barcos estranhos, com o leme estrambólico atravessado por um pau. Aconchego e sol. A fantástica esquadilha desdobra-se na água que estremece, menos em certos veios que ficam lisos de propósito para reflectirem os mastros num sarrabiobisco até ao fundo.

Agora o barco encalhou e a água está dourada até onde a vista alcança. Deixo-me ficar, olhando para o fundo da areia. A meu lado há um verde que nenhuma paleta pode dar, um verde vivo, um verde trespassado da luz que se coa pelos canaviais e todo se arrepiia à superfície do veio, ao mexer das quatro tábuas do barco, para enfim parar absorto no silêncio. Bóia aqui nestas águas uma alma entontecida, humilde e tímida tão ténue que pode desaparecer num sopro de um momento para o outro. Eixiste, mas não se sabe bem que existe. É quase nada. Um fio de oiro, silêncio, um reflexo de luz... Andem devagarinho com o barco — não vamos nós assustá-la.

Do livro

«Os Pescadores»

de Raul Brandão

Eu nunca tinha visto a ria de Aveiro. Daí — dirão — este meu entusiasmo. Ora a laguna, com os seus múltiplos canais, seus campos encharcados, seus horizontes abertos, sua exuberância de luz e seu sonho

de distância — é bela sempre e cada vez mais, afirmam os que todos os dias se banham no mistério da sua extensão panorâmica.

A ria de Aveiro — é uma maravilha. Fujo a descrevê-la, porque isso não está agora no meu programa.

Faltam aos meus olhos os palácios de mármore, as colunas de ouro, as igrejas erguidas em renda, as margens coalhadas de sonho e arte: S. Maria degli Scalzi, S. Marcuola, a casa dos Contarini, e a distância de ouro sobre gaze de azul de S. Giorgio Maggiore. Mas — lembro-me de Veneza... Uma Veneza despida, no seu estado imaculado, em plena exuberância primitiva, onde se adivinha a vontade de Deus, de tudo ficar como ele a criou. Maravilha contemplativa!

O canal segue até o mar, lá pr'a baixo, nem eu sei pr'a onde. E as margens respiram humildade e humildade; evolvem-se dos pisos encharcados emanações salinas, vêm-se fumos de casas que há um quarto de século abrigam heróis que refazem as areias em seiva, até darem rosas e pão, frutos e sombra — e, ao longe, com riscos de asas brancas de patos ou de gaivotas, esplendem as cidades: cidades agachadas que se fizeram a esforços que nenhum homem da Cidade é capaz de entender: cidades a que se chamam vilas, aldeias, lugares, praias de doce título e dulcíssima vida laboriosa: a Gafanha, mais Gafanha, S. Jacinto, a Murtosa, o Bunheiro, a Torreira. Os fundos cenográficos são recortados em bruma que não cabe nas paletas dos pintores: a Gralheira, o Caramulo, e adivinha-se o Buçaco na má vontade da manhã, que acordou sombria.

É uma maravilha a ria de Aveiro!

de Norberto de Araújo

No velho pontão da Bestida, que as invernias todos os anos despedaçam, dir-se-ia que Portugal acaba. Portugal e a terra na sua solidez física, nos seus costumes mais vulgares, e até nalguns dos elementos mais primordiais da sua vida. É outro mundo, líquido, brumoso, feito de distância azul, isolado do continente por uma ria maravilhosa, paleta de mil cores, tão larga que cabe nela o Tejo, nos seus dois quilómetros de água tranquila e adormecida. Fecham-se atrás de nós, como sob o pano de uma ribalta, as terras ribeirinhas da Murtosa, e de Bunheiro, entre pântanos virentes, muito tufados, milheirais extensos que ondeiam as suas bandeiras doiradas, pomares cerrados, onde os ramos já nos estendem os frutos maduros, corados de sol, que fendem a casca, peçados de sumo.

Uma fotosfera prateada envolve a ria que vem do Furadouro, lá longe, para nascente, recortada de canais, hérnias líquidas daquele ventre de água, extraordinariamente

fecundo que se desentranha em admiráveis espécies piscatórias que, por vezes, como a carnuda tainha, se vêm saltar à superfície cristalina, tão límpida que se enxerga o seu fundo doirado de areia, manchado duma verdura submarina, o moliço, com que a dez léguas em redor se adubam as leiras.

A visão da paisagem, na sua penumbra sobrenatural, ascende em sonho na visão extática de lirismo. Não há uma cor violenta, naquela paleta aquática, mas tons, sobre tons, prateados e violetas, tão etéreos e fugitivos, que parecem pintados numa laca japonesa, pelo pincel dum Outamarco ou dum Fujita.

de Artur Portela



E, conforme a hora e o cenário do céu, essa paisagem elisamente calma, ao mesmo tempo movimentada e silenciosa, oferece tonalidades diversas: ora é toda em **nuances** de sanguínea, com toques e relevos de ouro; ora em tons de azul, frescos e transparentes como os das marinhas dos azulejos de Delft; agora é o verde que predomina em gradações sucessivas, desde o verde-negro dos pinhais ao verde-marinho das águas paradas; depois é o alaranjado dos poentes; depois o violeta dos crepúsculos; depois os cinzentos desbotados; os pálidos tons de pérola, as aguadas de nanquim da noite que começa...

*

«E se há luar, se a lua cheia, surgindo atrás da cumeada das serras longínquas, vem banhar toda essa extensão de águas e de planícies — então os aspectos que ela oferece têm qualquer coisa de maravilhoso, de irreal, como uma visão criada por um sortilégio mágico. Entre o céu e a ria, a linha da terra fronteira é apenas um longo e fino traço escuro, um delgado filete de sombra. Os astros que cintilam no espaço

cintilam também nas águas, como se o firmamento se desdobrasse ou prolongasse em abismo aos nossos pés. E de leste a oeste, sob a incidência do luar, um grande leque de prata tremeluzente abre o seu enorme triângulo luminoso sobre a água, a que a aragem apenas dá uma ligeira crispação. É um esplendor! Então, num grande silêncio, em que só o monótono rumor do mar se ouve, uma pequena bateira de pesca movida a remos, um **moliceiro** velejando lentamente, uma **mercantel** impelida à vara, atravessam, lá ao longe, essa zona iluminada, num destaque nítido e cortante de pequenas sombras chinesas. E dir-se-ão visões de sonho, barquinhos de fadas, tripulados por minúsculos gnomos, negras gôndolas misteriosas, deslizando sem ruído numa laguna de águas argentinas...

*

Os moliceiros e os pescadores da Murtosa são os que mais a povoam. Toda a semana, durante alguns meses, vivem sobre essas águas, apanhando o moliço ou lançando as redes, dormindo na proa dos seus barcos, cozinhando neles ou perto deles, em terra, a sua frugal caldeirada.

«*Ria de Aveiro*»
de Luís de Magalhães



Mas a ria enche-se de asas brancas, garças reais que coalham o azul, além sobre a barra, onde a névoa fumega indecisa e lenta, e do outro lado, sobre Pardelhas, Estarreja, até Ovar bolinando ao vento.

É uma verdadeira esquadra, embandeirada em festa, porque hoje é dia de São Paio, na Torreira. Cada barco traz a sua povoação, a sua aldeia, a sua canção, as suas guitarras e adufes. A ria torna-se melodiosa, e sussurra, vibrante nas suas ondas de água, finas como cabelos de mulher, que os ventos represados percute como uma arcada de violino. Durante muito tempo

embala-nos aquela música aquática, dolente e enlanguescedora. As tonalidades mudam. Já não há azul. Os longes tornaram-se brumosos, e a água oleosa, baça, não tem uma vaga, uma crispação. Dir-se-ia um lago imobilizado por um silêncio astral. Um cinzento de agonia envolve esta paisagem de além mundo, prostrada na morte, se o sol não acordar antes da tarde.

Mas sobre a Torreira, estrolejam os primeiros foguetes da festa, com os seus balões brancos que, num jeito de pára-quedas, ficam a pairar no céu, e as canções dos barcos, que já não se ouviam, volta a ecoar numa harmonia de alaúde, sonambúlicas na sua tristeza de ladainha. Nem no dia de hoje o homem deixou a faina da ria. Ainda tem tempo para ir à sua casa lacustre trocar os farrapos curtidos de salmoura pela véstia negra de festa. À tona d'água vogam os moliceiros, de amura baixa, velas brancas, quadradas muito altas sobre o mastro, a proa subida e recurvada como o pescoço dum cisne, voltado para trás. O seu galbo esbelto, de fina estrutura náutica, que alguns dizem herdado dos Fenícios, mas que seria mais exacto, talvez, atribuir às embarcações dos Vikings, é uma curva alada, quase imponderável, que não fende as águas, antes desliza desposando as suas formas líquidas, numa subtil perfeição de equilíbrio.

Cada um ostenta à proa, num ingénuo painel pintado de cores álares, numa rusticidade de ícone, a que não falta o fundo de ouro, um rei coroado, de sumptuoso manto de arminhos, com todos os atributos de majestade. É modelo antigo que a tradição mantém ainda. Mas há variantes. A mais vulgar é um par de noivos com grande legenda de graciosa malícia, que o artista assina.

Dois homens, um à vara e outro ao moliço, este último com dois ancinhos, verdadeiras cravelhas de guitarra que vão rapando o fundo da ria e são levantados, alternadamente, constituem toda a sua tripulação. Há dezenas, centenas, todos do mesmo tipo, variando, apenas, na pintura da quilha, por vezes recordada da «falca», em largas bandas horizontais, onde o negro é constante, orlando dum almagre que criou ferrugem de ouro.

Mas a ria enche-se, mais e mais, de velas brancas. Parecem as núpcias do mar, que vêm de longe, de Aveiro, no seu labirinto de esteiros, vales e canais, aqui alargando, em golfos de contornada parábola, além mais impetuoso e extenso, quase sem limites terrestres, carreando peixe ou criando-o no seu fundo rico de plâncton.

O São Paio da Torreira,
a Romaria dos Pescadores
de Artur Portela

Murtosa

Por Jaime Vilar

Não é tarefa fácil para um cronista amador, noviço na etnografia e política dos povos, falar do panorama económico-social da Murtosa. A Murtosa é um dos mais novos e mais pequenos concelhos da metrópole. A sua posição geográfica deixou-a a desbanda das grandes vias de comunicação com importantes centros comerciais e industriais, debruçada sobre a Ria, Mar e Campo, cismando no seu destino numa quietação só perturbada pelas emoções constantes da ida e vinda

ção antropológica somática inicial à qual se sobrepôs a constituição de uma alma nova procedendo da acumulação dos resíduos anímicos de milhares de gerações que se sucederam e cruzaram moralmente com impetuosa intensidade.

O comércio reduz-se às estreitas limitações dos interesses individuais. Embora concorde que «a gente da Murtosa exerce o comércio com uma largueza que não tem semelhante em quaisquer outros povos das nossas



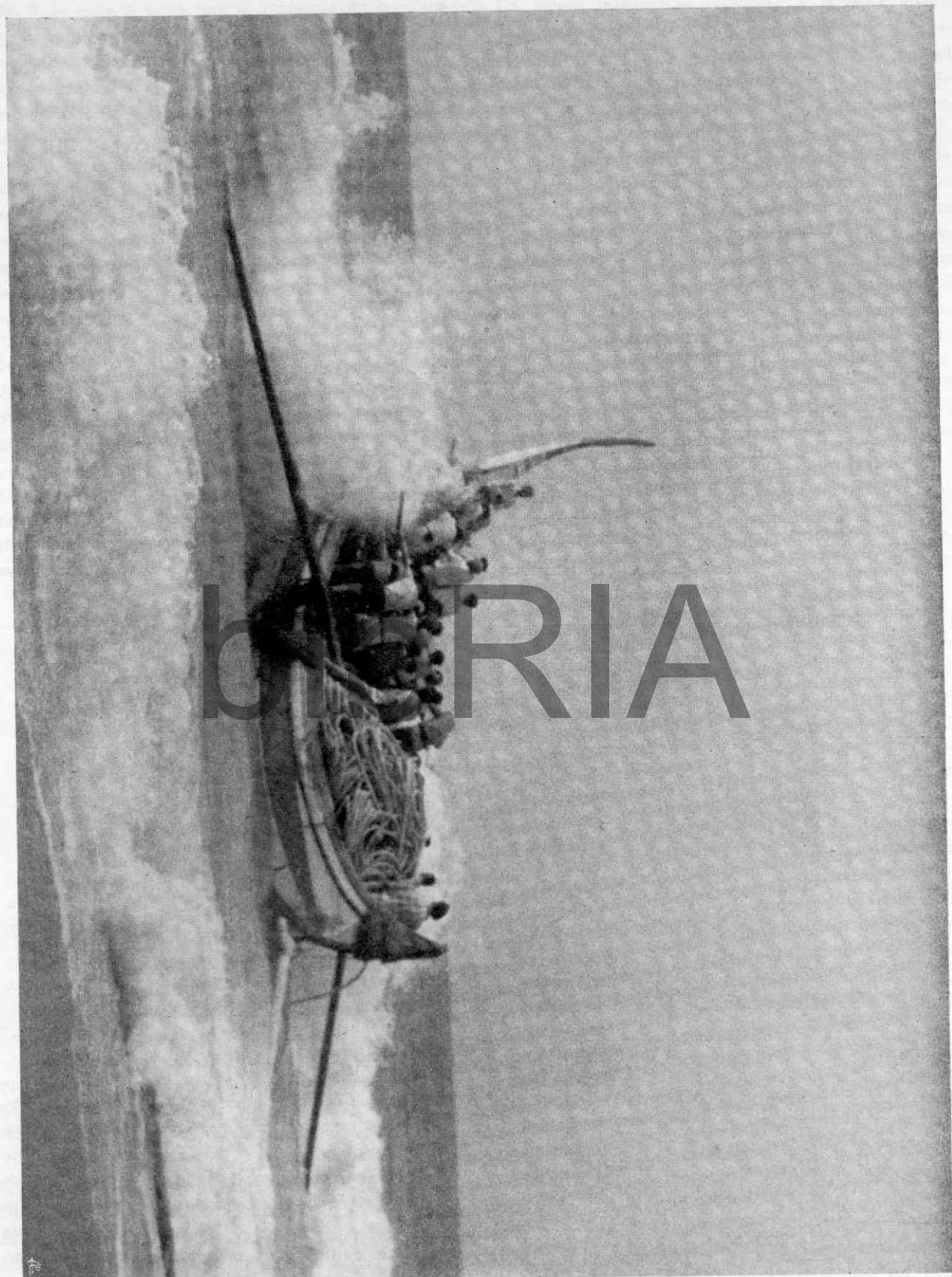
S. Paio da Torreira

de seus filhos dispersos pelo mundo. Oliveira Martins classificou de «anfíbia» a vida dos homens nesta região marinha onde se deu, no lento e longo cerimonial das vicissitudes dos séculos, o mais feliz casamento da terra e a água. Estará aqui a razão suficiente do marasmo da Murtosa? O seu desenvolvimento, na certa opinião de Jaime de Magalhães Lima, profundo conhecedor da gente ribeirinha, vai-se processando segundo o ritmo de evolução da sua constitui-

provincias, disseminando-se por toda a terra portuguesa e em toda colhendo e amalhando para enriquecer os casais onde nasceu», há-de entender-se que essa actividade mercantil, ambulante ou sedentária, é toda pessoal, sem ambições colectivas que extravazem as necessidades e sonhos do próprio ninho. Por ele afere as medidas de trabalho a peixeira, o taberneiro, o merceiro, o negociante. Esta exploração mercantil é, sem dúvida, cosmopolita, universal, e exerce-a com a

570170M

BOAT RIA



Barco ao mar, na Torreia

mesma facilidade na Murtosa, na capital, na América ou na Austrália onde a gente da Murtosa mantém os mesmos processo de subsistência, os mesmos costumes, a mesma voz, a mesma personalidade.

Um mercado promissor e merecedor de recinto adequado — preocupação actual da Câmara Municipal — atrai à Praça de Pardelhas, uma vez por semana, caravanas de mercadores de fora-parte. E o murtoseiro compra com mais engodo a mercadoria chegada do que aquela que se lhe oferece todos os dias nos estabelecimentos locais.

A indústria, que alimenta o grande comércio, está representada apenas na fábrica de conservas «Comur», com larga projecção e muita aceitação no mercado internacional cujas exigências a capacidade limitada de fabrico não pode satisfazer completamente nos prazos e condições desejados. Aliás a crise da pesca afecta profundamente o ritmo da produção. Os pescadores vão escasseando da Ria e do Mar. A xávega, que se pratica ainda na Torreira, é relíquia do passado mantida com unhas e dentes por um punhado de briosos murtoseiros. Pouco pesa na economia municipal. As peixeiras de canastra ao domicílio vão cedendo a função a carrinhas e carretas que «limpam» o pescado para a grande indústria conserveira e hoteleira. Apesar de tudo, o mercado do Peixe em Pardelhas é dos mais ricos e frequentados em toda a orla ribeirinha. É diário.

O bacalhau, o «dollar», qualquer outro ofício mesmo de pá e pico, em qualquer parte do Mundo, que cheire a rendoso, atrai e satisfaz o murtoseiro que, previdente, acutelado, temeroso do futuro dos seus, deixa barcos e redes, enxada e arado, pela aventura de emigrar. E não será verdade que o que a Murtosa tem presentemente de válido se deve ao emigrante? Pena é que a iniciativa particular não passe além do alindamento e conforto do berço e não se atreva a investimentos que prendam a população à terra, dando-lhe a certeza do trabalho quotidiano, a garantia segura de um salário justo e de um futuro sem apreensões.

Quando a Murtosa congregar todas as potências dispersas e reconhecer que contém em si o «abre-te, Sésamo» de um opulento destino, só então terá dado o passo decisivo para sua total valorização e para o seu definitivo enquadramento nos planos económicos da Nação. Vivemos numa era em que toda a actividade se realiza e desenvolve plenamente na equipa, no agrupamento, na corporação, e estiola e morre quando se isola no egoísmo, na busca do interesse doméstico, no âmbito asfixiante da capacidade individual. O conceito social de indivíduo está em vias de uma formulação nova que, futuramente, só poderá admiti-lo em termos de abstracção.

A pobreza dos nossos actuais recursos afecta, também, e de forma angustiante, a lavoura. O campo está deserto. As terras, maninhas. A gente foge da lavoura para a fábrica e para fora. Todos os esforços já tentados para colectivizar a tarefa agrícola e salvá-la da total ruína, fracassaram por falta de apoio de quem podia e devia apoiar, pela barreira difícil de tradições ingénitas, pela desconfiança com que o lavrador encara novas promessas depois de sofrer frustrações sem conta.

Presentemente assistimos a um despertar geral para a exploração de rendas esquecidas, mortas ou ignoradas, que as disponibilidades do Governo vão apadriñando. A Torreira perdeu já seu ar pacato que a sequestrou até há pouco do rol das grandes praias do nosso litoral. Hoje, ter casa na Torreira, veranejar na Torreira, é timbre de luxo. Não é de surpreender, portanto, que a nossa Edilidade olhe para ela como recôndito tesouro, fonte inexaurível de recursos e de fama.

A Torreira é eco ressoante das realidades turísticas do concelho.

É certo — com magoada surpresa sublinhamos — que as suas atracções não foram ainda tão longe como seria de esperar e que não tenham merecido de entidades responsáveis pela revelação de Portugal Desconhecido melhor atenção. Vejo, por exemplo, com assiduidade na Televisão Portuguesa reportagens e séries de imagens de romarias típicas colhidas em cantinhos escondidos do País, cantinhos de nome perdido entre os nomes das coisas pequenas e remotas. Quem se lembrou de chamar a atenção da TV para as Festas Concelhias, as festas do São Paio? Alguma coisa falta no nosso turismo. O São Paio é nota típica da nossa gente que ali se retrata no seu fâcies sócio-religioso, com apontamentos interessantes de folclore. Romaria enquadra entre Mar e Ria, num quadro de belezas sem par no Mundo, é, sem metáfora poética, uma festa de confraternização da Terra e Água, do Mar e Campo, do lavrador e do pescador, do rico e do pobre, dos velhos e dos novos.

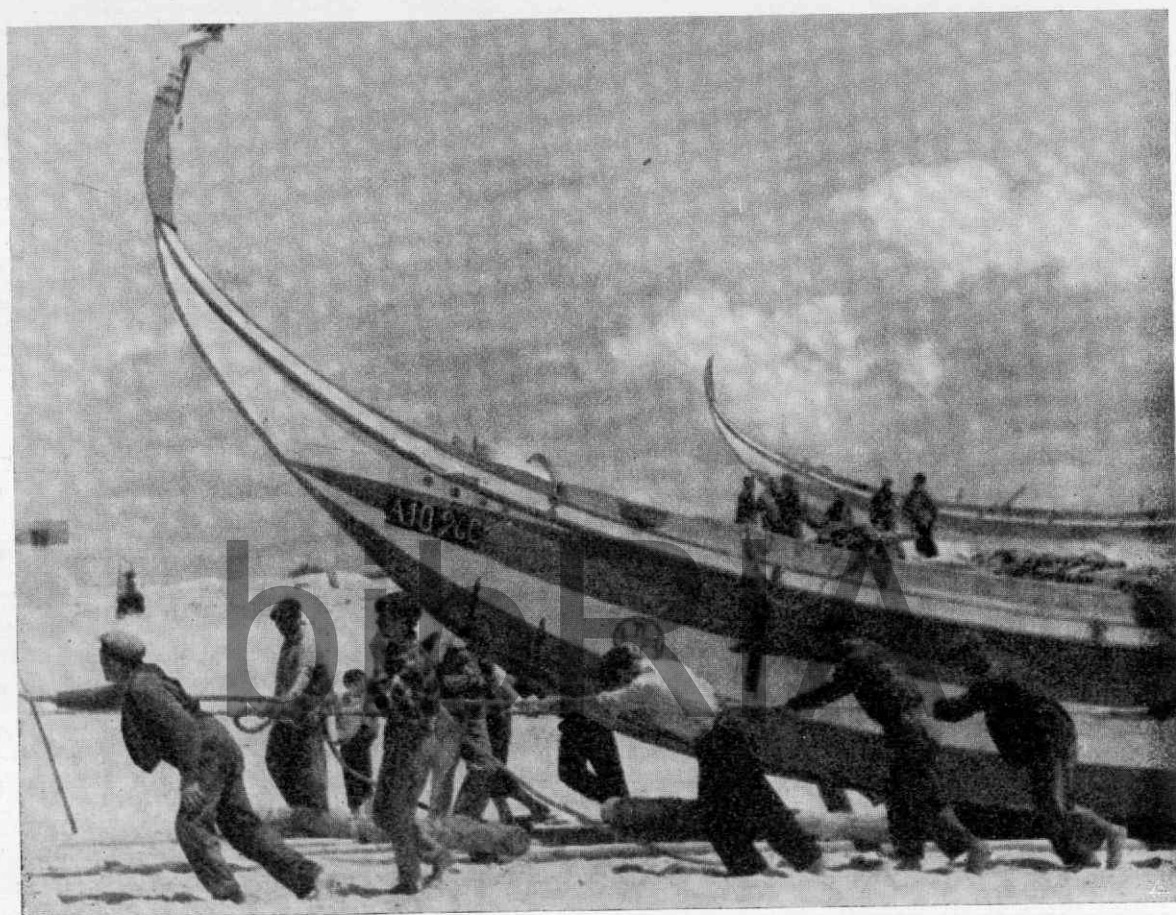
Apesar destas e doutras lacunas que o tempo preencherá, o Turismo é, nesta hora, a mais válida certeza económica da Murtosa. A Ponte da Varela, lançada sobre a Ria — magnífico dom da Natureza e Alma-Mater da nossa gente — veio facilitar a comunicação com a banda de cá, relegando para lugar secundário a obsoleta carreira de lanchas. A projectada estrada Murtosa-Aveiro será complemento arrojado da teia de ligações que porão a Murtosa na perspectiva de grandiosas realidades. Este sopro de progresso será, porventura, a viragem de uma página na história do concelho a marcar para sempre estas três décadas finais do nosso século. A Câmara da Murtosa, mãos dadas

com a Junta de Turismo da Torreira, com a participação indispensável do Governo da Nação e com a compreensão e audácia das iniciativas particulares, está empenhada nesta empresa de valorização.

Traçam-se novas e amplas estradas, modernizam-se as antigas. Todo o concelho está electrificado, e a rede de distribuição de energia eléctrica vem sofrendo metódica e eficiente remodelação, dentro das exigên-

cias do consumo muitas vezes multiplicado na última década.

O esquema de perspectivas e o resumo de actividades da Murtosa que acabámos de traçar bastará para uma sumária e rápida visão do «statu quo» do concelho. O estudo em pormenor deste tema fica para os entendidos na matéria. Para mim é altura do ponto final.



Mar da Torreira — Barco de Pesca.

Viseu-Aveiro de mãos dadas

*Dois distritos amigos e vizinhos
De mãos dadas, muito firmes e juntinhos,
Fazem hoje, aqui, o juramento,*

*Que enquanto não puderem conviver,
Por via que se possa percorrer,
Não terão sossego um só momento.*

No passado dia 10 de Outubro Aveiro foi a Viseu. Aveiro-Cidade, Aveiro-Ria, recebeu o abraço amigo, sincero, mesmo fraterno, de Viseu.

No limite dos distritos Aveiro e Viseu abraçaram-se. Nos Paços do Concelho teve lugar a sessão de amizade. O Presidente da Câmara Municipal de Viseu, Dr. Juiz Nelson Bento do Couto, saudou as Autoridades Aveirenses em termos repassados da maior alegria, expressando o júbilo das gentes Viseenses ao receberem

Aveiro, manifestando a mais viva esperança quanto aos frutos de tão auspicioso como promissor encontro. Para tanto, são fundamentais os interesses comuns que a todos necessário se torna concretizar.

Em resposta, o Presidente do Município Aveirense, Dr. Artur Alves Moreira, ao agradecer tão festiva recepção, rendeu as mais sentidas homenagens às Autoridades e ao Povo de Viseu, enaltecendo o alto significado da visita que motivará amplo estreitamento de



O abraço amigo dos Governadores Cívicos de Viseu e Aveiro.

relações e profícuo entendimento e colaboração, em ordem a atingir-se, fundamentalmente, um intercâmbio social, cultural, económico e turístico, que, é evidente, resultará da concretização da comum e urgente aspiração: **a grande rodovia Aveiro-Viseu.**

Acerca de tão importante cometimento, falaram, também, e de que maneira, os Poetas Viseenses.

Seguiu-se a visita informal em que as leis do protocolo cederam radicalmente às que se fundam na mais sã e pura amizade.

Viseu recebeu Aveiro como só Aveiro receberá Viseu.

Viseu e Aveiro falaram, também, pela voz dos seus mais autorizados representantes.

Das palavras proferidas pelos dois Governadores Cívicos, destacamos as que se seguem, às quais juntamos o que a pena inconfundível de Eduardo Cerqueira escreveu há mais de uma década, e com elas concluímos:

UISEU-AVEIRO DE MÃOS DADAS

Governador Cívico de Viseu: O Rio Vouga vai destas terras altas da Beira juntar-se, lá em baixo, às águas do Atlântico. Iniciou-se agora uma jornada grande de fraternidade entre povos ligados por esse elemento — irremovível, porque o que Deus une o homem não pode separar.

Governador Cívico de Aveiro: Às quatrocentas e trinta mil almas de Viseu juntam-se quinhentas e cinquenta mil almas aveirenses — quase um milhão —, treze por cento, feitas as contas, no cômputo demográfico do País. E hoje sairemos daqui mais compenetrados de que, começando Aveiro na viseense Serra da Lapa e terminando Viseu na Ria, os nossos comuns interesses, se valorizados pelo empenho comum de verter em riqueza as nossas imensas potencialidades, serão enorme e desejável e permanente contributo para a riqueza nacional.

ONDE NASCE O VOUGA

«Aveiro é lá em baixo, na terra rasa e branda de ao pé do mar. Viseu fica cá pelo alto, cá pelos cimos maciços e magestosos, no centro geográfico e administrativo da região onde brota o Vouga. O rio corre infatigavelmente a levar-nos a vossa água, a linfa da vossa terra — dador eterno do sangue das veias dos vossos agros, que se empobrecem em nosso proveito. Algures desponta singelo como uma fonte; e depois é arroio, e adiante regato, e por múltiplos contributos engrossa e dilata-se; serpeia, saltita pressuroso, vence obstáculos com afã e alvoroço e, como se uma bússula tirânica lhe impusesse o caminho, busca, inalteravelmente a nossa Ria.

É uma prova de amor perpétuo e um consórcio indissolúvel cada dia renovado.

Aqui há uns quantos milhares de anos, estas boas terras de Viseu eram já velhas — e as que circundam Aveiro ainda não existiam.

O rio carregou materiais sem descanso, dia após dia, ano atrás de ano, e por séculos sem conta. E, assim, esta terra generosa ajudou a formar a minha, numa oferta altruísta e constante que data das idades geológicas e perdurará por incalculáveis tempos.

E o rio, que não cessa de correr e só à beira da nossa porta abranda a marcha para chegar, manso, numa carícia; o Vouga que, num ambiente de geórgica, se derrama amorosamente na laguna — e lhe adoça o marinho travo-salgado — abriu um trilho, rasgou uma senda e imprimiu um sentido permanente no fluir para os nossos plainos, que dos elementos físicos se comunicou às predilecções humanas.

Atrás do rio seguiu a gente com o seu abraço fraterno e as reiteradas demonstrações de muito afectuosa solidariedade.»

Ensino Secundário, Artístico, Médio e Superior na região de Aveiro

Comunicação apresentada no X Congresso Beirão, em Coimbra, pelo Presidente da Comissão Municipal de Cultura do concelho de Aveiro, Dr. Orlando de Oliveira, Reitor do Liceu Nacional de Aveiro e Vereador da Câmara Municipal

Estão em curso no Ministério da Educação Nacional estudos muito sérios sobre o planeamento do ensino e «como é sabido, o primeiro e fundamental objectivo a alcançar consistirá na elaboração de um Estatuto da Educação Nacional, carta magna do ensino, lei básica onde se contenham os grandes princípios orientadores, as ideias-força, onde se dê forma e expressão a um sistema renovado de acção educativa, fiel às grandes constantes do Cristianismo e da Lusitanidade, mas modernizado em função das exigências do presente e das tendências do porvir». (Ministro Galvão Teles, em discurso de 2 de Abril de 1964).

Mas, «um planeamento satisfatório do ensino deve, não só salvaguardar o que pertence a tradições respeitáveis e garantir o presente, como preparar o futuro» (E. Planchard em Revista Portuguesa de Pedagogia, 1963).

Tem sido afinal na linha destes dois pensamentos que nós, sempre debruçados e atentos aos problemas e ocorrências aveirenses, vimos propugnando o enriquecimento regional em estabelecimentos de ensino, na convicção ou, melhor, na certeza de serem as Escolas os alicerces seguros para as infraestruturas sociais necessárias ao progresso social, ao avanço das técnicas, ao aperfeiçoamento da personalidade humana e à evolução desejável e segura dos povos.

O distrito de Aveiro ocupa o 4.º lugar no censo populacional português, de 1960, pois, tirando Lisboa e Porto, só Braga e Aveiro têm mais de 0,5 milhão de habitantes, o que representa 6,3 % da população total do continente.

Quase bastariam estes números para justificar a presente comunicação, mas as quantidades dizem pouco se não forem cotejadas com as qualidades e, para elucidação bastará apontar o facto de o distrito de Aveiro ser o de maior colecta industrial, depois dos de Lisboa e Porto, e muito acima de todos os demais.

Quer dizer, uma cidade relativamente pequena encabeça uma região das mais populosas e das mais

industrializadas do continente, isto é, uma região das de maior capacidade económica, com maiores necessidades de braços, de administradores e de técnicos.

Tais características exigem uma rede escolar que só poderá ser eficiente se for bem estudada para poder ser convenientemente disseminada.

Quanto ao ensino primário, os 58 438 alunos do distrito de Aveiro, em 1962, estiveram distribuídos por 1116 estabelecimentos de ensino e, sem entrarmos em pormenores excedentes do nosso objectivo, partiremos do princípio que a rede escolar é razoável, com malhas de dimensões aceitáveis, formulando no entanto o voto de que o aumento de escolaridade obrigatória, recentemente decretado e prestes a entrar em vigor mantenha o ensino primário no mesmo bom nível em que até aqui se tem processado, graças à alta categoria profissional de muitíssimos dos seus professores.

Ora, se até há poucos anos era considerado suficiente o «ler, escrever e contar» grande aspiração de há um século, hoje tudo se encaminha para que a instrução de base dos portugueses venha a ser a do segundo ciclo dos liceus, aproximando-se desde já do 1.º ciclo quando em pleno funcionamento a nova estruturação do ensino primário, com os 6 anos de obrigatoriedade a que atrás me referi.

As populações sentem a necessidade de procurar as Escolas e é esta a grande alavanca causadora do afluxo de alunos ao ensino secundário, liceal e técnico. Assim, o distrito de Aveiro teve em 1962 cerca de 9 200 alunos matriculados nesse grau de ensino, os quais se utilizaram de 23 estabelecimentos de ensino liceal e 12 de ensino técnico profissional, num total de 35, portanto. Quer dizer: também neste grau de ensino a rede escolar é já razoável, com tendência para nítida melhoria com a abertura de mais liceus e de mais escolas técnicas, como parece estar planeado ou a planear-se. É este o momento oportuno para se salientar

que o meu pensamento geral está perfeitamente integrado no do Ministério da Educação Nacional, que dotou já o distrito de Aveiro (em 1962) com 12 estabelecimentos de ensino comercial e industrial, isto é, com um número muito superior ao de qualquer outro distrito (excepção de Lisboa e Porto). Esta atitude do Governo será o melhor testemunho para documentar a doutrina que venho defender, dando-me a certeza de que já encontrarei caminhos bem abertos para os problemas que vão seguir-se.

Vivendo assim, neste ambiente aveirense em que se sente palpar estuamente uma ânsia de progresso, não podia a minha sensibilidade profissional ficar indiferente, nem poderia consentir na estagnação do problema escolar regional. Eis porque procurei afinadamente alguns auxílios e boas vontades (Fundação Calouste Gulbenkian, Junta Distrital e Câmara Municipal de Aveiro), graças às quais se instalou em Aveiro um estabelecimento para o ensino de música, que já conta 5 anos de existência, com um historial de resultados escolares famosos, e deve ficar dentro em breve instalado em edifício apropriado, conjuntamente com escolas para o ensino de pintura e de escultura. Como apontamento relevante deixo aqui ficar o de que o distrito de Aveiro é o único que possuía em 1962 três estabelecimentos de ensino artístico (música e teatro).

Foi ainda pelas razões apontadas que ajudei e encorajei a instalação em Aveiro de um Instituto Médio de Comércio, já a funcionar, e que traz dentro de si o germe de um Instituto Industrial.

Quer o Conservatório Regional de Aveiro, quer o Instituto Médio de Comércio de Aveiro, são estabelecimentos de ensino particular, como particular é também a Escola de Magistério Primário de Aveiro, inferindo-se daqui que, embora o Governo tenha cuidado dos problemas escolares de Aveiro, a iniciativa particular, integrada nas necessidades locais e na vitalidade pujante da região, tem procurado completar a acção estatal, criando estabelecimentos de ensino de diversos graus e modalidades; correndo todos os riscos inerentes a empreendimentos congéneres, mas, de qualquer modo e sempre dando valioso contributo para a promoção social da juventude portuguesa; e evitando que o Governo gaste verbas avultadas com a manutenção de muitos estabelecimentos de ensino que já teria sido obrigado a instalar se não fosse a referida actividade particular.

Ninguém pode ignorar, nem minimizar a acção dos estabelecimentos de ensino particular, chamem-se eles

Colégios,
ou Institutos,

ou Escolas do Magistério,
ou Conservatórios,
ou Seminários,
ou qualquer outra coisa!

O próprio Estado reconhece o seu valor ao tomar posição sobre certos problemas como oficialização para realização de exames, auxílio para construção de edifícios, etc. Todavia, o mesmo Estado, embora por outro departamento, considera estes estabelecimentos particulares como entidades industriais com apreciáveis lucros de exploração e aplica-lhes tributações que os inibem de se instalar melhor, ou de adquirir melhor material didáctico, ou ainda de aumentar as suas bolsas de estudo a alunos necessitados, o que é mais importante de tudo.

Cremos que a Inspecção do ensino poderia fazer com que esses estabelecimentos se tornassem mais operantes ainda na difusão da cultura e mais generosos na concessão de benefícios a alunos e se apetrechassem melhor, mas com a condição de os isentar das contribuições destinadas ao Estado ou às Câmaras Municipais. Em muitos dos países mais desenvolvidos o ensino particular de todos os graus é amplamente difundido, e trabalha sob a orientação oficial e é largamente subsidiado pelos Governos que consideram esses subsídios, não como manifestações de generosidade, mas como imposições de natureza social, para bem dos povos e das gentes. Deste modo, esses Governos conseguem ter uma rede escolar muito eficiente, gastando verbas que, embora avultadas, são muito inferiores às necessárias para uma rede de extensão comparável, mas de carácter oficial.

Em conclusão deste preâmbulo poderemos afirmar que Aveiro e seus termos possuem uma rede escolar razoável quanto ao ensino primário, quanto ao ensino secundário técnico, quanto ao ensino secundário liceal, quanto ao ensino eclesiástico, quanto ao ensino artístico (música, pintura e escultura), quanto ao ensino do magistério primário e até quanto ao ensino das artes da pesca.

Está neste momento a iniciar o seu apetrechamento para o ensino infantil no Conservatório Regional de Aveiro e para o ensino médio no Instituto de Comércio e no Instituto Industrial cuja autorização já solicitou.

Mas falta-lhe muito para satisfazer os anseios e necessidades a que se julga com pleno direito.

Assim, nada tem para

- a) — Ensino do Magistério Infantil;
- b) — Ensino Médio Agrícola;
- c) — Ensino Médio Veterinário;
- d) — Ensino Social;
- e) — Ensino de Enfermagem;

- f) — Ensino de Parteiras;
- g) — Ensino de Arquitectura;
- h) — Ensino Náutico;
- i) — Ensino de Educação Física;
- j) — E ensino superior nas modalidades aconselháveis para o desenvolvimento das suas características económicas, sociais e políticas.

Todas as alíneas mencionadas se poderiam justificar abundantemente, pois que, o anfiteatro geográfico que se desenha desde as serranias de Arouca, Carumulo e Buçaco até à planura onde se encaixou lânguidamente a formosíssima laguna, nos oferece todos os degraus de variadíssimas actividades humanas à espera da hora em que possam resplandecer, à sombra da cultura e da ciência que reclamam.

Dentre elas, aflore-se fugidamente o alto valor da agricultura e da criação de gado em zonas onde vivem triunfantemente a indústria de lacticínios, a produção de batatas, de chicória, de vinho, etc.

É necessário abrir as portas do futuro para as outras regiões portuguesas, além das consideradas tradicionalmente universitárias, colocando nas mãos dos jovens das zonas mais valiosas os instrumentos de trabalho necessários ao desenvolvimento local; é preciso e urgente atirarmos fora com o regime de centralização ora vigente em questões de ensino e darmos à Juntas Distritais e às Câmaras, a possibilidade de criar e fomentar o ensino médio e o ensino superior nas suas circunscrições, desde que provem e demonstrem a necessidade das suas aspirações.

Foi assim, pensando nestes factos e equacionando-os, que sempre prestei a maior atenção ao evoluir dos acontecimentos e dos pensamentos humanos.

A casa portuguesa, por bem arrumada e bem administrada nas últimas 4 décadas, foi-se capacitando e convencendo de que, embora com a modéstia e parcimónia das casas modestas, ainda valia o suficiente para sair do marasmo e organizar a sua vida em normas mais ousadas e prometedoras. É este aliás o desejo do Governo, e serão estes certamente os votos de todos nós.

Assim, quando em Novembro de 1960 era Ministro da Educação Nacional o Senhor Professor Engenheiro Leite Pinto, eu apresentei numa sessão ordinária da Câmara Municipal de Aveiro a seguinte proposta que foi aprovada por unanimidade:

«Em Outubro findo uma Comissão avistou-se em Lisboa com o Senhor Ministro da Educação Nacional para solicitar a restauração duma Universidade em Évora, à qual aquele membro do Governo respondeu com um discurso de que os jornais publicaram um resumo donde consta o seguinte passo: — A «pretensão posta pela Câmara Municipal de Évora

dava-lhe igualmente ensejo a manifestar o seu pensamento de que deveríamos tentar instituir estabelecimentos de ensino superior noutras terras nacionais, onde porventura se poderiam criar institutos superiores de função politécnica. Uma extensão de ensino politécnico devidamente programado teria ainda a vantagem de aliviar a pressão que se regista nas Universidades, nos seus primeiros anos de estudos. Reconhece-se a necessidade de alargar as raízes da árvore universitária portuguesa e será neste pensamento que poderá encarar-se uma restauração de Estudos Superiores em Évora. Uma nova Universidade — repetiu — é ideia utópica. Nem uma só Faculdade e incompleta, mantida ou não pelo Estado. Entregar o edifício da secular Universidade alentejana — formoso monumento nacional em que poderia ficar bem um museu — à instalação dum colégio propedêutico, não é igualmente de aceitar. Hoje, quaisquer estabelecimentos de ensino de grau superior ou secundário têm de dispor de instalações de raiz, tantas são as exigências desse ensino em matéria de acomodações e de apetrechamento».

Segundo estas palavras, Sua Excelência o Ministro da Educação tem a intenção de «instituir estabelecimentos de ensino superior noutras terras nacionais, onde porventura se poderiam criar institutos superiores de função politécnica», o que nos leva, antes de mais nada, a aplaudir a anunciada descentralização do ensino superior, propondo que a Câmara Municipal de Aveiro saude aquele ilustre Ministro e lhe apresente calorosas felicitações por tão nobremente se propor difundir o ensino, colocando-o ao alcance de tantos jovens com capacidade intelectual bastante para se valorizarem e aumentarem o capital humano português, mas que não podem ser aproveitados nesse sentido, por deficiências da sua economia familiar.

Depois, e atendendo à elevada posição que o distrito de Aveiro ocupa, tanto no campo intelectual como na vida económica nacional; e atendendo ainda a que a cidade e o concelho de Aveiro tem no seu distrito uma consagrada posição de verdadeira capital regional, graças ao prestígio alcançado pelos seus elevados valores humanos e industriais;

Tenho a honra de propor que, juntamente com aquela mensagem de saudação e aplauso, seja manifestada a Sua Excelência a muita necessidade de se instalar nesta cidade de Aveiro um dos estabelecimentos previstos nas suas palavras, o que seria caminho logicamente seguido por numerosos alunos (mais de 8 000) que hoje frequentam o Liceu, as Escolas Técnicas e os Colégios deste Distrito.

Para tanto, tenho como certo que esta Câmara me acompanhará no pensamento de levarmos até junto de Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional

a afirmação da nossa presença, do nosso aplauso e da justiça da nossa solicitação».

Depois, passado um ano, tive a honra de apresentar na mesma Câmara outra proposta que vou ler e foi igualmente aprovada por unanimidade:

«Em quatro de Novembro do ano findo, e baseado num discurso proferido pelo Excelentíssimo Ministro da Educação Nacional Professor Engenheiro Francisco Leite Pinto, quando respondeu ao pedido duma Comissão de Évora que lhe pediu o restabelecimento da Universidade daquela cidade, tive a honra de propor nesta Câmara que fosse manifestado àquele membro do Governo o nosso aplauso pela ideia de virem a ser criadas instituições escolares de nível superior em várias cidades da província, e fosse desde logo apresentada a candidatura de Aveiro para tal efeito. Depois disso foi já encarado pelo Governo a criação de Universidades no Ultramar Português e agora, na recente abertura das aulas da Universidade do Porto, o Professor Doutor Alexandre Alberto de Sousa Pinto, antigo Ministro da Educação Nacional, proferiu a oração de «sapiência» de que os jornais do dia vinte e sete de Outubro inseriram largos extractos. — «Ocupando-se depois das mais urgentes necessidades da Universidade portuense, expôs as dificuldades que, para o ensino, resultam do excessivo número de alunos que se inscrevem anualmente, nos primeiros anos das Faculdades de Ciências, dificuldades que devem sentir-se, igualmente, nas Universidades de Coimbra e de Lisboa. Sugeriu a criação de escolas de nível universitário, para o ensino dos três primeiros anos, em Braga, Évora e Viseu, directamente dependentes das Reitorias do Porto, Lisboa e Coimbra, como desdobramentos das Faculdades, e cujos alunos teriam o direito de, vencido o terceiro ano, virem concluir os seus cursos em qualquer dos centros universitários actuais. Mostrou, em seguida, a necessidade de ser completada a Faculdade de Letras, que, agora, começa a sua vida, com as secções de Filologia Românica e Filologia Germânica. — Referiu-se, depois, largamente, ao extraordinário desenvolvimento da investigação científica no mundo contemporâneo e ao papel que nela cabe às Universidades, bem como à projecção exterior destas no meio que as cerca, cujas actividades devem procurar orientar e ajudar a prosperar». — Depreende-se da análise destes factos que existe no espirito de pessoas altamente qualificadas a ideia arreigada da necessidade de expandir o ensino universitário, não só pela enorme valorização do povo português que daí adviria, mas ainda porque o aumento gradual da população escolar das três universidades existentes, torna ineficiente e quase impossível um bom ensino e, consequentemente, um bom aproveitamento escolar e social da massa estudantil dessas Universidades. Ponderando todos esses factos e, tendo em aten-

ção o alto nível técnico do distrito de Aveiro, com o consequente consumo e aplicação dos indispensáveis diplomados para o progresso da capacidade técnica do mesmo distrito já largamente comprovada, tenho mais uma excelente oportunidade de tentar servir os interesses de Aveiro na sua mais elevada expressão, o que vou fazer com a seguinte proposta:

1.º — Que o Excelentíssimo Presidente inclua na sua agenda de realizações imediatas, como da maior importância, a tentativa, junto do Governo, para que em Aveiro seja criada uma Escola Superior com as características aconselháveis pelas necessidades de ordem local, com a orgânica que o Governo tiver como mais conveniente;

2.º — Que a Câmara, se nesse sentido for solicitada, se mostre presurosa e interessada no sentido de conceder facilidades e até, se necessário, de arrostar com sacrifícios;

3.º — Que a esta proposta seja dada a maior publicidade e seja pedida a maior colaboração da imprensa, a fim de ser criada uma corrente de opinião que possa movimentar-se no sentido mais conveniente para dinamizar uma realização que o todos nós traria muito interesse e enorme júbilo».

Outro ano se passou, e em Novembro de 1962, e mais uma vez na mesma Câmara de Aveiro, mereceu aprovação unânime uma nova proposta que leio em seguida:

«No dia trinta de Novembro de mil novecentos e sessenta e dois, realizou-se em Lisboa o Encerramento do Congresso de Engenharia, no qual usou da palavra o prestigioso e magnifico Reitor da Universidade do Porto, Professor Engenheiro Correia de Barros. No «Comércio do Porto», do dia imediato apareceu uma local, sob o título «Uma possível solução»: — «A criação de estudos gerais em algumas cidades da província». Perante esta notícia, em que se verifica que está de pé a ideia de ampliar o ensino superior na Metrópole Portuguesa, proponho que desta sessão saiam dois propósitos:

1.º — O de manifestar ao Excelentíssimo Professor Engenheiro Correia de Barros, por meio de um officio, a nossa congratulação e solicitar desde já a defesa da candidatura de Aveiro a qualquer pretensa reforma do ensino superior que neste sentido venha a planificar-se;

2.º — Logo que possível, pela Presidência da Câmara, venha a pôr-se a Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional, uma resenha destes propósitos que a Câmara de Aveiro vem fazendo de há três anos para cá».

Pouco depois, em 4 de Janeiro de 1963, nova proposta e nova aprovação unânime:

«A Câmara tomou conhecimento de um officio da Reitoria da Universidade do Porto, a acu-

sar a recepção da cópia da acta da reunião ordinária da Câmara, realizada em sete de Dezembro último na parte que se refere à candidatura desta cidade à instalação de Ensino Superior em qualquer pretensa Reforma desse Ensino.

Seguidamente apresentei a seguinte proposta:— «Já por diversas vezes tenho tido a honra de levantar a minha voz nesta Câmara sobre problemas de ensino, e com vista sempre ao enriquecimento social, cultural e humano da população do concelho de Aveiro, pugnando pela instalação de diversos estabelecimentos de ensino.

Recordo, a comprovar o que atrás afirmo, as minhas propostas de quatro de Novembro de mil novecentos e sessenta, três de Novembro de mil novecentos e sessenta e um e sete de Dezembro de mil novecentos e sessenta e dois, todas elas respeitantes à possível criação de estabelecimentos de ensino superior.

Sobre esta mesma matéria, cumpre-me salientar perante a Ex.^{ma} Câmara o significativo pedido do Magnífico Reitor dos Estudos Gerais de Moçambique, Professor Doutor Veiga Simão, que há dias, ao tomar posse do seu alto cargo, no Ministério do Ultramar, solicitou a Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional, a urgente Reforma das Faculdades de Ciências para que lhe fosse dado instalar a nova Universidade que lhe fora confiada, já segundo os moldes actualizados dessa esperada Reforma.

Surge agora uma outra oportunidade, em ordem ao ensino agrícola, que me é sugerida pela notícia publicada nos jornais de hoje, e que passo a ler:— «Com idêntica finalidade (apresentar cumprimentos ao Senhor Ministro da Educação Nacional) visitou também aquele membro do Governo a Direcção da Corporação da Lavoura, com o respectivo Presidente, Senhor Engenheiro Agrónomo Caldas de Almeida, a qual aproveitou o ensejo da audiência para submeter ao Senhor Professor Doutor Galvão Teles certos problemas relativos ao ensino agrícola».

Nestes termos, há que focar dois problemas distintos, mas ambos respeitantes ao justicadíssimo anseio de ver a progressiva e esperançosa cidade de Aveiro dotada com Institutos de natureza cultural e técnica, destinados a satisfazer as prementes necessidades populacionais do concelho que é, como se sabe, dos de maior densidade demográfica do país, bem assim dos de maior riqueza industrial, pecuária e agrícola; esses dois problemas seriam o de criar nesta cidade uma Faculdade de Ciências, que funcionaria como Secção de idêntica Faculdade da Universidade do Porto ou da de Coimbra, e ainda o de criar um estabelecimento de ensino agrícola.

Deste modo, confiado em que me proponho fazer uma sugestão em que são alta e perfeitamente con-

ciliados os interesses concelhios de Aveiro com os do País, e crente ainda em que Suas Excelências o Ministro da Educação Nacional e o Subsecretário de Estado da mesma pasta como oriundos deste Distrito são magníficos conhecedores da região aveirense e avaliam com justeza da razão que nos assiste, tenho a honra de propor:

1.º— Que seja dado conhecimento, por transcrição, a Suas Excelências o Ministro e Subsecretário de Estado da Educação Nacional, das minhas propostas de quatro de Novembro de mil novecentos e sessenta, de três de Novembro de mil novecentos e sessenta e um e de sete de Dezembro de mil novecentos e sessenta e dois;

2.º— Que seja também transcrita, para esclarecimento do assunto, e entregue àqueles referidos membros do Governo, esta presente proposta;

3.º— Que a Câmara dê conhecimento destes desejos aos Excelentíssimos Directores-Gerais do Ensino Superior e das Belas Artes, e do Ensino Técnico e Profissional e lhes solicite os seus melhores ofícios e altos patrocínios, indispensáveis à sua realização;

4.º— Que, dado o altíssimo interesse do assunto, se solicite audiência aos mesmos ilustres Senhores, e a Câmara se desloque ao respectivo Ministério, na companhia dos Deputados pelo Círculo de Aveiro, e represente, pela voz do seu Presidente, sobre a criação dos aludidos estabelecimentos de ensino, a considerar desde já numa próxima reforma dos correspondentes planos de estudo;

5.º— Que a Câmara Municipal de Aveiro se disponha desde já, e se necessário for, a realizar os sacrifícios que necessários se tornem para a consecução do fim indicado».

Outro ano passou e, em Janeiro de 1964, em sessão da mesma Câmara de Aveiro, solicitei ao digníssimo Deputado por Aveiro, Dr. Artur Alves Moreira, actual Presidente da mesma Câmara, uma intervenção na Assembleia Nacional, sobre o tema que tanto me tem preocupado, quando se realizasse a discussão do aviso prévio do Deputado pelo Porto, Senhor Professor Doutor Joaquim Nunes de Oliveira. O Senhor Dr. Alves Moreira anuiu à minha referida solicitação, não só por eu lembrar o facto, mas porque já o tencionava fazer, em virtude da premência do assunto e do desejo unânime de todos.

*

Meus Senhores:

Sinto-me feliz e honrado, primeiro pela atenção de Vossas Excelências, depois porque vos trago um problema em que sinto a fazer coro unísono comigo toda a população de um concelho e quicá de um distrito, e, finalmente, sinto-me feliz e honrado por ver

que a minha voz não é mais do que um pálido eco da dos Professores insignes que se chamam Leite Pinto, Alexandre de Sousa Pinto, Correia de Barros, Veiga Simão e Inocêncio Galvão Teles.

É portanto compreensível que tão distinta companhia me insuffle no ânimo a coragem bastante para poder gritar com toda a convicção das realidades fervilhantes e potentes de Aveiro as seguintes conclusões:

1.^a— Pedir ao Governo, por intermédio de Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional, a inclusão das ideias apresentadas nesta comunicação, no anunciado «Estatuto da Educação Nacional, carta magna do ensino e lei básica onde se contenham os princípios orientadores», como Sua Excelência o cognominou.

2.^a— Pedir ao Governo, por intermédio de Suas Excelências os Ministros da Educação Nacional, da Marinha e da Saúde e Assistência, a criação urgente em Aveiro dos estabelecimentos de ensino atrás mencionados, especialmente, a criação imediata de escolas para o ensino agrícola e pecuário (médio e superior), enfermagem, náutico, educação física e uma Secção (3 anos) duma Faculdade de Ciências.

Coimbra, Setembro de 1965.

RESUMO

- 1— Justificação estatística da importância do concelho e distrito de Aveiro, em ordem a solicitar a ampliação da rede escolar da região.
- 2— Indicação dos estabelecimentos de ensino já existentes na região, em todos os graus e modalidades.
- 3— Valor do ensino particular como coadjuvante e complemento do oficial, e necessidade e justiça de o auxiliar isentando-o de impostos e impondo-lhe obrigações consentâneas com o seu próprio exercício.
- 4— Indicação dos estabelecimentos de ensino necessários para um bom apetrechamento regional.
- 5— Política de descentralização do ensino, dando possibilidades às Juntas Distritais e às Câmaras Municipais, para resolverem os problemas inerentes.
- 6— Propostas apresentadas em várias sessões ordinárias da Câmara Municipal de Aveiro, sobre o assunto em debate.
- 7— Como conclusão, formulação de pedidos ao Governo para incluir as aspirações de Aveiro na elaboração do Estatuto da Educação Nacional, e criar mais estabelecimentos de ensino em Aveiro.

bibRIA

REFORMA DE MENTALIDADES

Discurso da transmissão pública de poderes da presidência da Comissão Distrital de Aveiro da Acção Nacional Popular pelo presidente entrante Dr. Fernando de Oliveira, em 27-11-71 no Teatro Aveirense.

É perfeitamente natural que esta sucessão nos comandos políticos da Acção Nacional Popular num distrito tão importante e discutido como o nosso tenha suscitado certa expectativa.

Com efeito, sai um jovem, cheio de talento, de intuição política, de experiência mesmo, inexoravelmente fadado para os mais altos voos da vida nacional, que a sua vocação jornalística levou para a capital.

Em contrapartida, entra uma figura sem passado político, que apenas aos 40 anos se deixou resvalar na perigosa e difícil vida pública, com a única percentagem de culpa de não ter sabido dizer não.

O distrito não lucrou, pois, com a troca.

É certo que o famoso Valéry Giscard d'Estaing é de opinião que a vida pública deve começar somente aos 40 anos.

Não obstante, ele foi, muito antes dessa idade, o mais jovem e um dos mais talentosos ministros das Finanças que algum dia a França teve...

De modo que no verso e reverso que as coisas deste mundo sempre têm algo poderei oferecer num cargo que, tal como o anterior, nunca desejei e muito menos solicitei.

Afadigado com uma profissão cada vez mais espinhosa e menosprezada, senti, porém, ter chegado a altura de imitar o exemplo de sacrifício, ainda que modestamente e a anos luz de distância, do Professor Marcelo Caetano, em cuja honestidade, talento, firmeza e patriotismo confio lúcidamente.

Afastados os naturais chefes políticos do distrito e meus ilustres antecessores, Drs. Manuel Homem Ferreira e Manuel José Homem de Melo, por motivos

imperiosos de saúde e das suas actividades, criou-se, deste modo, um perigoso vácuo, que não poderei desde já preencher sem o seu conselho avisado e o do excelente Governador Civil que temos a sorte de ter à frente do nosso distrito.

Aos três, que devem ter fornecido 10 das 11 varas da camisa em que me vejo metido, não lhes guardo ressentimento, antes lhes louvo o engenho em descobrirem em mim qualidades que não existem e a confiança nelas depositada.

Conto também com o precioso auxílio da Comissão Executiva e em especial com o do seu talentoso e dinâmico Presidente, Sr. Dr. Cota Dias, que me honrou sobremaneira com a sua presença, e com a das comissões locais, verdadeiras células de toda a engrenagem.

Conto, finalmente, com a benevolência dos meus Colegas, com a generosidade das populações e com a leal colaboração dos Senhores Presidentes das Câmaras e demais autoridades.

E acima de tudo espero a ajuda de Deus e o apoio moral de minha Mulher — a principal vítima desta nova etapa da minha vida, sem esquecer a compreensão dos amigos de todos os quadrantes, os mais diversos, que me orgulho de possuir, nem aqueles convictos e honestos oposicionistas para quem a Pátria não é palavra vã, e os imprescindíveis e operosos órgãos da informação, que saúdo respeitosamente.

Com tudo isso conto, e não é pouco.

Mas o que poderei dar em troca?

Total devoção à causa que defendemos, leal mas consciente colaboração com o governo, magistralmente chefiado por Marcelo Caetano, com as comissões hie-

ràrquicamente situadas acima e abaixo e com as autoridades.

E bem precisamos todos desse dar e receber generoso, leal e consciente.

Como já tive ocasião de salientar publicamente, atravessamos a mais grave crise nacional e internacional de todos os tempos.

Por um lado, nunca a nossa sobrevivência como Nação livre e independente esteve tão ameaçada, mercê duma guerra que nos foi movida em todas as frentes, sem excluir lastimáveis e repelentes traições no próprio Continente.

Por outro, uma explosão demográfica mundial vertiginosa face a uma limitação de recursos por demais evidente.

Toda a nossa política, portanto, há-de estar centrada nestes dois pontos coincidentes e fundamentais: a sobrevivência da Pátria e a das próprias populações.

Daí que a arte de governar os povos nunca tenha tido tão premente necessidade da conjugação da ciência com as humanidades, em que uma multiplique as potencialidades de satisfação das carências e as outras dulcifiquem as arestas rígidas da técnica e dignifiquem a pessoa, evitando que se perca na voragem dos números e na alucinação fria dos computadores.

O Homem deverá continuar a ser, e cada vez mais, o centro motor de toda a vida social e o seu beneficiário — trabalho difícil neste plano perigosamente inclinado do progresso técnico sem o paralelo progresso moral.

É que o homem inventou máquinas para tudo, menos para o seu aperfeiçoamento ético.

Daí que se assistam a fenómenos de macro e microcefalia verdadeiramente confrangedores.

Certos homens ou grupos, incapazes de viverem dignamente, constroem hábeis e sedutoras teorias sócio-políticas e morais, em que os seus vícios pessoais são proclamados como regras de conduta.

Se têm tendência para o latrocínio ou para o incumprimento das suas obrigações, preconizam a abolição da propriedade privada, mas depois serão os primeiros a defraudar a colectiva.

Se têm tendência para o erotismo desregrado, abatem o casamento e a família ao efectivo das instituições veneráveis, mas é a esta que acabam por se acolher.

Se incapazes de trabalhar com método e garra, idolatram a anarquia e combatem a autoridade, mas

são exigentes no gozo das comodidades resultantes do trabalho.

Se não conseguem dialogar e convencer, veneram o expedito e fácil despotismo, mas pedem compreensão e tolerância na hora da queda.

Se não têm fé, ridicularizam e perseguem a Igreja, a cujo seio tantas vezes tardiamente se entregam.

Portanto a crise está em que os homens perderam o sentido do respeito pela Lei e pela Moral, resvalando para um existencialismo negativo e egocêntrico, que se choca permanentemente com o dos outros, sem repararem que até no aspecto puramente materialista há vantagem na disciplina, na obediência à Lei, no respeito pela Moral, na medida em que, ao confinarmos-nos dentro dos limites dos nossos direitos estamos a fazê-los respeitar e a motivar que não sejam perturbados.

Assim é que, em 20 séculos de Cristianismo, por culpa exclusiva dos homens, que não dos princípios, ainda não conseguimos construir uma sociedade verdadeiramente cristã.

A própria Juventude, em especial a intelectualmente mais válida, se debate numa angustiosa perturbação, mais por culpa dos pais, que perderam a tradicional e indispensável autoridade com os seus detestáveis exemplos, do que por efeito da sua generosa combatividade.

Mas será definitivo este panorama carregado de trevas?

Tenho fundadas esperanças de que não.

É para mim ponto assente que ele se insere numa das muitas crises cíclicas da história da Humanidade.

Com a diferença preocupante de que nunca teve tal acuidade, não só face à impressionante e irreversível explosão demográfica como aos temíveis meios de destruição postos à disposição dos homens.

Há, pois, todo um trabalho de **Reforma de Mentalidades** numa linha de conduta política em que o social e o respeito pelos direitos fundamentais da pessoa humana sejam o indicativo.

Num mundo limitado em que a população cresce em progressão geométrica e as disponibilidades em progressão aritmética, a distribuição da riqueza carece de novas regras de maior equidade, sem esquecer que a iniciativa privada é um poderoso elemento incentivador do aumento da própria riqueza.

Ora uma sociedade bem estruturada em ordem a uma tal finalidade terá que assentar no primado da Lei e da Moral.

Daí a necessidade cada vez maior de dignificar o Poder Judicial e o Ensino, de acatar a Autoridade e de respeitar a Igreja.

Daí a necessidade também de incrementar a Tecno-
cracia, mas humanizando-a com o Poder Político.

Daí, consequentemente, a utilidade instantânea da nossa actuação pessoal e associativa, movendo guerra aberta à intolerância, ao preconceito acéfalo, ao egoísmo, à prepotência, à corrupção, ao analfabetismo, à doença, à fome, à burocracia e principalmente a um mal endémico de todas as ideologias políticas: aos oportunistas sem credo, que flutuam sempre ao sabor dos seus interesses.

E sobretudo teremos que dar conteúdo prático à teoria política, mentalizar as massas para uma participação efectiva na gestão dos interesses nacionais, consciencializar o País da gesta que vivemos no Ultramar,

empenhar a Juventude intelectual na reconstrução material e espiritual da Pátria, dar sentido, força e dignidade à associação cívica que servimos.

Ter-se-á promovido verdadeira **União Nacional** para, subsequentemente, podermos fazer eficiente **Acção Nacional Popular?**

Eis a dúvida que carece de ser desfeita com acções válidas, dentro dum clima de perfeita estruturação de métodos de trabalho, de independência de opinião, de disciplina de execução, numa harmonia sinfónica que é dada simultaneamente pela **Diversidade** e pela **Unidade**.

Alguém disse que do passado devemos aproveitar as chamas e abandonar as cinzas.

Eu diria antes que do passado é imperioso aproveitar a chama e respeitar as cinzas, que deram origem àquela, para honra e glória de Portugal Eterno!

bibRIA



Barco no transporte do molico

Alguns traços essenciais da Agricultura como actividade económica, dentro do Distrito de Aveiro, no limiar da década de 1961-70

Pelo Eng.º Agr.º Eduardo A. Ramalheira

As circunstâncias em que se desenvolveu o plano deste breve estudo, há quase oito anos, estão em parte superadas pelas modificações demográficas e económicas ocorridas no sector agrícola do distrito desde então. A evolução da Economia em geral e da política agrária, bem como o aparecimento de novas estruturas de produção e comercialização organizadas dentro da Agricultura, vieram dinamizar um tanto actividades estagnadas. (¹)

Em alguns aspectos essas alterações foram profundas e o texto perdeu carácter de actualidade para imergir num passado próximo, mas circunstancialmente já remoto (economia do leite e da carne e avicultura, por exemplo). Noutros casos o momento do devir económico-social fixado não envelheceu ainda, com matizes reconhecíveis no sector agrícola de hoje. De qualquer modo o que se delineou foi apenas um esboço ou breve apontamento que permitisse, sem perda de objectividade, infundir carácter unitário a aspectos caracterizadores do sector agrícola e a problemas gerais de mais urgente solução. Evitou-se voluntariamente invadir determinados domínios da Economia agrária, em que há técnicos especializados no distrito com larga experiência de matérias de que nos limitámos apenas a dar informação sucinta e muito abreviada (economia do leite e economia do vinho, por exemplo).

O estudo inicial foi remodelado e sofreu cortes no texto e em quadros numéricos que lhe fariam diminuir a concisão sob a forma de artigo. Em verdade não se considerou o distrito, mas somente o quadro administrativo composto por 13 dos seus concelhos (que, por razões de simplicidade, designaremos por região), não tendo sido incluídos os de Arouca, Castelo de Paiva, Espinho, S. João da Madeira, Sever de Vouga e Vila da Feira. Não houve com esta limitação o menor intuito de hierarquizar, debaixo de qualquer critério, os concelhos do distrito, subestimando a importância e truncando do conjunto os seis concelhos já assinalados; tão somente o propósito, (estando todos eles quer nas suas gentes, quer na sua agricultura, à margem da nossa experiência concreta de vários anos como técnico regional), de preferirmos não os incluir a considerá-los sob o ângulo estatístico, na crença ilusória e vã de que basta apenas deixar falar os números.

A Região que integra os concelhos do distrito considerados é constituída essencialmente, no ponto de vista geológico, pela parte setentrional da orla litoral mesozóica-cenozóica e por um núcleo de terrenos do Arcaico, Precâmbrico, Câmbrico e por Granitos, que faz parte do rebordo oeste do elemento morfológico fundamental da Península, a Meseta. Contactam ambos por uma linha que corta transversalmente o rio Vouga.

A orla litoral referida é na Região uma extensa planície, entrecortada de breves ondulações, sendo a norte do rio Vouga representada principalmente pelo Moderno e, a sul do mesmo rio, pelo Moderno e Pliocénico, em duas vastas manchas contíguas. É, no entanto, grande a sua complexidade geológica pelos múltiplos afloramentos de terrenos sedimentares mais antigos, de que se assinalam como mais importantes, ao norte do Vouga, junto de Estarreja, uma pequena chanfradura de Pliocénico e Cretácico e, ao sul do mesmo rio, uma mancha de Cretácico desde as imediações de Aveiro até ao sul de Vagos, outra de Jurássico na região bairradina, a oeste de Anadia, constituída por terrenos calcáreos, e inúmeros retalhos de Triássico, constituído por arenitos vermelhos, de Anjeja a S. João de Loure, junto à Pateira de Frossos, em Eirol e Águeda, nas margens da Pateira de Fermentelos e do curso inferior do Cértima, e a leste de Anadia.

O rio Vouga com os seus inúmeros afluentes e sub-afluentes e a ria de Aveiro, extensa laguna litoral de cerca de 45 quilómetros de comprimento máximo, dotada em profusão de braços e canais tentaculares, bem como as «linhas» de água secundárias que nela desaguam directamente, assentes num substrato geológico tão variado, imprimem à Região um facies geográfico «sui-generis», com grande diversidade e complexidade de aspectos.

A proximidade do mar e da ria de Aveiro têm uma influência profunda sobre as condições da actividade agrícola da Região, o primeiro actuando como regulador de clima, a segunda fornecendo o moliço como fonte essencial de matéria orgânica para a manutenção da fertilidade das terras de areia do litoral.

Do ponto de vista climático e de solos (à parte os solos não evoluídos do litoral) o distrito manifesta ao mesmo tempo influências atlânticas e mediterrânicas, atenuando-se as primeiras progressivamente de Norte para Sul e acentuando-se as segundas.

O distrito de Aveiro é, a seguir aos do Minho e Douro Litoral, aquele que evidencia no Continente influências atlânticas mais profundas bem patentes no seu regime pluviométrico, humidade relativa do ar, regime de temperatura e outros elementos de clima. Daí que seja o Noroeste, em que se integra o distrito, uma das zonas do país mais favoráveis à produção de

forragens de qualidade e, de um modo geral, com vocação leiteira acentuada, determinada pelas suas condições de clima e solos, contrastando com os distritos do Sul. Apesar de tudo a rega impõe-se no período estival para compensar o défice hídrico das forragens e de outras culturas.

No sector agrícola do distrito assinala-se a rigidez da estrutura agrária com o predomínio de explorações artesanais, minifundiárias, no âmbito da produção, e a dificuldade de recombinar dois dos factores produtivos, terra e capitais, ao nível de iniciativas empresariais modernas, adaptadas à procura dos mercados. Em face do êxodo rural, que tem vindo a acentuar-se, a reorganização da actividade agrícola tem sido demasiado lenta, apesar da rarefacção progressiva de mão-de-obra no campo.

Dadas as dependências inter-sectoriais que o desenvolvimento económico forja é de crer que a crise da Agricultura possa vir a repercutir-se desfavoravelmente na Indústria e nas outras actividades da Região, gerando-se um crescimento económico pouco harmonioso.

A crise da Agricultura levanta assim o problema mais vasto do desenvolvimento económico regional. É a esta luz que tem de ser encarado o êxodo agrícola acelerado, que em muitos casos tem mais o aspecto de abandono ou fuga dos campos, e a drenagem espectacular de homens, os mais válidos da grei rural, para França ou outros países, que nos revela a impotência da Indústria em reter parte do caudal humano que demanda o estrangeiro.

Poderá esboçar-se um quadro em que a Agricultura regional seja **mostrada** na tessitura de alguns aspectos económicos, estruturais e funcionais, mais importantes? É o que se tentará, na medida do possível, com o recurso a elementos estatísticos disponíveis.⁽²⁾

A população residente na Região considerada era de 352 643 pelo Recenseamento de 1960 (números provisórios).

O crescimento demográfico apresenta contudo grande disparidade no conjunto de concelhos que a integram. No decénio 1950-60 (Quadro I) a taxa de incremento da população foi superior a 1,5 % nos concelhos de Ílhavo e Aveiro e a 1 % nos de Oliveira de Azemeis e Águeda, excedendo a média da Região (e a do Continente).

Por outro lado, no mesmo período, e no polo oposto, a população diminuiu em valor absoluto nos concelhos da Murtosa e de Oliveira do Bairro e no de Anadia quase se manteve estacionário.

A cobertura demográfica no território em apreciação pode ser referida ao nível dos concelhos

(Quadro II) desde que se considerem as medidas com prudência e apenas a título indicativo, dada a heterogeneidade relativa do espaço físico e económico.

Na sua superfície, em números redondos à volta de 200 000 ha.,⁽³⁾ a densidade demográfica (população residente) em 1950, 164,7 hab./km², era quase o dobro da do Continente (no mesmo ano, a Itália tinha 155 hab./km², a França 76 e a Holanda 314).

Ainda sob o aspecto demográfico verifica-se

(Quadro III) que, no decénio 1951-60, apenas os concelhos de Aveiro e Ílhavo constituíram centros de atracção demográfica já que, em ambos, os respectivos saldos fisiológicos foram ultrapassados pelo incremento da população; os restantes perderam população em grau variável equivalente a parte dos seus saldos, à excepção da Murtosa e de Oliveira do Bairro, nos quais a população diminuiu em valor absoluto.

Na região, no decénio em referência, o aumento

QUADRO I — População residente nos concelhos em 1950 e em 1960

Concelhos	População residente		Variação da população residente	% em relação a 1950
	1950	1960 (*)		
Águeda	32 991	36 612	3 621	10,9
Albergaria-a-Velha	18 870	18 789	919	5,1
Anadia	28 552	28 815	263	0,9
Aveiro	40 187	47 680	7 493	18,6
Ílhavo	21 513	25 296	3 783	17,5
Mealhada	17 214	17 759	545	3,2
Oliveira do Bairro	17 242	16 734	— 508	— 2,9
Vagos	20 131	21 430	1 299	6,4
Estarreja	24 709	25 213	504	2,0
Murtosa	13 172	12 328	— 844	— 6,4
Oliveira de Azemeis	41 370	46 263	4 893	11,7
Ovar	33 348	35 320	1 972	5,9
Vale de Cambra	19 193	20 404	1 211	6,3
TOTAL	327 492	352 643	25 151	7,6
Continente	7 913 802	8 510 799	596 997	7,5

(*) Resultados provisórios do Censo Demográfico.

QUADRO II — Áreas e densidades da população total e activa agrícola, por concelhos

Concelhos	Área total Km ²	Habitantes por Km ² 1950	População activa agrícola por Km ²
Águeda	337,28	91,7	20,1
Albergaria-a-Velha	145,16	121,4	22,4
Anadia	209,72	134,2	31,0
Aveiro	208,64	191,4	28,1
Ílhavo	67,68	304,7	36,2
Mealhada	119,04	143,1	28,6
Oliveira do Bairro	86,40	196,2	51,4
Vagos	172,48	112,9	28,2
Estarreja	125,16	197,4	32,1
Murtosa	54,60	241,2	29,1
Oliveira de Azemeis	153,32	269,8	34,8
Ovar	160,20	208,1	24,1
Vale de Cambra	148,28	129,4	30,3
TOTAL	1 987,96	164,7	—
Continente	88 419,04	88,5	15,9

NOTA — Área dos concelhos, excluindo a Ria de Aveiro (em km²): Aveiro, 184; Ílhavo, 63,45; Vagos, 167,68; Murtosa, 44,10; Ovar, 151,90.

QUADRO III — Saldos líquidos dos movimentos migratórios da população no decénio 1951-1960

Concelhos	Varição da população residente	Saldos físico-lógicos	Atracção	Repulsão	Atracção ou repulsão $\times 100$ População residente em 1950
Águeda	3 621	2 433	—	1 179	3,5
Albergaria-a-Velha	919	3 593	—	3 330	8,4
Anadia	263	6 182	—	—	11,6
Aveiro	7 493	3 768	1 311	—	3,2
Ílhavo	3 783	4 800	15	1 407	0,1
Mealhada	545	1 952	—	2 563	8,1
Oliveira do Bairro	— 508	2 055	—	2 011	14,8
Vagos	1 299	3 310	—	2 105	9,9
Estarreja	504	2 609	—	2 293	8,5
Murtosa	— 844	1 449	—	2 293	17,4
Oliveira de Azemeis	4 893	7 821	—	2 928	7,0
Ovar	1 972	4 891	—	2 919	8,7
Vale de Cambra	1 211	3 021	—	1 810	9,4
TOTAL	25 151	47 884	1 326	24 059	
Saldo				22 733	6,9

do número de habitantes, 25 151, foi ligeiramente superior ao número de habitantes «repelidos», 22 733, que foram engrossar as correntes de emigração ou se fixaram noutras regiões do país.

Embora a situação tenha melhorado na década 1951-60, todo o pesado lastro tradicional de incultura e atraso a que a gente do campo paga o principal tributo, fica bem patenteado pelo impressionante registo das taxas de analfabetismo, relativo a 1950 (Quadro IV).

QUADRO IV — Taxas de analfabetismo na população maior de 7 anos em 1950

Concelhos	%
Águeda	30,0
Albergaria-a-Velha	36,0
Anadia	33,1
Aveiro	27,5
Ílhavo	28,1
Mealhada	35,1
Oliveira do Bairro	36,0
Vagos	39,8
Estarreja	35,1
Murtosa	35,1
Oliveira de Azemeis	32,6
Ovar	35,9
Vale de Cambra	39,8
Continente	40,3

A importância da Agricultura como actividade económica pode ser apreendida, a partir da repartição sectorial do Produto Interno Bruto e da População Activa, no âmbito distrital.

QUADRO V — Repartição sectorial do Produto Interno Bruto (em 1967) e da população activa (em %)

		Agricultura e pesca	Indústria	Serviços
Distrito de Aveiro	P. I. B.	32,6	45,6	21,8
	População activa	40,3	28,5	31,2
Continente	P. I. B.	28,1	35,9	36,0
	População activa	43,6	20,7	35,7

Fonte: «Níveis Desenv. Agrícola Cont. Português», Fund. Gulbenkian, 1963. Prof. Eugénio Castro Caldas e Dr. Manuel Santos Loureiro.

Como se verifica, à escala do distrito de Aveiro, existe um desequilíbrio profundo entre o Sector Secundário (Indústria) e o Sector Primário⁽⁴⁾ (Agricultura e Pesca) no ponto de vista de produtividade e de eficácia económica, necessitando este último quase do dobro da população activa para obtenção de uma quota-parte do P.I.B., que é mesmo assim inferior à do Sector Secundário. É preciso, no entanto, ter em conta a debilidade intrínseca e estrutural da Agricultura em relação aos outros Sectores que lhe confere desvantagens, nomeadamente na formação dos preços, mesmo em economias evoluídas.

A expansão do Sector Secundário num ritmo capaz de absorver o fluxo humano proveniente do Sector Primário, as características das unidades fabris a instalar, bem como a sua localização, serão factores deci-

sivos da valorização regional e condição necessária para o progresso da sua Agricultura, permitindo-lhe atenuar o fosso que, quanto ao nível de vida, a separa actualmente da Indústria.

Um dos factos mais característicos dos estádios iniciais do desenvolvimento económico é a transferência de mão-de-obra e capitais da Agricultura para a Indústria e Sector Terciário que vão produzindo bens de procura mais elástica pela progressiva modificação da estrutura dos consumos e de passo vão expandindo e diversificando o seu aparelho produtivo pelo influxo do progresso técnico. Assim se vão criando e aumentando os empregos da Indústria em detrimento dos facultados pela Agricultura, cujo número vai declinando.

Deste modo a observação da estrutura do emprego nos diversos concelhos (Quadro VI) pode reflectir, aproximadamente, a disparidade que o espaço da Região

QUADRO VI — Repartição sectorial da população activa dos concelhos em 1950 (em %)

Concelhos	Sectores		
	Primário	Secundário	Terciário
Águeda	56	23	21
Albergaria-a-Velha ...	52	29	19
Anadia	64	15	21
Aveiro	42	25	33
Ílhavo	48	30	22
Mealhada	56	18	26
Oliveira do Bairro	73	10	17
Vagos	80	10	10
Estarreja	52	29	19
Murtosa	63	18	19
Oliveira de Azemeis ...	36	49	15
Ovar	35	45	19
Vale de Cambra	68	19	13

apresenta sob o ponto de vista do desenvolvimento económico. Aparecem-nos com estruturas pouco evoluídas, tipicamente agrícolas, os concelhos de Vagos e Oliveira do Bairro com mais de 70 % de população activa no Sector Primário e apenas com a proporção de 10 %, singularmente baixa, no Sector Secundário; num segundo escalão vêm os concelhos de Vale de Cambra, Anadia e Murtosa. Contudo é preciso considerar que nos agrupamentos de concelhos assim constituídos, há uma grande dose de simplificação que aconselha à prudência nos juízos, dado que existem concelhos onde se praticam culturas economicamente mais importantes, como a vinha (exemplo de Anadia, Oliveira do Bairro, etc.) e outros não (exemplo da Murtosa), etc. Por outro lado, como os dados de apreciação são relativos a 1950, é possível que no transcurso de mais de

10 anos, a posição relativa dos concelhos tenha sofrido alterações, não se perdendo também de vista que o empolamento do Secundário em determinados concelhos pode ter resultado, em parte, da importância que neles ocupavam actividades artesanais.

Mesmo numa apreciação que não tenha pretensões de aprofundamento, não deixam de verificar-se, relativamente às actividades industriais da Região, os seguintes factos:

- A sua importância global relativamente ao panorama económico do país (5.º lugar à escala distrital, segundo a estimativa global do Prof. Castro Caldas e Dr. Santos Loureiro, depois dos de Lisboa, Porto, Braga e Setúbal);
- A extrema profusão de tipos de indústrias ligeiras, algumas assinaláveis pela técnica e qualidade do seu fabrico, outras pelo adequado dimensionamento das unidades;
- O alfofre de empresários de iniciativa que estão a modelar o futuro de alguns pontos do espaço económico regional (Aveiro, Ovar, Águeda, S. João da Madeira, etc.);
- A possibilidade da realização de economias externas nas instalações fabris, quer pela utilização económica de energia eléctrica, quer pela sua apreciável rede rodoviária e férrea, em ligação estreita com o segundo polo de desenvolvimento do país, o Porto.

Entre a grande variedade de indústrias existentes podem referir-se: celulose e papel, adubos, motores eléctricos, construção naval, fundição, metalomecânicas, porcelana, cerâmica, lacticínios, espumantes, conservas de peixe, moagem, descasque e branqueamento de arroz, têxteis, serralção, carpintaria, resinosos, tintas, vernizes, bicicletas, etc.

Como infra-estrutura ligada ao Sector Terciário, o Porto de Aveiro, mesmo na fase actual longe do seu completo apetrechamento, é uma realidade de extraordinária importância dinamizadora da economia regional.

Apenas se apreciarão, com base nos elementos estatísticos disponíveis, (Inq. Expl. Agr. Cont., 1953, I. N. E.), alguns aspectos da estrutura agrária. Verifica-se que no conjunto dos concelhos, praticamente;

- cerca de 70 % das explorações possuíam uma área de cultura arvense inferior a 3 ha.;
- cerca de 30 % das explorações estavam fragmentadas em mais de 5 parcelas.

Paralela à verificação das reduzidas dimensões e da fragmentação elevada das explorações, sabe-se (se

QUADRO VII — Tipos de Empresa (em %), (Inq. Expl. Agr. Cont., 1953, I. N. E.)

Concelhos	Número de explorações	Familiares perfeitas (a)	Familiares imperfeitas (a)	Patronais
Águeda	5 570	34,3	55,3	10,4
Albergaria-a-Velha	3 174	30,2	50,3	19,5
Anadia	5 553	26,7	53,0	20,3
Aveiro	3 945	30,7	54,8	13,5
Ílhavo	2 089	40,4	43,4	16,2
Mealhada	2 875	38,7	59,4	11,9
Oliveira do Bairro	2 772	40,3	28,5	31,2
Vagos	3 601	66,2	24,6	9,2
Estarreja	3 726	41,2	35,7	23,1
Murtosa	2 091	23,0	15,2	61,8
Oliveira de Azemeis	5 561	24,6	60,7	14,7
Ovar	3 444	23,7	42,3	33,9
Vale de Cambra	2 807	39,2	49,6	11,2
TOTAL	47 212			

(a) As empresas familiares estão extremadas em dois grupos: aquelas cuja fonte de rendimento é unicamente a actividade agrícola (perfeitas) das que tinham outra fonte de rédito (imperfeitas).

(b) No Distrito de Aveiro (Inq. Expl. Agr. Cont., 1953, I. N. E.) havia 62 138 explorações agrícolas.

bem que não assente em dados estatísticos) que também a propriedade rústica sofreu um «processus» de pulverização, fragmentação e dispersão acentuados que modelaram profundamente a estrutura agrária.

É bem evidente que apenas uma classificação das explorações segundo a sua estrutura e rendimento, dada a variação dos sistemas de produção, permitiria o seu agrupamento significativo do ângulo económico-social.

De um modo geral as explorações da Região são demasiado pequenas e excessivamente fragmentadas, essencialmente assentes no trabalho humano e na energia fornecida pelo gado bovino, com fraca utilização da máquina.

Quanto à estrutura do trabalho nas empresas, pode admitir-se que, no conjunto dos concelhos, pelo menos cerca de 70 % das explorações utilizavam exclusivamente trabalho familiar e as restantes, além do trabalho familiar, recorriam também a assalariados e daí o serem englobadas genericamente na categoria «Patronais», designação bastante indefinida. Com efeito dentro da categoria de «Patronais» há muitas explorações que,

por certo, utilizam assalariados apenas como complemento ao trabalho familiar em períodos de ponta, por conseguinte, melhor lhes cabendo a expressão de familiares (Quadro VII).

Pela estrutura do trabalho, características dos empresários e da actividade produtiva, bem como pela origem e natureza dos meios energéticos e equipamento utilizados, a maioria das explorações do espaço geográfico delimitado para estudo pode considerar-se predominantemente do tipo familiar e artesanal.

O Quadro VIII, dá-nos a imagem, algo desactualizada, da estrutura das explorações sob o ponto de vista dos elos jurídicos do empresário com a terra. Que nos revela de um ângulo geral sócio-económico? Talvez (dada a importância e segurança que a posse da terra conferia aos seus proprietários) que a proporção de explorações de conta própria associada ao arrendamento e as de renda simples reflectam, em face duma determinada pressão demográfica da população agrícola, um equilíbrio provisório e uma fuga à proletarianização para aqueles a quem a sorte não favoreceu na partilha da terra.

QUADRO VIII — Explorações agrícolas segundo a forma da exploração (ibidem) — em %

Concelhos	Número de explorações	Formas de exploração		
		Simples (a)		Mistas (b)
		Conta Própria	Renda ou sub-arrendamento	
Águeda	5 570	60,6	10,7	28,7
Albergaria-a-Velha	3 174	51,8	16,9	30,9
Anadia	5 553	67,1	10,4	21,4
Aveiro	3 945	58,3	17,1	23,8
Ílhavo	2 089	65,0	8,5	26,6
Mealhada	2 875	81,5	3,6	13,9
Oliveira do Bairro	2 772	78,4	2,3	19,3
Vagos	3 601	50,4	12,1	37,5
Estarreja	3 726	58,3	7,1	34,6
Murtosa	2 091	83,8	1,0	15,2
Oliveira de Azemeis	5 561	60,4	18,6	21,0
Ovar	3 444	53,2	17,4	29,4
Vale de Cambra	2 807	66,0	17,3	12,5
TOTAL	47 212			

(a) A forma de exploração de *Parceria* não foi discriminada pela sua reduzida importância, com percentagem inferior a 1 % em todos os concelhos, à excepção do concelho de Vale de Cambra onde figurava com 4,2 % do total.

(b) Nas formas de exploração mistas, apenas tem importância relativa, a conta própria associada ao arrendamento.

A importância relativa, em valor, da Produção Agrícola de origem vegetal e animal na Região estudada, pode inferir-se, aproximadamente, a partir da Estrutura do P.I.B. da Agricultura no distrito de Aveiro (Quadro IX).

Na estimativa do Quadro IX verifica-se que o valor da Produção Pecuária é apenas de 32,9 % o que, atendendo às boas condições agro-climáticas para a produção forrageira na Região, pode ser interpretado, duma maneira muito genérica, como um desvio das acti-

vidades agrícolas relativamente às potencialidades naturais.

Na estimativa dos mesmos autores, o valor das produções agrícolas principais no distrito, escalonava-se do seguinte modo (ano de 1957, em contos):

1.º — Carne de açougue	140 000
2.º — Cereais (o milho é de longe o mais importante)	112 000
3.º — Vinho e aguardente	109 000

QUADRO IX — Estrutura do Produto Interno Bruto da Agricultura (1957)

	P. I. B. da Agricultura (milhares de contos)			Decomposição do sub-total (em %)		Decomposição do Sector Agro-Pecuário (em %)	
	Total	Rendimento em auto-investimento	Sub-total	Agro-Pecuária	Silvicultura e Pesca	Vegetal	Animal
Distrito de Aveiro	758	10	748	84,2	15,8	51,3	32,9
Continente	14 248	—	14 054	83,7	16,3	60,6	23,1

Fonte: «Níveis Desenv. Agric. Cont. Port.», Prof. E Castro Caldas e Dr. M. Santos Loureiro. Fund. Gulbenkian, Lisboa, 1963.

4.º — Legumes e tubérculos (a batata e o feijão têm importância saliente)	104 000
5.º — Leite	69 000

As produções de carne (sobretudo de vaca e de porco), milho, vinho, batata, feijão e leite constituem as actividades agrícolas mais importantes, sendo seguidas, a muita distância, pelos produtos hortícolas, a fruta, o azeite, etc.

De um modo geral a produção pecuária é uma actividade artesanal, não especializada, inserida nas explorações agrícolas tradicionais.

No aspecto global, porém, avulta a sua grande importância económica. Assim, na produção do leite de vaca e Indústria transformadora respectiva, bem como na dimensão do efectivo leiteiro (vacas turinas), o distrito de Aveiro detém o primado no Continente. É todavia uma actividade muito dispersa e pulverizada (a média do número de vacas por estábulo, no distrito, não atinge duas unidades), o que agrava os custos de produção ao nível das explorações agrícolas e se repercute desfavoravelmente na eficácia económica das operações de recolha e concentração do leite deprimindo por vezes, e obviamente, a sua qualidade.

A produção de carne de vaca é uma actividade complementar da produção de leite (bovinos de raça turina) ou da produção de trabalho (bovinos mirandeses, marinhões, etc.).

A criação de porcos em «chiqueiros» e de aves de capoeira, de grande relevo na economia das explorações agrícolas minifundiárias, nas quais se insere e das quais depende e se nutre quase exclusivamente, destinados a auto-consumo e à venda, tem também uma feição tradicionalista não especializada.

O progresso técnico-económico da exploração de bovinos na produção de leite e carne esbarra, a curto prazo, com dificuldades consideráveis, pois trata-se de uma actividade, em grande parte do ciclo produtivo, economicamente ligada à produção de forragens no campo e como tal vinculada às vicissitudes da aglutinação de explorações minifundiárias ou à necessária coordenação e colaboração de pequenos empresários ciosos da sua independência.

A porcicultura e avicultura modernas podem ao contrário escapar às servidões que a reduzida dimensão das explorações agrícolas e estrutura agrária defeituosa impõem; funcionam como verdadeiras indústrias agrícolas, com dimensão e investimentos orientados segundo a capacidade de absorção dos mercados de consumo, com riscos meteorológicos anulados por não dependerem directamente da produção de forragens no campo e alimentadas por fábricas de rações autónomas e especializadas.

A economia vitícola, com múltiplas explorações de muito escassa dimensão, enferma também de limitações idênticas às já assinaladas na actividade pecuária.

Com base nos elementos de informação disponíveis dividimos, muito genericamente, a Região, sob o ponto de vista dos sistemas de produção, nas seguintes zonas: (5)

Zona A — Ao norte do Vouga; engloba os concelhos de Oliveira de Azemeis e Vale de Cambra e ainda os de Ovar, Estarreja e Albergaria-a-Velha à excepção de uma pequena faixa litoral. Está assente em formações geológicas antigas do Arcaico e Precâmbrico, do Primário (sobretudo Câmbrio) e Granito.

A parte interior da zona é muito ondulada, ora cavada em vales largos, ora em vales estreitos e profundos, a litoral, quase plana.

Zona climaticamente húmida e dotada de uma rede hidrográfica muito importante que tornam fácil o recurso à rega com água de rios, ribeiros, minas, nascentes e poços.

Caracterizada pela cultura muito intensiva de forragens (azevém nas terras baixas, quando possível «limado», ferrãs de cereais, nas terras altas, etc.) compatível com a exploração do solo por empresas familiares de muito pequena dimensão.

O milho, a que se associa muitas vezes o feijão e abóbora, de longe a cultura arvense economicamente mais importante, sucede no ciclo anual às culturas forrageiras intercalares. Com efeito, pela regularidade de produção, melhor capacidade produtiva relativamente aos outros cereais, fácil conservação, pelas suas múltiplas utilizações é a cultura chave insubstituível do sistema de produção para a estrutura demográfica actual da zona em referência, que exige a máxima intensificação cultural à base de trabalho.

Além do milho que ocupa praticamente todas as folhas de cultura anualmente, temos a produção de leite (gado turino e arouquês) e carne (produção subsidiária do gado de trabalho «marinhão», «crias» das vacas de leite, porcos).

A batata tem somente importância social, sendo-lhe reservada anualmente nas explorações uma pequena superfície (que não deixa contudo de produzir milho nos regos), cuja produção se destina ao auto-consumo.

A vinha (em «ramadas» delimitando os socalcos e terras de cultivo) tem importância económica somente no concelho de Vale de Cambra e na freguesia de Ossela (Oliveira de Azemeis) integrados na região demarcada dos vinhos verdes. Realizam-se aqui quase as condições do sistema minhoto de exploração.

Horticultura pobre, à base de couve galega, para auto-consumo e venda de excedentes nos mercados

locais. De assinalar apenas a produção de cebola em Maceda, Ovar), alfobres para venda, em regra de couves, em Pinheiro da Bemposta (Oliveira de Azemeis), etc.

Zona B—Ao sul do Vouga; engloba fundamentalmente o concelho de Aveiro (menos as aluviões dos «campos» do Vouga) e o de Oliveira do Bairro, se bem que a ela se possam agregar algumas freguesias limítrofes dos concelhos de Águeda, Anadia, Vagos e Ílhavo.

Assente sobretudo em formações do Pliocénico e Cretácico. Orográficamente é, na sua maior parte, uma grande planície. Abundante toalha de água permite a cultura intensiva regada por meio de poços.

Climaticamente é uma zona de transição, polimorfa do ponto de vista agrológico, tem porém uma característica comum que a identifica: a grande diversificação cultural, a boa aptidão dos seus solos e a qualidade de muitos dos seus empresários, patenteada no apuro técnico de algumas culturas (trigo, batata, etc.).

Sistemas de produção à base de milho, feijão, batata, forragens e trigo no concelho de Aveiro, passa-se no de Oliveira do Bairro para outros em que a vinha⁽⁶⁾ (na qual se pratica por vezes a cultura intercalar de batata), a batata de folha, milho, feijão e forragens intercalares dão carácter. O grosso da produção de batata é estival, de Junho a Julho.

Horticultura praticada sobretudo para auto-consumo com venda de excedentes nos mercados locais; assinala-se, no entanto, a riqueza e variedade de espécies cultivadas (couves, tomate, pimento, cebola, etc.). Em alguns pontos, a produção de couve repolho e nabo para mercados longínquos (Lisboa, por exemplo) em S. Bernardo (Aveiro), etc.

A cultura do arroz tem sobretudo importância nas aluviões do Cértima (concelhos de Águeda e Oliveira do Bairro) e Levira (concelho de Oliveira do Bairro).

Gado turino para leite e «marinhão» para trabalho e carne; porcos, cruzados de bísaros e Large White, em que se verifica grande absorção do sangue da última raça.

Zona C—Ao sul do Vouga; engloba os concelhos de Águeda (menos os «campos» de Águeda e a zona serrana) e os de Anadia e Mealhada, pertencentes à região bairradina (menos a zona serrana).

Geològicamente as formações predominantes pertencem ao Pliocénico, Triássico e Jurássico. Planície, encostas e planalto.

Predomínio económico da vinha. O sistema à base de milho, feijão e forragens, bem como a cultura da batata, têm apenas um papel subsidiário.

Zona D—Ao norte do Vouga; constituída pelo concelho da Murtosa e pelas freguesias de Pardilhó e Veiros do concelho de Estarreja.

Areias do Moderno.

Pode dizer-se que esta zona repete menos bem o sistema de produção base descrito na Zona A: milho, feijão e forragens anuais intercalares.⁽⁷⁾ Ecológicamente o solo de areia limita as produções de milho se bem que a incorporação de matéria orgânica (moliço e estrumes) se pratique larga e intensamente; talvez, em parte também responsável por este facto, a economia de água pouco apropriada na vegetação do milho (toalha de água superficial cujo nível depende de vários factores, nomeadamente dos climáticos).

Outrotanto se pode dizer das forragens, não encontrando o azevém o seu óptimo ecológico em terrenos de areia mesmo quando bem providos de matéria orgânica, a que se junta, em muitos casos, a falta de drenagem no período outono-invernal que muito prejudica a sua vegetação.

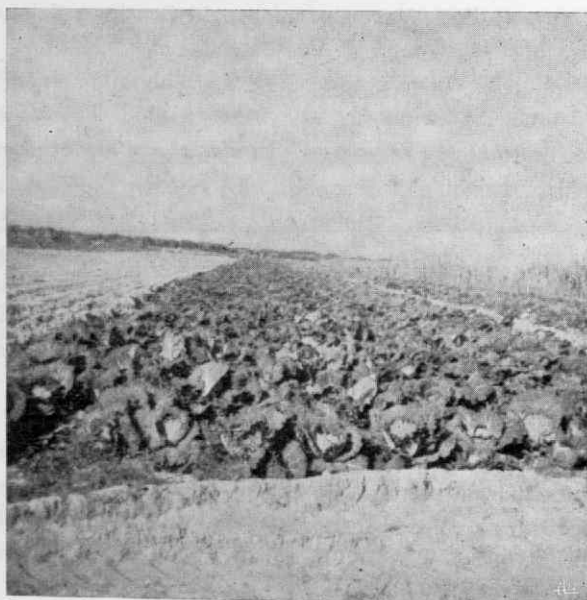
À excepção de alguns oásis de cultura, em aluviões riquíssimas, junto à Ria, o sistema de produção referido só parece jogar em cheio no caso do feijão.

A importância da cultura da batata é muito secundária.

Produção de leite (gado turino); criação, recria e trabalho (gado «marinhão») e carne (gado «marinhão» e porcos).

Zona E—Gafanha (litoral dos concelhos de Ílhavo e Vagos).

Areias do Moderno e Dunas. Por vezes os terrenos são rebaixados e constituem-se sebes de abrigo. Abundante incorporação de moliços provenientes da ria de Aveiro, além do estrume do curral, permitem a adopção de sistemas de produção intensivos, à base de trabalho, particularmente nas terras mais ricas em matéria orgânica e favorecidas pela proximidade da toalha



Couval magnífico em terreno de areia conquistado à duna e utilizado na cultura intensiva (Gafanha).

de água. Têm particular importância, nos sistemas referidos, a batata, o feijão e ainda a ervilha, chicória para café, forragens (ferrãs de cereais), além do milho que alterna com a tremocilha nas terras mais secas e menos providas de matéria orgânica. Acrescente-se ainda, parece que em explorações mais bem dimensionadas, a cultura da couve lombarda e do repolho para mercados longínquos (Lisboa, por exemplo).

Relativamente recente a grande generalização do gado turino para a produção de leite.

Esta zona favorecida pelo clima, relativamente às outras zonas da Região, possuindo solos leves, de textura arenosa que permitem as lavouras em qualquer época do ano e a produção de batata no cedo, em Abril e Maio (cultura semi-temporã), o que muito a valoriza em grandes mercados nacionais (Porto e Lisboa), torna-a também, por essa razão, susceptível de interessar a exportação, como em alguns anos tem acontecido.

Constituída também por terrenos de areia, a Gelfa é a zona do concelho de Vagos compreendida entre o rio Boco e a Gafanha. Sistema de produção intensivo à base do milho e forragens intercalares anuais. Tal como no caso da Murtosa, o feijão é uma cultura importante. A produção forrageira (ferrãs, serradela, trevo encarnado, nabo), é mais variada e o escalonamento da produção do Outono à Primavera é talvez melhor conseguido. A batata tem sobretudo importância para auto-consumo. Gado bovino (turino e «marinhão») e gado porcino.

Zona F — Aluviões sujeitas a inundações periódicas de água doce (cheias do Vouga e afluentes e outras «linhas de água» no período outono-invernal) ou de água salgada (marés-vivas no período estival). Constituída pelo Baixo-Vouga, «campos» de Canelas e Salreu, «campos» do Vouga e do Águeda, etc.

Não se define propriamente nesta zona um sistema de produção autónomo, em virtude de todos os terrenos em referência estarem inseridos em explorações agrícolas ribeirinhas.

O seu aproveitamento ora se faz com o arroz ou milho, precariamente quase sempre pelo condicionamento das cheias, pela pastagem extensiva de ervagens naturais (sobretudo na recria de gado bovino «marinhão») ou são «incultos», por vezes produtivos (plantas aquáticas denominadas por «matos» e «estrumes»).

Sem se pretender realizar a análise e caracterização dos aspectos psicológicos e sócio-económicos da evolução que parece subverter actualmente o mundo rural, não deixa de ter sentido enunciar com brevidade os determinantes imediatos geradores da crise.

Um facto, a que já anteriormente nos referimos, convém reter: o crescimento económico, em termos

globais, desequilibrado da Região, que confere à Indústria uma captação do Produto amplamente superior à da Agricultura. Outro facto assinalámos sem que nos tivesse sido possível de momento caracterizar adequadamente: o apelo que representa o nível de vida de outros países (França, Alemanha, etc.)

Deste modo a fuga acelerada dos campos vai abrir brecha no aparelho produtivo das empresas de dimensões reduzidas da Região, ao desfazer o velho equilíbrio entre mão-de-obra super-abundante e meios técnicos reduzidos e arcaicos, pela incapacidade de, a curto prazo, o adaptar (por meio de uma recombinação eficiente dos factores de produção) a um contexto socio-económico de rarefacção humana progressiva.

Surge assim a necessidade do redimensionamento das empresas, em face das grandes transformações do meio social e do meio técnico, e é crível admitir-se, que, pela acção mais ou menos profunda do Estado, dada a ineficácia dos mecanismos espontâneos. Levanta-se, por outro lado, aos planificadores e às massas rurais conscientes, o problema central da adequação dos sistemas de produção às condições do meio físico e humano e às perspectivas do mercado. Com efeito, de nada servirá projectar novas unidades produtivas sem encontrar resposta à questão: que produzir?

Assumem, assim, carácter prioritário, em relação a todos os outros aspectos, a reconversão cultural e o ordenamento agrário.

Imediatamente se apresenta o ilogismo dos circuitos comerciais em que se insere a actividade do agricultor, que duplamente o esmaga, comprando, quase sempre aos outros sectores a preços de retalho e vendendo os seus produtos a preços inferiores aos preços de grosso, circunstância que agrava a tendência que parece inevitável, a longo prazo, para a deterioração dos termos de troca da Agricultura.

O problema particular da redução das margens comerciais interessa tanto ao agricultor como ao próprio consumidor.

A especulação parasitária de alguns intermediários não deve, no entanto, cegar a visão para a importância e as reais dificuldades, riscos e custo que comporta a distribuição dos produtos agrícolas, nem os progressos técnicos de que é susceptível e que só uma organização eficiente possibilita, estranha ou não ao sector agrícola.

Como afirma Marc Latil «a modernização da Agricultura, isto é, a participação dos agricultores no progresso geral, implica ao mesmo tempo, uma produtividade acrescida e um êxodo rural importante». Esse aumento de produtividade deve procurar-se nas próprias explorações agrícolas, conseguindo arranjos mais eficientes dos factores de produção, com especializa-



Imponente conjunto de socalcos, sustendo o solo arável e defendendo-o da erosão, com larga representação nas zonas serranas, em que ainda se pratica frequentemente um sistema intensivo de duas culturas de ciclo anual (erva e milho; aveia e milho; centeio e milho, etc.) sobrevivente do passado, actualmente em declínio nestas condições. (Vale de Cambra).

bibRIA

ção de actividades, dando maior participação ao factor terra e à máquina e utilizando técnicas renovadas, objectivos que exigem empresários modernos, bem preparados. Além disso, quer nos circuitos dos factores que **chegam** às unidades de produção, bem como naqueles em que os produtos agrícolas **partem**, realizando-se a sua distribuição até aos consumidores, podem os empresários agrícolas reforçar a sua posição económica (além de adquirir ganhos na produtividade) com vista ao incremento do rendimento da Agricultura.

É bem evidente a insuficiência que apresenta um possível elenco de **todos** os problemas que interessa resolver nos limites geográficos da Região, secamente enumerativo, sem tomar em devida conta as disparidades espaciais, por vezes, tão flagrantes. Procurámos mostrar em esboço, através de alguns indicadores demográficos e económicos, a pluralidade de aspectos que apresentam os concelhos estudados.

É pois chegada a altura de apresentar os problemas da Agricultura regional que carecem mais urgentemente de solução:

I — Ordenamento agrário e reconversão cultural. Reforço da posição económica dos agricultores nos circuitos de distribuição

Sòmente a promulgação da **Lei de Orientação Agrícola**, cujo texto já foi apresentado para apreciação ao Conselho de Ministros para Assuntos Económicos, poderá dar uma linha de rumo segura à Agricultura da Região. Por certo marcará opções globais no campo da Agricultura Nacional que poderão ser objecto de regionalização adequada.

Convém, contudo, delimitar, de acordo com os elementos disponíveis, alguns aspectos do que se afigura desejável para a Região, mesmo que seja sòmente a título indicativo:

ZONA A:

Milho, forragens, etc.

Dever-se-á por todos os meios possíveis empreender a generalização dos milhos híbridos para forragem e a melhoria da sua técnica cultural, e antes que

seja demasiado tarde, isto é, antes que as empresas patronais dos regadios do Sul, estejam em condições de o produzir em quantidades maciças e a baixo custo. Nas melhores terras e com o esmero da técnica cultural as produções unitárias podem ser muito elevadas. Não parece provável que o aumento do preço indicativo do milho possa resolver em profundidade qualquer problema das pequenas explorações desligado de outras medidas.

Parecem altamente desejáveis subsídios para aquisição de sementes de milhos híbridos⁽⁸⁾ e aperfeiçoamento da sua técnica de cultivo.

A introdução de forragens (trevo ladino, trevo violeta, azevém vivaz, etc.), consentida pela estrutura das explorações, parece ser também de manifesto interesse.

✦ Uma cultura que não convém perder de vista é o trigo, pois poderá ser de futuro uma cultura adequada para substituir (ou alternar) com o milho em terras menos dotadas de água de rega: o nível elevado de produções unitárias que é possível atingir pode torná-la interessante em determinadas condições, muito embora as áreas de cultura nas explorações agrícolas não permitam a utilização de máquinas de colheita e debulha de muito elevada rendabilidade.

Produção pecuária

A especialização e expansão da actividade pecuária, baseadas no aumento da produtividade das explorações, acompanhada da melhoria da produção forrageira (de essencial importância na alimentação dos bovinos), são objectivos fundamentais do progresso económico da Agricultura regional.

✦ A comercialização de gado bovino e porcino realiza-se ainda, em grande parte através das feiras. Estes mercados tradicionais têm um carácter múltiplo e complexo, visando a transacção de animais vivos que constituem, quer produtos finais do sector agrícola, quer produtos intermediários destinados a alimentar determinadas fases do ciclo da actividade pecuária dentro das explorações agrícolas:

gado porcino

- leitões, (machos e fêmeas), para abate e recria;
- bácoros (machos e fêmeas), para recria;
- porcos, para abate;

gado bovino

- vitelos (machos e fêmeas), para abate e recria;
- novilhos (machos e fêmeas), para abate e recria;

— adultos (machos e fêmeas), no fim ou não do seu ciclo económico;

nas diversas raças existentes, o mirandês e o marinhão, estão em declínio; o turino, para leite e carne, em expansão.

Nas feiras uma multidão de pequenos produtores não especializados e independentes, com poucos animais (muitas vezes com um ou dois apenas), afronta-se com um grupo escasso de compradores, comerciantes e marchantes, qualificados no ramo de negócio e conhecedores das condições reais da procura. A capacidade de financiamento dos componentes deste último grupo é quase sempre muito superior à da maioria dos produtores, quantos deles, pressionados a vender para a obtenção urgente de uma receita ou por imposição da escassez de forragem no campo.

O reforço do poder de negociação do primeiro grupo formado pela massa de pequenos produtores é uma necessidade evidente: a constituição de associações ou grupos de criadores unidos para a venda (e para outras finalidades) poderia ser um meio eficaz. Todavia a pequenez e o regime de poliprodução não especializada das explorações são barreiras quase intransponíveis. Poderá porventura qualquer associação humana perdurar sem a adesão profunda dos seus membros?

A informação periódica das tendências do mercado, com a publicação de cotações médias nas diversas zonas do país, amplamente divulgada, poderia também ser uma medida muito apropriada, a completar o efeito dos preços mínimos de garantia oficiais.

A transacção de gado nas feiras seria depurada das usanças antigas e obsoletas, substituindo-as por normas objectivas e comercialmente idóneas (assim a venda de gado pelo aspecto e a «olho» seria abandonada e adoptar-se-ia a transacção baseada na qualidade e peso vivo, etc...).

A existência de grupos dinâmicos de produtores especializados poderia contribuir para uma revolução pacífica no saneamento e organização do mercado da carne que atingiria a instalação de infra-estruturas apropriadas (matadouros modernos, câmaras frigoríficas, etc.). Num estádio avançado o sector agrícola firmaria a sua posição económica, integrando horizontalmente e verticalmente, actividades produtivas, de transformação, de abate, de «stockagem» e distribuição.

No que diz respeito ao circuito do leite parece indicado que seja a Organização da Lavoura, como único interlocutor válido de que actualmente os produtores de leite dispõem, quer a regular as entregas de leite à indústria capitalista, quer o fornecimento de leite em natureza aos principais centros urbanos.⁽⁹⁾

ZONA B:

Batata, culturas hortícolas, etc.

Pelas características que possui esta zona parece ser nevrálgica no ponto de vista da valorização regional.

A justificarem-se, como opção económica desejável, as culturas hortícolas, seriam as áreas actualmente dedicadas ao milho e à batata diminuídas parcialmente.

Uma solução possível seria a instalação de uma fábrica entregue a uma empresa que já tivesse dado as suas provas na concorrência dos mercados estrangeiros, se possível, com a comparticipação de capitais da Lavoura. As relações comerciais da fábrica com os agricultores regular-se-iam mediante contrato.

Evidentemente será necessário, relativamente a esta ou outras possíveis soluções, e com toda a urgência:

- a) proceder às sondagens e estudos suficientes no plano económico;
- b) realizar ensaios de adaptação de culturas horto-industriais;

que marcarão, em definitivo, a linha de rumo a seguir.

Milho, forragens, produção pecuária, etc....

O mesmo que na Zona A.

ZONA C:

Vinha

No plano regional salienta-se a sua grande importância socio-económica. A cultura da vinha implica a mobilização de capitais importantes e, por outro lado, só passados alguns anos após a instalação, começa a dar rendimento. Além disso valoriza terrenos em muitos casos impróprios para outra cultura, pelo menos, de rendimento comparável ao que a vinha confere. Os amanhos culturais que exige ocupam uma grande massa de rurais.

A produção de vinho nesta zona gerou um sem número de actividades económicas de relevo: caves de espumantes, fabrico de garrafas, construção de pulverizadores, destiladores e outras máquinas, produção de sulfato de cobre e outros fungicidas, comércio, transportes, etc. Mais do que uma actividade produtiva limitada a vinha cria, assim, um tipo de civilização com implicações económico-sociais e políticas.

A crise na viticultura, a que o êxodo rural acelerado dá um carácter de acuidade, é um facto incontestável que transparece nos índices de repulsão da população: no decénio 1951/60 (vida Quadro III), os indicadores demográficos de repulsão apresentam as taxas mais

elevadas nos concelhos de Oliveira do Bairro e de Anadia (à parte a taxa do concelho da Murtosa também muito elevada).

A reconversão cultural ou o redimensionamento da cultura vitícola exigem a aplicação de capitais vultosos. Talvez a crise tenha provocado uma reacção psicológica favorável a uma intervenção.

ZONA E—Gafanha

Batata e culturas hortícolas

As condições climáticas, como já se disse, permitem a produção de batata semi-temporã, o que a favorece muito no preço relativamente à produzida na Zona B; no mercado interno; pode também interessar, como já se tem verificado em alguns anos, à exportação.

Deverão continuar-se os ensaios de adaptação de variedades de curto ciclo vegetativo susceptíveis de interessar aos consumidores estrangeiros do Norte da Europa.

Algumas culturas hortícolas têm amplas possibilidades nesta Zona.

Milho, produção pecuária, etc....

O mesmo que na Zona A.

ZONA F

A reconversão cultural desta zona apenas será possível quando se realizar o estudo para a valorização da Bacia do Vouga que permita a correcção do regime das cheias e que torne completamente profícuas as outras obras complementares necessárias.

Sobre este importante problema, assim se pronunciou uma comissão de técnicos, em comunicação apresentada ao Conselho Regional de Agricultura, em sua sessão de 11-12-1961, «Obras de defesa e enxugo mais importantes:

- Estudo para correcção do regime das cheias dos rios e a regularização dos leitos na bacia do Vouga e de todos os cursos de água que directa ou indirectamente afluem à ria de Aveiro;
- Defesa e possível recuperação dos terrenos vizinhos da ria de Aveiro;
- Obras destinadas a evitar os efeitos nefastos da poluição das águas no rio Vouga e afluentes;
- Melhoramento dos regadios existentes através da renovação e multiplicação dos seus órgãos de rega e drenagem».

II — Saneamento e disciplina do comércio fornecedor de meios de produção importados ou provenientes de outros sectores de actividade

O crescimento económico imporá cada vez mais a integração da Agricultura na Economia Nacional e a sua **capitalização** acrescida.

Nesta era de progresso da **técnica** a Agricultura da Região é invadida por uma torrente de produtos, os mais variados, — insecticidas, fungicidas, adubos, máquinas, etc. — que vão embater directamente pela mão do agente de vendas, da casa comercial das cidades e vilas, do retalhista da aldeia de encontro ao empresário agrícola de boas letras ou de letras «gordas», suportando a grei rural, as custas de um circuito de distribuição complexo. Diz-se: o agricultor é individualista e, por isso, não se defende. Terá, contudo, mais sentido afirmar que é isolado e inerte, já que o seu individualismo é, em muitos casos, de natureza extrínseca, (isolamento geográfico, incultura, estrutura sócio-económica das empresas, etc.).

Impõe-se, e assim, pensam os lavradores esclarecidos da Região, o saneamento e a disciplina do comércio. Seria de interesse para a Lavoura **subir**, em relação a alguns factores de massa por intermédio das suas Organizações, pelo menos, até ao estado de grosso, pois razões de natureza macroeconómica podem desaconselhar que vá mais longe.

III — Valorização humana e profissional do agricultor e assistência à família rural

A promoção humana do mundo rural através da Educação e Previdência Social são tarefas urgentes e prioritárias que exigem pela sua complexidade colaboração estreita de planificadores, realizadores e dos próprios interessados.

Deverá também acelerar-se o aperfeiçoamento, intensificação e valorização da assistência e vulgarização técnica.

Essa finalidade será melhor alcançada se for assente metódicamente na experimentação agronómica local e na análise económica de explorações agrícolas representativas.

Importa promover, paralelamente a medidas de interesse genérico, outras de carácter selectivo junto dos empresários agrícolas mais aptos e capazes de vencer, pelo seu espírito de inovação e audácia, as perturbadoras dificuldades do presente, auscultando os seus problemas, reduzindo os entraves às suas iniciativas, estimulando as suas acções, sem chegar contudo a um paternalismo de excepção. Serão eles a força motora mais eficaz nas diversas zonas agrárias da Região. O êxito económico dos melhores empresários poderá constituir um incentivo para o despertar de vo-

cações em jovens com qualidades, tão necessários à renovação e rejuvenescimento do conjunto dos chefes de exploração regionais, no qual o peso percentual de gente idosa se tem acentuado.

IV — Meios correctores de funcionamento e adaptação das explorações agrícolas e da melhor utilização da terra como factor económico

Crédito e subsídios

Os benefícios que as empresas comerciais e industriais retiram do crédito devem ser estendidos, com perseverança e rapidez, à actividade agrícola.

O crédito a curto prazo ao capital circulante (adubos, fungicidas, etc.) deverá ser generalizado o mais depressa possível por intermédio das Organizações da Lavoura.

O crédito a médio e a longo prazo e a juro baixo de factores fixos de produção (máquinas, etc.) e melhoramentos fundiários (já instituído e regulamentado pelo Estado pela Lei de Melhoramentos Agrícolas) é também uma necessidade. Deverá contudo a sua aplicação ser integrada no planeamento de valorização regional que permita perspectivar os problemas das unidades produtivas isoladas, em virtude da sua atribuição comportar sérios riscos de ser improficua ou pouco rentável. Parece-nos de grande importância para estimular e abreviar as adaptações necessárias, a concessão de subsídios sobretudo em factores de produção de rentabilidade elevada e imediata (semente de milhos híbridos, de forragens, etc.).

Redimensionamento das explorações — emparcelamento e associações de agricultores⁽¹⁰⁾

O emparcelamento da propriedade rústica, regulado pela Lei n.º 2110 e Decreto n.º 44 647, poderá ser um instrumento de valorização económica na Região desde que se reünam condições favoráveis ao seu empreendimento, como sejam:

- abalo psicológico provocado pela crise agrícola que facilite a adesão dos proprietários a uma possível intervenção de emparcelamento;
- conhecimento suficiente das opções regionais no plano das actividades agrícolas compatíveis com o contexto económico nacional;
- estudo de explorações — tipo capazes de proporcionar um rendimento adequado;
- existência de espírito empresarial.

O encorajamento à constituição de Associações de Agricultores, nomeadamente de Cooperativas, é plenamente justificado, sobretudo na transformação tecnoló-

gica dos produtos e a sua comercialização em sectores — chave da economia agrícola nos quais se torna evidente a reduzida capacidade organizadora dos agricultores isolados (leite, vinho, gado, etc.) e ainda na utilização em comum de determinados instrumentos de produção (tractores, máquinas, etc.).

A constituição de Associações que visem o rendimento das explorações e sua actividade produtiva, pela agregação de diversas propriedades, também de grande interesse, é talvez mais delicada no plano jurídico e encontra certamente mais dificuldades no plano humano, sobretudo nas relações empresa-propriedade da terra que exigem diversas condições e massas humanas evoluídas aptas a aceitar limitações a um individualismo extremo. Nunca se poderá perder de vista, por outro lado, que, num contexto de economia capitalista, o espírito de empresa é fundamental e que, só à luz deste critério, se deverá apreciar e decidir o grau de intervenção de forma a evitar que resultem estruturas demasiado rígidas e ineficazes no plano económico.

V — Coordenação dos Serviços afectos ao sector agrícola

Sobre esta importante questão assim se pronunciou uma comissão no parecer já referido, apresentado ao Conselho Regional de Agricultura em sua sessão de 11-12-1961.

«É indispensável também que o Governo tome medidas no sentido de determinar uma completa e lógica cooperação entre todos os Serviços, Oficiais ou Oficializados, que servem a Lavoura».

*

Será um facto incontroverso a desvalorização social da Agricultura, não nas leis que procuram corrigir quadros institucionais caducos, mas na mente do cidadão comum?

Como reage, no âmbito regional, a massa de agricultores perante as outras classes e como é encarada a profissão agrícola pelos não agricultores?

Entre as duas guerras mundiais ainda a tradição imperava profundamente nos costumes e técnicas de cultivo; a posse da terra conferia estabilidade e segurança por vezes superiores às de outras actividades, permanecendo o campo como fonte directa de subsistências de inúmeras famílias de agricultores da Região. Constituía máxima ambição de muitos rurais emigrantes desse período o minerar dinheiro em países estrangeiros para, no regresso à Pátria, se instalarem por conta própria como agricultores, «colocando-o» em parcelas de terra que iam acres-

centar o património herdado. Quem não reconhecerá em muitos agricultores sexagenários do termo de Aveiro, ao admirar as suas minúsculas explorações cultivadas com arte e esmero, os activos grangeadores de poupança retirada aos salários da plantação e apanha de espargos, da safra de arroz e outras tarefas, nos longínquos vales da Califórnia?

Culminam também, por essa altura, transformações fundiárias prodigiosas no conjunto, da iniciativa de muitas gerações de agricultores isolados, investindo nelas o seu trabalho e o dos seus familiares (predominante também nas tarefas agrícolas correntes), e, assim, conferindo dimensão sociológica à frase que, há cerca de três lustros, ouvimos da boca de um gandarês: «quem tem muitos filhos é rico, quem tem poucos é pobre»...

A árdua faina do gafanhão, murtoseiro ou gandarês, transformando, pelo «rebaixamento» dos terrenos e incorporação maciça de moliço, areais estéreis em magníficas parcelas de cultura intensiva, o denodado esforço do camponês valecambrense, arouquês, severense ou aguedense, semeando de socalcos íngremes encostas de cerros e montes, conquistando à montanha o ambicionado chão de cultura ou o industrioso empreendimento de agricultores ribeirinhos dilatando a capacidade produtiva dos solos de planície, ao abrir poços para rega em pequenos retalhos de terra árvel, são suficiente e significativo atestado, num amplo espaço geográfico, da reduzida mobilidade profissional, típica dessa sociedade tradicionalista a que a pressão demográfica crescente obrigava aos actos heróicos.

O inevitável abandono à exploração florestal e a prados ou pastagens estáveis de áreas alcantiladas, de de socalcos minguados ou terrenos com declives pouco próprios à cultura mecanizada e a racionalização progressiva do trabalho no campo com amplo emprego de equipamento e técnicas eficientes, bem como a renovação do habitat rural, acompanhada da expansão dos meios de comunicação e transporte, integrarão pouco a pouco o agricultor regional na nova era, aliviando-o da servidão do espaço e do isolamento geográfico.

Em oposição ao trabalho repetitivo da produção em série do operário fabril, com rotinas estabelecidas, a faina do agricultor moderno não deixará de exigir, na sua complexa natureza, atenção no pormenor, imaginação relacionadora, adaptação permanente a condições meteorológicas imprevistas. Como actividade económica a produção agrícola constitui vital e insubstituível alicerce de todas as comunidades humanas. A Agricultura suporta, não obstante, as vicissitudes do aleatório no plano da pro-

dução, bem como as dificuldades resultantes do seu carácter descontínuo e estacional, e de identificáveis mecanismos de mercado que jogam frequentemente em seu desfavor. Por outro lado o surto e a diversificação de novas actividades estão a criar oportunidades de emprego frequentemente em condições menos penosas e ou (paradoxalmente, por força das leis de mercado!) de melhor remuneração que as da Agricultura.

Para que o êxodo rural, amplo fenómeno social, característico das Economias em crescimento, não esvazie o campo de conteúdo humano, dessorando completamente a Agricultura da juventude e de homens aptos, será, afinal, concretizável a necessária revalorização do sector agrícola, urgente e acelerada, perante o fascínio da vida dos grandes centros urbanos, nível de salários e outras regalias proporcionados pela Indústria e Serviços?

Compreenderão, o citadino e o não agricultor, as virtudes e necessidades de interdependência social, a amplidão dos problemas e ajustamentos requeridos, a natureza do drama que sob os seus olhos se desenrola?

NOTAS:

- (1) Nomeadamente a criação da «Uniagri», União das Cooperativas de Agricultores de Noroeste, com sede em Vale de Cambra.
- (2) Para a elaboração dos quadros de indicadores demográficos socorremo-nos do trabalho de R. Dias da Cruz: «Identificação e Delimitação de uma zona diminuída no centro do país», «Agros», 46 — Jan. Fev. 1963.

- (3) Segundo o reconhecimento efectuado pelo S. R. O. A. em 1954-55 a utilização do solo no distrito fazia-se do seguinte modo:

	(hectares)
com utilização agrícola	94 726
» florestal	128 729
» agro-florestal	286
» outras utilizações	56 230
TOTAL	279 971

- (4) Nas actividades do Sector Primário, além da Agricultura, salienta-se o sal (com 272 salinas, ocupando uma área de 1 400 ha.) com uma produção média anual de 55 000 toneladas a que correspondem cerca de 15 700 contos e a pesca que ronda o valor de 120 000 contos.
- (5) Não serão abordados quaisquer aspectos da exploração florestal.
- (6) O concelho de Oliveira do Bairro e a freguesia de Nariz do concelho de Aveiro pertencem à região vitícola da Bairrada.
- (7) O recurso a prados temporários com base no trevo violeta e azevém vivaz, se bem que importante, não tem o carácter de generalidade.
- (8) Concedido recentemente (campanha agrícola de 1971), seguindo outras medidas já promulgadas anteriormente.
- (9) Ao longo da década de 1961-70 tem sido promulgada legislação variada para regulamentar a produção de leite e carne e sua comercialização.
- (10) Ao ser elaborado este parágrafo foram voluntariamente excluídos, por razões de brevidade, inúmeros problemas jurídicos, e económicos que se ligam à terra e ao capital fundiário. Existem actualmente diplomas legais pelos quais o Estado concede empréstimos, subsídios e participações por meio de fundos administrados pela Junta de Colonização Interna que permitem corrigir e renovar as estruturas de produção e comercialização (Decretos-Lei sobre o Fundo de Fomento de Cooperação de 23 de Novembro de 1962; sobre Agricultura de Grupo, de 11 de Agosto de 1969 e sobre o Fundo de Reestruturação Fundiária, de 8 de Outubro de 1969).

João Pedro da Silva Tavares

(RUY DO VOUGA)

NOTAS

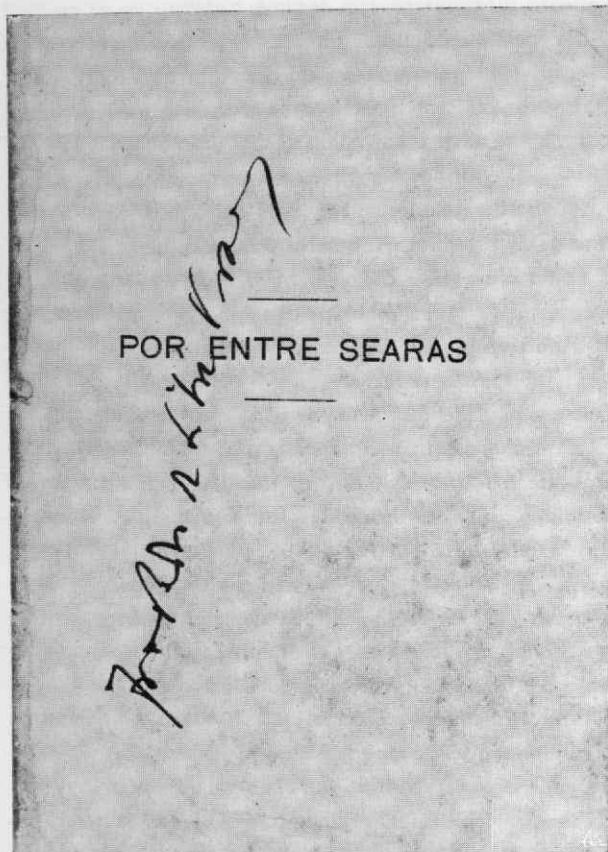
BIOGRÁFICAS

É sempre difícil dizer qual será o escritor ou o poeta mais famoso duma terra, neste caso, do concelho da Murtosa. Não há dúvida, no entanto, de que João Pedro da Silva Tavares, mais conhecido pelo seu pseudónimo literário de **Ruy do Vouga**, deixou uma obra que, apesar do silêncio que a cerca e do esquecimento a que foi votada, merece os louvores da crítica e das letras nacionais.

Júlio Dantas prefaciou o poema **Na Solidão dos Mundos** e pôde referir que tendo visto representar a comédia lírica **Duelo d'Amor** no Teatro Nacional, já então tivera oportunidade de apreciar a fantasia, a bravura e a fuga lírica do talento de Ruy do Vouga. Verificara que, **Na Solidão dos Mundos**, essas mesmas superiores qualidades se tinham desenvolvido no sentido da sua mais elevada aplicação a uma poesia de intenções filosófico-sociais, claramente filiada em Guerra Junqueiro.

Neste prefácio, Júlio Dantas classifica Ruy do Vouga como um «elegíaco que se apaixonou pelas formas neo-românticas do alexandrino, e que nelas canta, com nobre eloquência e sincera emoção, os grandes ideais de justiça, de bondade e de amor».

Ruy do Vouga, que era natural do Bunheiro, onde nasceu em 1881, estreou-se na literatura com o livro de versos **Brados da Mocidade**, em 1903. Em 1918, escreveu o poema **Na Solidão dos Mundos**, já referido, que Júlio Dantas inclui, «pelo espírito que o anima e pelas elevadas aspirações que interpreta», na bibliografia da Grande Guerra de 1914-1918. Compôs também o poema «**Mulheres da Bíblia**», que foi publicado em 1935 e mereceu largos comentários da crítica de então. Publicou ainda o romance «**Por entre Searas**», em 1928, «**Nas Margens da Ria**», em 1937, e «**No Altar da Pátria**», em 1939. Para o teatro escreveu a comédia lírica «**Duelo d'Amor**», que foi representada, em 1913, no Teatro Nacional de D. Maria II.



O FIM DO MONSTRO

Dorme a cidade nobre e bella do oriente.
Adormeceu ha pouco ouvindo o mar tremente
Contar-lhe, com paixão e paternaes cuidados,
Um caso succedido em tempos afastados.
Era um caso d'amor cujo protagonista,
Um principe radioso e bom como a Belleza,
Obrára colossaes prodigios de bravura
P'ra libertar a sua angelica princeza
Da tenebrosa dor d'uma prisão escura.
E ao ver adormecida a historica cidade,
O mar arranca então um hymno soluçante,
Tão cheio d'agonias,
Tão claro de saudade
Como se ali batesse o coração gigante
Do velho Jeremias.
Tudo deserto. O ceu, soturno e carregado,
Sem uma luz sequer no ambito infinito,
Ergue-se sobre nós como o tecto pesado
D'um carcere maldicto.
Rompem, de quando em vez, do fundo d'um tugurio
Ou d'um palacio ingente
A aza d'um soluço, o sopro d'um murmurio
Como jactos fataes de sangue effervescente.

Rebenta alem um ai. Elle resume a dor

D'esta infeliz cidade.

E' a lava da paixão fremindo pelo horror

Das voragens sem fim d'uma fatalidade.

E' toda um'alma ideal cahindo das montanhas

De seculos de gloria

A' escuridão gelada, ás lugubres entranhas

Dos gelos eternaes da Siberia da Historia.

E' como o ai febril d'uma captiva bella

Que estende o seu olhar pela amplidão sem fim

E já não vê luzir a compassiva estrella,

O astro seductor

Que um dia lhe doirou a torre de marfim

Assente n'um sorriso esplendido d'amor.

Ergue-se a Morte, uivando, em meio das ruinas.

Distantes, os leões, frementes como a lava,

Descerram torvamente as boccas purpuras.

Passa uma sombra, alem, tremendo e lacrimosa.

E' a alma d'esta Patria, inda hontem majestosa,

Arrastando o seu manto humillimo d'escrava.

Ao longe explue a voz satanica e mordente,

Dominadora e forte,

Da sentinella atroz das feras do Occidente

De guarda a este campo horrifico da Morte.

Os templos colossaes, esphingicos, funereos,

Alguns tombados já ao odio dos tyrannos,

Teem a voz potente, immensa, de Mystérios

De centenares d'annos.

Elles viram passar as hostes triumphantes

De volta das batalhas.

Ouviram ressoar o grito dos gigantes,

Sentiram palpar o seio das muralhas.

Elles viram passar os luzidos cortejos

Dos reis omnipotentes,

Sentiram coruscar muitos milhões de beijos

E ouviram soluçar muitos milhões de crentes.

Morreram gerações, tombaram monumentos

E thronos seculares.

E elles desafiando os impetos dos ventos

Como desafiando as coleras dos mares.

Mas hoje, sobre o pó ou tristes como parias,

Soturnos, pensativos,

Os templos colossaes de centenares d'annos

Só veem através das ruas solitarias,

Carpindo — a dor immensa e santa dos captivos.

Rugindo — o odio rubro e infame dos tyrannos.

Como que se presente o passo formidavel

D'innúmeros milhões d'espectros colossaes.

Tremem, violentamente, as almas das collinas.

E subito — visão macabra e repellente! —

Avançam através das lugubres ruinas

Dóis horridos clarões de luz phosphorescente.

Estala uma feroz, diabolica risada.

E enchendo todo o mar e toda a immensidão,

Rompe uma voz cruel, tremenda, desvairada,

Mais rude do que a voz potente d'um trovão:

«Levanta-te, cidade! Erguei-vos, gerações!

Eu sou um domador de povos e de reis

Mais forte que a Ambição, mais forte que as Paixões,

Tenho na minha mente um circulo de leis

E tenho no meu peito um antro de leões.

Fui eu que conduzi ás coleras supremas

As feras immortaes a que chamaes tyrannos.

Liguei-as bem a mim com um milhão d'algemas

E vê-las-ei rolar, pelos montes dos annos,

Por entre alluviões d'imprecações extremas.

Fidalgo e seductor, subtil em artificios,

Eu tive muita vez a rutilas bellezas

Chorando no meu peito as lagrimas dos vicios.

Queimou-me muitas vez a carne das princezas,

Sentei-me muita vez nos thronos pontificios.

Depois de presidir á morte d'um paiz,

Depois de sentir bem o temporal desfeito,

Das coleras brutaes, sangrentas e febris,

Eu vou-me descançar na doce paz do leito

E fico-me a dormir como um burguez feliz.

Na noite em que a Polonia, a velha peregrina,

Soltou, sob os meus pés, o seu extremo arranco,

Os cortezãos gentis da ardente Catharina

Viram-me atravessar, como um fantasma branco,

Os magicos salões da regia libertina.

A arte d'intrigar é a minha acção mais grata.

Ninguém, como eu, baralha as cartas da Politica.

Fui hontem cannibal, sou hoje diplomata.

Illudo os meus **heroes** na occasião mais critica

Cantando do Progresso a ingenua serenata.

Mas n'esta lide intensa, asperrima, sombria,

N'este lutar feroz de tanta majestade,

Eu sei que vou perdendo a minha sympathia.

Custa-me já erguer ao peso d'esta idade

E soffro d'amaurose e soffro d'anemia.

E a noite avança. Agora, o ingente mar profundo,

Como que se retráe, tomado de surpresa.

Lateja fortemente o coração do mundo.

Dilata-se, assombrado, o olhar da natureza.

Ha o pavor gelado, estranho, indecifavel,

Das tragicas visões, das convulsões fataes.

Mas hei-de refflorir. A minha omnipotencia
Ainda freme e impera em seu fulgor immenso.
Não póde triumphar tamanha incongruencia.
Não póde triumphar tão rude contrasenso:
Criar-me o Coração, matar-me a Consciência!»

E fica silencioso, aterrador funereo.
O seu olhar é como o íremebundo olhar
Da Morte contemplando um vasto cemiterio.
A propria escuridão palpita como o mar.
E, rapido, uma voz longinqua e imperativa,
Severa como a voz da colera de Deus,
Fulgura como a luz d'uma centelha viva
Cahindo da amplidão intermina dos ceus.
E a voz ordena:

«Adeante, adeante, cannibal!
Eu sou a Consciência, a martyr immortal!
Adeante, sclerado! Ha seculos sem fim,
Desde que a voz de Deus cahiu sobre Caim
Que eu lucto contra ti, esqualido Protheu!
Adeante, salteador! O mundo agora é meu!»

E n'isto o velho mar, leão allucinado,
Atira para o ar os vagalhões gigantes,
Titanica explosão d'um íedio concentrado.
Os raios e os trovões estalam, fulminantes.
A terra, rebramindo em fortes cataclysmos,
Arranca imprecações, em fogo, das entranhas.
Relampagueiam odio os olhos dos abysmos,
Trovejam maldicções as boccas das montanhas.
Perpassam, conclamando, as sombras desvairadas
Das victimas gentis das raivas dos tyrannos.
Gotteja-lhes do peito o sangue das espadas,
Lampeja-lhes no olhar todo o rancor dos annos.
O ceu inclina um pouco a fronte tenebrosa.
Os arrancos do mar succedem-se violentos.
A chuva cae feroz, tremenda, prodigiosa,
Porentre o assobiar terrifico dos ventos.
Sibilam pelo ar satanicas pedradas.
Ululam torvamente as campas famulentas.
Chasqueia a escuridão. Estrugem gargalhadas
Mais rudes que punhaes de laminas sangrentas.
E o Genio Mau da Guerra, inerte, dominado,
Mysterioso como os odios mais profundos,
Caminha como um ebrio, um paria escalavrado,
Para o extremo horror, p'ra a solidão dos mundos.

Pouco depois surgia o sol omnipotente.
Do peito varonil da historica cidade
Rompia o brado immenso, o grito refulgente
E audaz da liberdade.

Partiam-se os grilhões de toda a escravidão.
Eo mar profundo, alem, fitando o azul dos ceus,
Vibrava um hymno immenso, um cantico á Razão
Como se fôra a voz altisona de Deus.

A PLANICIE

—Era uma planicie immensa, fertil, em que a
vegetação rompia n'uma forte exuberancia de seiva e
por onde os olhos mal afeitos a estes soberbos capri-
chos da natureza se espriavam largamente, maravi-
lhados de tanta simplicidade e belleza. Espessos como-
ros, por onde esvoaçavam açodadamente passaros, mar-
ginavam os arenosos e quasi despovoados caminhos;
outros, mais tenues, separavam propriedades, cin-
gindo-as. Ao longe, e em torno, alvejavam casinhas de
povoações tranquilas. Para lá, do lado do oriente, da
negrura dos pinhaes que coroavam as sumidades
majestosas d'uma serra, emergia uma ermidinha branca,
de linhas vagas—um como lenço saudoso, parecendo
saudar o campo enorme. Os milharões enloiravam. Nos
quintaes, ao declinar do dia, gargalhavam as crianci-
nhas, brincando. Alvaro tambem folgava. De quando
em vez, da alma aromatica dos campos, rompia uma
canção langorosa, dóce e flebil, que se evolava como
sonhos de corações estrellados. Passando, assobiavam
lavradores satisfeitos do seu dia. Chiavam carros ao
longo das pacificas estradas. Da lareiras, onde mansa-
mente crepitava a lenha do pinho familiar e amigo,
subia um fumo subtil, que se escoava pela chaminé
modesta e impregnava a atmosphaera d'um aroma conso-
lador e sadio. A noite desdobra lentamente as suas
azas. E, como ave saudosa do seu ninho, Alvaro voltava
apressadamente ao lar, onde braços carinhosos o cin-
giam n'uma explosão d'amor, todo elle a respalndecer
como estrellinha d'alva em manhã casta de maio.

Sonhos meus, meus ideaes e meus amores!
Morta a mão que na vida me impellia,
Sêde vós minha eterna companhia,
Companheiros leaes das minhas dores.

Sabe Deus que jamais os vãos louvores
Acharam echo em minha phantasia.
Não é o oiro a luz que me extasia
E nem da Sorte os rutilos favores.

Mas quíзера uma vida socegada,
De trabalho fecundo, aproveitada
Para fazer o bem, a bem de Deus.

E, por fim, já no termo da jornada,
Morrer como creança descuidada
E reviver no coração dos meus.

CERCA O DAMNADO

— Cerca o damnado!

E, ao mesmo tempo, dois tiros soavam lugubrememente. O moço ergueu a fronte e olhou. Como se fugissem d'uma visão do inferno, Angela e Martha corriam ao seu encontro.

— Alvaro! Alvaro! Socorro!

D'alem, armados de espingardas e de foices, alguns homens vinham perseguindo, furiosamente, um cão. E Alvaro compreendeu, n'um relance, o melindre de momento.

— Cerca o damnado!

N'um impeto, n'um arranco de decisão indomável, o mancebo conduziu as duas raparigas para detraz d'um vallado. N'esse instante, aproximava-se um velho, d' enxada ao hombro. Alvaro tomou-lhe a enxada, apontou-lhe o refugio das meninas, correu para o meio da estrada, collocou-se na direcção seguida pelo animal, alongou a cabeça por sobre um pequeno comoro e esperou.

— Cerca o damnado!

Longe, os cães uivavam lugubrememente. No campo enorme, alem d'aquelles homens que perseguiam, encarniçadamente, aquella fera, ninguém. Pleno deserto. A natureza dir-se-hia contemplar, arrepiada, o combate. Nem a mais leve aragem sacudia a mais leve folha. Tudo immovel, tudo silencioso e frio, como se fôra dominado pela mesma consciencia, atacada do mesmo irresistível assombro.

— Cerca o damnado!

Por detraz do vallado, a medo, espiavam seis olhos, horrorizados. Angela, n'uma allucinação, bradou:

— Alvaro! Alvaro Fuja!

E ,entretanto, o animal avançava. Avançava cada vez mais distanciado dos seus rudes inimigos, em linha recta, n'uma corrida vertiginosa, estupenda, como impedido por uma força diabólica.

— Cerca o damnado!

As duas meninas n'um desvairamento, ergueram-se. Reconhecendo a inutilidade dos seus esforços, os homens suspendiam a carreira. Ao longe ,os cães uivavam cada vez mais aterradoramente.

— Cerca o damnado!

D'um salto, Alvaro aproximou-se do comoro, baixou-se, abriu com o cabo da enxada, uma pequena fresta e espreitou. O animal continuava a avançar, galgando os campos, abeirando-se do comoro, os olhos faiscantes como brazas, os labios como que arregaçados n'um sorriso hediondo, offegante, ameaçador, terrível. De repente, o mancebo levantou-se, a enxada relampagueou no ar, desceu com a rapidez do raio, ouviu-se um som estranho, de ferro penetrando em corpo duro, e, descrevendo uma volta no espaço, o cão foi estatelar-se na valeta da estrada, pesadamente e sangrando. Depois, um tremor violento e convulsivo, um retezar horripilante de musculos, um quasi que imperceptível gemido, um sopro... e a immobildade absoluta da morte. Então, Alvaro entregou a enxada ao velho, dirigiu-se às duas meninas, que d'olhos esgazeados, tremiam, lividas como cadaveres, falou-lhes, reanimou-as e, com ellas, continuou o seu caminho.

Homens do Porto — Barcelos e a Vila da Feira

Por Roberto Vaz de Oliveira

Licenciado nas Faculdades de Direito e Letras — Secção de Ciências Histórico-Geográficas, pela Universidade de Coimbra

Guilherme Braga — poeta

Miguel Ângelo Pereira — músico e compositor

António Cândido da Cunha — pintor

BREVE EXPLICAÇÃO

Dentro do programa já anunciado de querer contribuir com o meu esforço para a valorização do «museu de antiguidades» da minha terra, abeirei-me, desta vez, de três cintilantes figuras de uma constelação de valores humanos, acompanhando-as espiritualmente nas suas digressões culturais e artísticas pela Vila da Feira.

Um natural do Porto: o poeta Guilherme Braga.

Os outros dois naturais de Barcelos: Miguel Ângelo Pereira — músico e compositor e António Cândido da Cunha — pintor.

O Porto e Barcelos uniram-se nas honras da cidadania destes dois últimos, grandes vultos da nossa história artística: se, de facto, ambos nasceram nesta cidade, à qual sempre se mantiveram fiéis nos seus sentimentos filiais, foi naquela que, como filhos adoptivos, abriram os alicerces e levantaram a estrutura das triunfais carreiras, entre as alegrias e tristezas de uma vida inteira votada à terra onde se acolheram e escolheram para última morada.

Não procuro, neste trabalho, fazer um estudo geral da vida e obra destes três artistas.

Limito-me, principalmente, a descerrar a placa evocativa das graças com que distinguiram a minha terra, fazendo-a partilhar dos benefícios com que a natureza os privilegiou, o que também traduz uma homenagem de admiração e de respeito pelas suas memórias.

Em outros trabalhos encontrará o leitor o completo conhecimento dessa vida e obra, por mão de quem o pode fazer, com a competência especializada.

Assim se define a orientação que presidiu a este breve e despretencioso estudo.

Alonguei-me mais sobre Guilherme Braga não só por dispor, quanto a ele, de maior volume de notícias, mas ainda por exigência da minha sensibilidade, bem compreensível por ele ter sido um íntimo desta casa das Ribas onde nasci e moro, intimidade que se criou e desenvolveu na grande amizade que o prendeu a meus avós paternos, a quem, pelo seu casamento, ficou ligado por laços de sangue.

Sinto-me feliz pela oportunidade que tenho de chamar a atenção para a memória destes três senhores de nobre linhagem de espírito, lamentando que, por falta de forças, não os possa erguer, com os meus próprios braços — à altura que merecem: estou confiado em que outros me ajudarão.

Bom será que a Excelentíssima Câmara Municipal do Porto, à semelhança do que já fez com Guilherme Braga e Miguel Ângelo Pereira, homenageie António Cândido da Cunha, lembrando-o em rua ou praça da sua urbe e que outro tanto faça a de Barcelos quanto a este, do mesmo modo como já se desobrigou para com Miguel Ângelo Pereira.

Na «Exposição Histórica do Porto (Junho de 1934) na Sala B — entre os «Portuenses Ilustres» figurava, com o n.º 44, o nome de Guilherme Braga, (1845-1874) com sua fotografia, anotado como poeta notabilíssimo: foi expositor Dr. Pedro Vitorino.

Nos três quadros com os nomes de Portuenses ilustres, o do poeta também figurava «Nas Letras — Século XIX» — (Catálogo da exposição organizado por

aquele Pedro Vitorino e A. de Magalhães Bastos a fls., respectivamente, 17 e 20).

É necessário que se derrame mais luz sobre tantos artistas que, se não estão totalmente esquecidos, não são lembrados como merecem e que, sobre eles e as suas obras, se chame a atenção do público em geral e em especial da juventude e dos cultores da arte.

Neste momento e pela natureza deste trabalho, cabe a vez a um poeta, a um músico-compositor e a um pintor.

GUILHERME BRAGA

Poeta

NA VILA DA FEIRA

CASA DAS RIBAS

«Leitor amigo, lê-o que terás feito ajoelhar a tua alma ante um dos maiores e mais infelizes poetas de Portugal».

(Albino Forjaz de Sampaio in prefácio da 3.^a edição de «Heras e Violetas»)

Guilherme Braga nasceu no Porto, em 22 de Março de 1845, onde faleceu a 26 de Julho de 1874.

Era o filho mais novo de Alexandre José da Silva Braga e de sua mulher D. Maria Emília de Carvalho Braga e irmão do célebre advogado e tribuno Dr. Alexandre Braga pai.

O seu nome deu glória às letras portuguesas:

A ele se referiram, com entusiástico louvor e apreciável carinho, homens eminentes do nosso país.

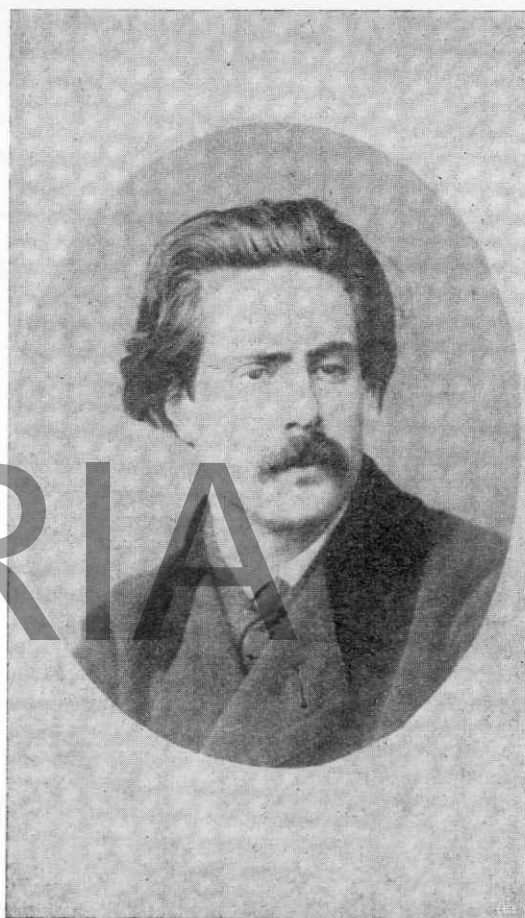
Alberto Pimentel (a quem Guilherme Braga chamava — o poeta das minhas saudades) em «Homens e datas», considera-o «o mair poeta que tem honrado a literatura portuguesa depois da morte de Soares de Passos»; Silva Pinto julgou-o — «o maior de todos nós» e o melhor poeta do seu tempo»; Junqueiro chamou-o — «o maior poeta de combate em Portugal» e Albino Forjaz de Sampaio, no prefácio à 3.^a edição de Heras e Violetas, nomeou-o o «lírico eternecido, suave e bom».

Por sua vez, Sampaio Bruno, no preâmbulo ao «Bispo» — 1895, exalta-o dizendo que foi «um poeta lírico notabilíssimo d'uma sincera emotividade, admirável n'essa sublime elegia — Cadaveres — que é uma das raras páginas supremas, definitivas em nossa moderna literatura», no que foi acompanhado calo-

rosa e saudosamente por Bulhão Pato, em «Sob os Ciprestes», como adiante será referido.

Herculano e Castilho também o nobilitaram.

A propósito, Pedro de Lima, no seu estudo sobre Guilherme Braga, com que abre a segunda edição da tradução para português, feita pelo poeta, da «Atala» de Chateaubriand, diz a fls. XXX e XXXI: «Explica-se por isto, esta tradução a que o nosso Herculano, vi uma carta que o editor possui, considera igual ao original e da qual também Castilho disia



Guilherme Braga
(com dedicatória a meu avô paterno
— Dr. Joaquim Vaz)

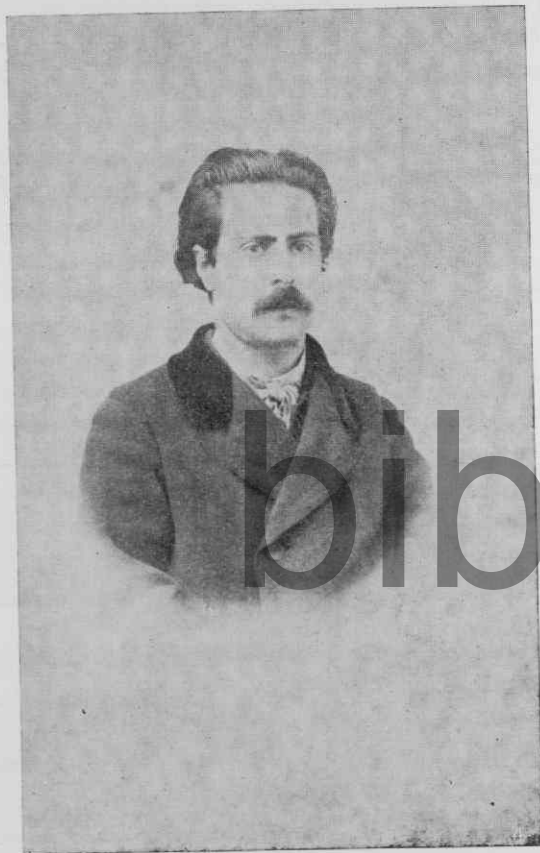
ser admirável. Mas Herculano não só elogiava por aquella forma a incomparavel tradução do «Atala», mas ainda affirmava também, na mesma carta, ser Guilherme Braga o poeta mais distincto d'esses tempos».

Pedro de Lima, naquele seu estudo, lembra realçando o valor do tradutor: «muitas vezes este trabalho tão completo foi feito junto da caixa do typo; à medida que o compositor o ia reproduzindo alli mesmo e sucessivamente. Outras em casa de seu irmão, depois de ter alli jantado e estarem ambos conversando».

Herculano e Castilho também chamaram admiráveis os versos que Guilherme Braga escreveu em francês para oferecer a Victor Hugo (cit. estudo de Pedro de Lima).

O Imperador Pedro II, do Brasil, foi em 2 de Março de 1872 «A S. Lazaro visitar o Romancista Camilo Castelo Branco e o Poeta Guilherme Braga» (Alberto Moreira, in «O Tripeiro» número 6 de Outubro de 1856 — fls. 178).

Também o aplaudiram Camilo, Castelar e muitos outros.



Guilherme Braga

Fidelino de figueiredo, na sua «História da Literatura Realista», embora não alinhe inteiramente com todos aqueles críticos, não deixa de o encarar como poeta de «verdadeira inspiração», considerando-o um poeta político muito prejudicado pela sua «inteira subordinação às modas da política e da literatura».

Em nota, destaca, fazendo-lhe justiça:

«Damos a seguir dois exemplos que mostram como em G. Braga se encontram algumas imagens e algumas maneiras de expressão poética depois aperfeiçoadas pelos poetas subsequentes:

... ..
E passar, como a sombra da andorinha,
Sobre o crystal d'um lago

(«Heras e Violetas», pág. 80)

... ..
E leve, como a sombra sobre a água

(Anthero de Quental, «Zara»)

... ..
Ouvi, parei, tremi

(«Heras e Violetas», pág. 36)

... ..
Ouvii, sorriu, tremeu e ficou silenciosa

(G. Junqueiro, «A Lágrima»)

Foi autor de notáveis versos: **de crítica e de combate** («Falsos Apóstolos — Heresia» — Junho de 1871 e «Bispo — Nova heresia» — 12 de Novembro de 1873, com prefácio de Sampaio Bruno); **românticos de um puro e belo lirismo** (Heras e Violetas — 1869); **de humorismo** (o Mal da Delfina — paródia à Delfina do Mal — de Tomás Ribeiro — Abril de 1869); **de exaltação patriótica** (Ecos de Aljubarrota — 10 de Outubro de 1868). Além de um poemeto «A memória de José Cardoso Vieira de Castro», publicado em 1872, juntamente com outro de Vieira d'Andrade, quando se tomou conhecimento do seu falecimento no degredo, deixou muitos versos dispersos, em parte reunidos em volume, (em que se incluem os das Rosas e Ortigas) por o Dr. Rodrigo Veloso, em 1898.

Foi, ainda, o autor da tradução, para português, do célebre — «Atala», de Chateaubriand: aos 15 anos traduzia a poesia de Victor Hugo — os pobres — «trezentos e tantos endecassilabos impecáveis».

Alguém atribuiu a 1850, a data dos seus primeiros versos «Flores sobre um túmulo».

Tornaram-se célebres os versos que recitou no teatro de S. João do Porto, em 9 de Julho de 1872, que, galvanizando toda a assistência em delírio, emocionou, até às lágrimas, a Rainha D. Maria Pia e impressionou o Rei D. Luís de tal modo que o condecorou com o hábito de S. Tiago fazendo-o sentar, mais tarde, à sua mesa no palácio de Sintra.

Em 1864 compôs a letra para o «Hino do Porto», da autoria do distinto compositor João Nepomuceno Medina Paiva («O Tripeiro» — Julho de 1964).

A sua pena também brilhou na prosa, mesmo como jornalista, acompanhando os fulgores do seu génio, deixando escritos, de grande sabor crítico e literário, espalhados em jornais e revistas.

Podem-se destacar, entre eles, o estudo sobre Júlio Diniz datado de Março de 1872 e publicado num jornal brasileiro (O «Tripeiro» — Dezembro de 1965, fls. 359), onde o aproxima a Camilo nos seguintes termos:

«Aqueles duas fontes, aureoladas pelo génio, estão já consagradas, uma pela morte, e outra pelo sofrimento. A providência não costuma deixar nuas as fronteiras privilegiadas; o arcanjo do talento sabe a que espinhais esta senda lhe é lícito ir colher um diadema para laurear os infelizes que o adoram».

E na verdade, assim aconteceu com ele: conquistou «cátedra», entre os maiores homens de letras do seu tempo.

É admirável o seu artigo sobre o «Castelo da Feira» em «Vespas e Mariposas», publicação trimestral, como brinde aos assinantes do Diário da Tarde do Porto, número 1, páginas 16.

De entre as publicações em que colaborou podemos citar, além de «Vespas e Mariposas»: — Grinalda, Miscelânea Literária, Civilizador, Porto Ilustrado, Facho Literário, Correio de Portugal, Porto Elegante, Mocidade, Gazeta Democrática, Clamor do Povo, Diário da Tarde, Distrito de Aveiro, Luta Nacional.

O conjunto da sua obra é um permanente abraço às ideias liberais que defendeu com labaredas de génio.

Muitos dos seus versos, alguns inéditos, foram publicados nos jornais da Feira: «Correio da Feira», «Comércio da Feira» e «Notícias da Feira».

Guilherme Braga ainda se notabilizou na epistolografia, onde vivia com entusiasmo as suas alegrias e as suas dores, de mistura com fino humorismo, por vezes com largas tiradas sarcásticas, o que está bem testemunhado nas cartas dirigidas a Bulhão Pato poucos meses antes de morrer.

Também falava e conversava com facilidade e felicidade de termos, encantando a elegância com que o fazia e deixando gratas recordações entre os que com ele se reuniam nas tertúlias da tabacaria Havanese, ao cimo da rua de Santo António e da livraria Moe, fronteira à Casa do Lino, à esquina dos Loios.

Entre eles, contavam-se Júlio Diniz e os advogados Dr. António Lúcio Tavares Crespo, seu irmão Dr. Alexandre Braga, Dr. Guilherme Guedes de Amorim, Dr. Flórido Teles de Menezes Vasconcelos e, por vezes, Ramalho Ortigão (José Saraiva — À porta do Lino — fls. 127 e 181).

Revelou-se um apreciável caricaturista em vários desenhos, alguns ainda inéditos, como o que se reproduz alusivo a meu tio, tenente-coronel Domingos Eugénio da Silva Canedo.

Outro, que adiante merecerá referência especial, foi reproduzido por Alberto Moreira no seu artigo «O Carnaval de Outrora» («O Tripeiro», Fevereiro de 1960).

Alberto Moreira, em «O Tripeiro» de Julho de 1947, a páginas 54, informou que estava para breve a publicação de duas publicações, reunindo em volume produções que coligira de Guilherme Braga, uma de «Poemas Inéditos e Dispersos» prefaciado pela sobrinha do poeta — D. Maria Emilia Braga e outra de «Cartas Intimas, Literárias e de Combate».

Também disse, em «O Tripeiro» de Dezembro de 1965, que o poeta «se empenhava num largo estudo à excelsa personalidade literária de Gomes Coelho (Júlio Diniz)».

Infelizmente nenhuma destas obras foi dada à publicidade.

Melhor sorte teve a já referida iniciativa do Dr. Rodrigo Veloso, em 1898, reunindo em volume (livro raro pois teve a exígua tiragem de 100 exemplares) muitos poemas de Guilherme Braga, não abrangidos nas «Heras e Violetas», onde se encontram os que formaram as «Rosas e Ortigas» — «copiados de folheto impresso sem indicação de lugar mas talvez na Vila da Feira».

Este livro está valorizado com muitas notas explicativas.

As «Rosas e Ortigas» foram publicadas, em forma de folheto, no aludido jornal «Comércio da Feira».

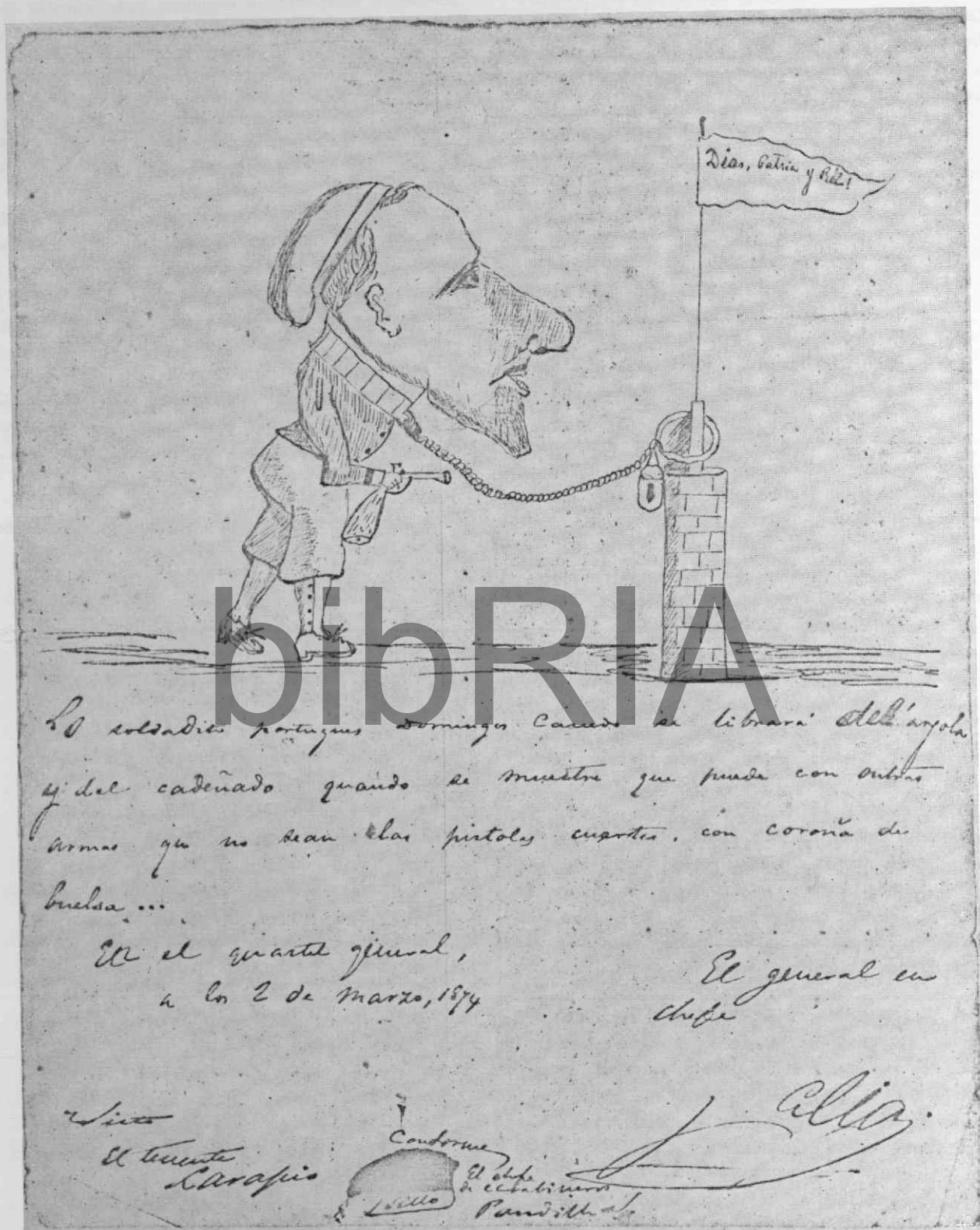
Quando faleceu tinha outras obras, em preparação, se não concluídas, como «Lavas» e «Missionários».

Daquela chegou a anunciar-se a publicação conhecendo-se desta, apenas, alguns trechos.

Há ainda, notícia de ter composto «Memórias do meu tempo», que não chegaram a ser publicadas (cit. «O Tripeiro» — de Julho de 1947, fls. 51).

Entre as publicações dedicadas à obra e personalidade de Guilherme Braga, destaca-se «O Tripeiro», sobretudo com os interessantes e valiosos artigos de Alberto Moreira.

Em 1890, Deolindo de Castro, Heliodoro Salgado, Teixeira de Brito e Delfim Gomes, promoveram a publicação, em opúsculo, dos seus artigos que compõem a «Homenagem aos mortos — Guilherme Braga» (Encyclopédia Social - Sciencias - Política - Artes - Le-



Caricatura do tenente - coronel Domingos Eugénio da Silva Canedo, por Guilherme Braga

tras III)—impressa em Coimbra, na tipografia União, comemorando o 16.º ano do seu falecimento.

A edição, que constou apenas de vinte exemplares, numerados e rubricados pelo director, aquele Delfim Gomes, foi «offertada aos excelentíssimos parentes e a alguns dos mais considerados veneradores do illustre morto que neste opúsculo é glorificado».

O exemplar que tenho é o n.º 1, dedicado ao irmão, o Dr. Alexandre Braga.

Além deste foram distinguidos outros membros da família, como Alexandre Braga filho: entre os demais contemplados contam-se Heliodoro Salgado, Dr. Theófilo Braga, José Pereira Sampaio (Bruno), Silva Pinto, Bulhão Pato, Dr. António Xavier Rodrigues Cordeiro, Dr. João Penha, conselheiro Manuel Pinheiro Chagas, Emídio de Oliveira e Barão de Paçõ Vieira (Alfredo).

Guilherme Braga, em 1868, foi nomeado distribuidor da comarca do Porto, depois de um concurso brilhante, como informa o citado Alberto Moreira em «O Tripeiro» de Julho de 1947.

Foi um dos fundadores da Associação de Professores e Homens de Letras, que teve a sua sessão inaugurar em 12 de Fevereiro de 1870.

De igual modo foi um dos fundadores do primeiro jornal republicano do Porto, *Gazeta Democrática* (1870).

A sua grande admiração por Hugo, cuja obra muito o influenciou, levou-o a oferecer-lhe o primeiro número desse jornal, o que mereceu, em resposta, uma carta muito carinhosa cujo texto está reproduzido em «O Tripeiro» de Julho de 1947.

Barbosa Gama, que foi distinto director do colégio do seu nome, na rua das Oliveiras, do Porto, que frequentei durante alguns anos, publicou em o «Progresso Académico» — Ano I, número 1, de 31 de Janeiro de 1905, folhas 6, a versão, em francês, da poesia de Guilherme Braga — A morte de um filho.

A obra de Guilherme Braga foi muito discutida, sobretudo no campo religioso, mas o que nunca esteve em dúvida foi o seu alto valor literário, sobretudo como poeta e o vigor e a pujança da sua inteligência que se extrema desde a crítica mordaz e impiedosa até uma suave e enternecedora candura.

Para uns foi um anti-católico, mesmo anti-cristão, se não ateu; para outros apenas um inconformado com abusos que não tolerava, um revoltado.

Agia, por vezes em desafronta, dominado por um meio que a muitos conduziu, contagiosamente, à irre-

verência em época em que a controvérsia política e social tomava, geralmente, uma forma apaixonada e violenta, o que encontrava clima propício no seu temperamento arrebatado e impulsivo, com reacções que culminavam em exageros que julgo não correspondiam aos seus melhores e mais íntimos sentimentos.

Mas, não nutria sentimentos anti-religiosos, como evidenciou em muitos dos seus versos e actos da sua vida.

Assim o entendeu Alberto Pimentel, no seu já citado livro «Homens e datas»: «Nunca o autor se revoltou contra Deus; atacou, simplesmente o fanatismo que é a negação de Deus. A sua alma era boa, carinhosa e branda. O seu talento é que era torrencial como as cachoeiras do Niagara e muitas vezes arrastava-o nos próprios ímpetos».

Em artigo assinado por P. S. em «O Tripeiro» de Fevereiro de 1927 também se alinha pelo mesmo critério: «nos seus versos era violento contra os falsos ministros da religião».

A confirmar transcrevem-se algumas passagens dos seus escritos.

8 de Outubro de 1860

Diante d'um crucifixo

Quando tu, ermo e só, pelo mundo passaste,
A semente do bem cahiu de tua mão;
Cahiu, e a nossos pés, do arbusto que plantaste,
O vento espalha agora os fructos pelo chão:

São esses, pois, ó Christo, os Lazaros que esperam.
Esse em cujos céus a aurora não sorri,
E a quem tu, devassando a noite a que desceram,
Tens de bradar bem alto: «Ó Lazaros surgi!»

Vem dar-lhes uma esp'rança. O abysmo é tenebroso,
E a sombra envolve tudo àquele que desceu...
Só tu podes erguer o véo mysterioso:
Vem, pois, erguel-o, ó Christo, e mostra-lhes o céu!

(«Heras e Violetas», 1.ª edição, fls. 75)

1860-1862

Em data que corresponde ao 3.º ano do jornal de versos «A Grinalda», escreveu a seguinte poesia

que transcrevo na íntegra, não só pela sua beleza,
mas para melhor se compreender a extensão e o ver-
dadeiro significado da sua última quadra.

SÓ DEUS

Quem manda ao peregrino, afadigado
Das lides da romagem,
Um perfume da pátria, misturado
D'outros climas na aragem?

Quem lhe diz «Lá te espera o teu albergue
E os filhinhos e a esposa
Que a Deos por ti as mãos trémulas ergue
Em prece fervorosa?»

Quem ao nauta, perdido entre a procella,
Longe nos horizontes,
Mostra do raio à luz, rápida e bella,
Da sua aldeia os montes?

Quem lhe diz «No Senhor tem fé e espera
Que não tarda a bonança,
E sempre, mais e mais, nos seios gera
Nova, fecunda esperança?»

Quem aos orfãos do mundo abandonados,
Envia docemente,
Para aquecer-lhe os membros congelados,
Do sol um raio ardente?

Quem à viuva infeliz enxuga o pranto
Co'a mão da caridade
E lhe leva um consôlo sacro-santo
Às trevas da orfandade?

Ao captivo, que chora entre as algemas
De infame tyrannia,
Quem diz «Bem cêdo há-de raiar, não temas,
Da liberdade o dia?»

Vãs perguntas: Seu nome não se esconde,
Em tudo está presente...
Não ouves uma voz que te responde:
«É Deus! é Deus sómente!»

(Poesias reunidas por
Dr. Rodrigo Veloso — fls. 113)

27 de Janeiro de 1866

AVÊ, MARIA, GRATIA PLENA

De tantos sonhos que abranjo
Tu és o sonho melhor;
Livro escripto por um anjo
É que eu sei todo de cór.

Estátua, que te levantas
Entre as mais, cheia de luz,
Como entre a côrte das santas
Maria, a mãe de Jesus!

Haste, que toda te infloras
Quando eu te digo, a tremer,
Que não tenho outras auroras
Mais que os teus olhos, mulher!

Quando eu, de sombras coberto,
Vou sentar-me ao lado teu,
Como estou de ti mais perto,
Fico mais perto do céu!...

(«Heras e Violetas», 1.^a edição — fls. 191)

4 de Março de 1866

AO SENHOR JOÃO JOSÉ TEIXEIRA GUIMARÃES

Que importa esse cair das horas uma a uma
Se vae n'ellas envolto o germen d'outra vida?
Que importa que ante nós s'eleve a intensa bruma
Se a luz do sol do bem a deixa dissolvida!

Isto para dizer-lhe: «A Deus que o fez tão nobre
Agradeça prostado a alma que tudo admira...
E aceite sem orgulho a prenda d'este pobre
Que só no coração pode encontrar a lyra

Quadras feitas a seu futuro sogro no
aniversário do seu natalício.

(cit. ob. do Dr. Rodrigo Veloso, fls. 85)

Março 1872

No aludido artigo dedicado à memória de Júlio
Diniz exclama: «Não sei, não quero, nem procuro saber
a quem pertenceu na terra o pó que ali descansa
— creio na immortalidade, devo crer na justiça divina.

A alma que animava aquele pó, sopro que passou,
cintilação que se apagou, perfume que se esvaiu no
espaço, pertence a Deus. A Deus cumpre julgá-la.

Novembro de 1872

AMÉLIA

... ..
Cedo a luz voltará. Tem fé... e espera!
A esp'rança nos anima, a fé nos salva!
Cedo aí, cedo verás, no azul da esfera,
Subir, humilde e bella, a estrela d'alma!

Assim nossa alma, a flamma sacrossanta,
Da materia immortal fuge esquecida,
Rasga as nevoas da morte, e se alevanta,
Luminosa, ascendendo à eterna vida!

(Versos coligidos por Dr. Rodrigo Veloso, fls. 74)

7 de Março de 1874

(VERSOS PARA BULHÃO PATO)

... ..
Sou moço ainda e sinto-me acurvado
Sob um peso tremendo. O condenado
Apella para Deus:
Mas Deus, o Deus magnanimo e sublime,
Não quer pesar as provas do meu crime,
Nem ouve os rogos meus
... ..
Morrer. Do abysmo à beira eu paro e scismo
Do pavoroso seio d'um abysmo
Nas trevas glaciaes,
E quasi invejo a inquebrantavel calma
Dos que dormem sem voz, sem luz, sem alma
Ossadas desiguaes

Uma manifestação, bem expressa, da sua grande
crença em Deus, deixou-a nas seguintes quadras, sem
data, publicadas a pág. 224 do 1.º ano do Museu Ilus-
trado (Porto, 1878).

AO ROMPER DA MANHÃ

Vós, atheus, que descreis mesmo d'aquelle
Que para nos salvar morreu na cruz,
Vós, que não podeis crer que seja elle
Quem a vida nos dá, quem nos dá luz!

Vós que viveis na intensa escuridade
Das sombras a que Deus vos arrojou,
Vinde vêr d'esta scena a magestade
Que a mão d'elle ante nós desenrolou

Vinde ouvir estes sons, esta harmonia,
Vinde vêr dos espaços na amplidão
As torrentes de luz que esparge o dia
Quando rasga da noite a escuridão.

Vinde vêr o que encerra esta existência,
A luz, a terra, o mar, o azul dos céus,
E dissei-me depois se ha Providencia,
E dissei-me depois se existe Deus.

(cit. ob. do Dr. Rodrigo Veloso, fls. 25 e 220)

Guilherme Braga, ao escolher a «Atala» de Cha-
teaubriand para uma tradução feliz («igual ao original»
como a definiu Herculano, e «admirável» como a capitu-
lou Castilho, como já referimos) — deu uma prova de
marcada inclinação do seu espirito religioso, em plena
afirmação da sua crença em Deus e em Cristo.

Assim, no seu prólogo a esta tradução — feita des-
preocupadamente em jactos de talento, afirma com
desassombro, o que bem merece ser evidenciado:

«A Revolução fôra grandiosa, sublime, exuberante
de princípios reorganizadores; mas a razão humana,
desvairada por ella, quiz alar-se a alturas defesas;
quiz levar muito longe de mais a audácia de que se
armara na lucta; e, por isso que se via liberta de todas
as escravidões do passado, quiz também libertar-se do
unico jugo que lhe não era dado sacudir, do jugo de
Deus. Viu arrasada a Bastilha, destruidos os thronos,
desfeitos os altares, incendiadas as egrejas, desmoro-
nados os palácios, a realza sem prestígio, a nobreza
sem privilégios, o clero sem respeito, e pensou que lhe
era licito, ao atravessar triumphante por cima de todos
esses destroços, ao levantar-se, formidavel, dentro do
acervo de todas essas ruinas, escalar o firmamento, ras-
gar como um veu todos os mystérios divinos, e, abeiran-
do-se do escuro phantasma, que o passado denominava
Deus, derrubar-o, como quem derruba uma estatua e
dizer-lhe, como quem falla a um morto «Vae-te; eu não
preciso de ti».

Tentou o sacrilegio, arrojou-se à impiedade, e caiu.
Caiu como Prometheo, aniquilada, vencida, desesperada,
sobre o eterno rochedo, onde veio aguilhoal-a a vin-
gança divina!

A Providência desculpara-lhe os erros, mas não
pôde perdoar-lhe esse crime. Desculpara-lhe os crimes,
mas não pôde perdoar-lhe aquelle erro. Erro, porque
trazia consigo a morte moral da sociedade; crime,
porque seria o assassino da alma.

A Revolução fizera rolar na guilhotina muitas cabeças inocentes, e muitas cabeças culpadas; fôra cruel, carniceira, feroz, como uma baccante embriagada com sangue, mas resgatara a humanidade do lento supplicio da servidão, realizando por meio d'uma energia atroz, a ideia que Jesus enunciára por meio de uma brandura sancta. A cratera, ameaçadora e terrível, não só desentranhava em chamas, em lava que tudo destruía; também dava luz!

Sobreveio a anarchia, especie de contra-revolução feita pelo destino. A litteratura, como sempre, copiava, pois a sua epocha. Era indecorosa, deshonestas, infame, como as cortesãs que se dessedentavam com sangue, de bruços no tablado da guilhotina; era cynica, blasphema, hedionda. A philosophia deturpava as ideias de Voltaire, dos encyclopedistas. O romance era uma obscenidade. A poesia assobiava estribilhos eroticos no lupanar e na taberna. O drama punha em movimento as maximas torpezas, ou em acção as maximas impiedades.

N'estas circunstâncias, Chateaubriand quiz oppôr aos desvairamentos da razão humana a suave concentração da philosophia do christianismo, e concebeu um livro admiravel, ungido de crenças fervorosas, de balsamos que pareciam dimanar do céu para cicatrizar uma ulcera enorme. A ultima parte d'esse livro, inteiramente consagrado à poetica do christianismo, depois de tractar da harmonia existente entre a religião e as scenas da natureza, tornando consoantes com uma e outra as paixões do coração humano, termina por um episódio mavioso, inspirado ao illustre escriptor pela sua viagem à America. Esse episódio é a Atala.»

Guilherme Braga, sem abdicar do seu ideal político, afirma claramente as suas convicções religiosas, como crente que era — o que na época, por certo, desgostou a alguns que mais o admiravam como escudo político do que pelo seu talento e valor.

Ontem, como hoje.

Tive o cuidado de mencionar as datas em que, respectivamente, foram escritas as referidas poesias e trechos, para mostrar que a sua fé na religião católica foi uma constante toda a sua vida: quer antes, quer depois de escrever os «Falsos Apóstolos» e «O Bispo».

Guilherme Braga ligou a sua vida à Vila da Feira e nomeadamente à casa das Ribas, onde passou muitos dias da sua vida em íntima e amiga convivência com os seus proprietários, a família Vaz de Oliveira, primos de sua mulher.



D. Maria Adelaide Teixeira Guimarães (a da direita) e sua irmã D. Francisca Estefânia Teixeira Guimarães (com oferecimento de D. Maria de Adelaide a minha bisavó materna D. Henriqueta Augusta Bandeira de Castro. 27-8-1866)

Em 1 de Maio de 1866 casou, na igreja de S. Nicolau da Feira, com D. Maria Adelaide Teixeira Guimarães de quem se enamorara dois anos antes, senhora de uma beleza notável «a formosa da Vila da Feira», de uma palidez de pérola, de olhos e cabelos negros, como a viu Alberto Pimentel no seu referido livro «Homens e Datas».

Nasceu na Vila da Feira a 14 de Março de 1846: era filha de João José Teixeira Guimarães, que em 1835 foi eleito capitão da segunda companhia dos voluntários da Feira e de sua mulher D. Maria Rosa da Luz, neta paterna de outro João José Teixeira Guimarães e de sua mulher D. Maria Rosa de Abreu, que eram os avós paternos de minha avó paterna D. Libânia Amélia Vaz de Almeida Teixeira, mulher de meu avô — Dr. Joaquim Vaz de Oliveira, primos co-irmãos da D. Maria Adelaide.

Foi um casamento de amor que se manteve em constante noivado durante toda a vida, que tão curta foi para ambos, pois ela sobreviveu-lhe pouco mais de dois meses.

Passemos inteira a vida,
 A vida que é tão veloz,
 Eu sempre teu, filha querida,
 Tu sempre ao meu peito unida
 E o nosso filho entre nós!

(Guilherme Braga Júnior, por Alberto
 Moreira — «O Tripeiro», Junho de 1957
 — Ano XIII, n.º 2, fls. 52)

Quando, pouco tempo antes de morrer, em 7 de
 Março de 1874, escrevia da casa das Ribas — para
 Bulhão Pato, exclamava em arrebatamento de uma
 grande paixão:

«Eu sou por ela o que sou por meu filho — um
 doido!».

A ela e aos filhos dedicou a 2.ª parte das «Heras
 e Violetas».

A primeira poesia de Guilherme Braga, relacionada
 com a minha família foi datada, de S. Martinho da
 Barca, concelho da Maia, em 20 de Setembro de 1864:
 intitula-se «O Moinho» e foi dedicada a meu avô
 paterno conforme está publicado na 1.ª edição de
 «Heras e Violetas», fls. 211, «Ao meu amigo, o Doutor
 Joaquim Vaz de Oliveira».

Onde a corrente é mais ruidosa e alta,
 Perto d'um olival ermo e sombrio,
 Um moinho a sombra estende sobre o rio,
 Que pelos vãos da roda espuma e salta

... ..

Alberto Moreira referindo-se ao poeta e a esta
 poesia, no «O Tripeiro» de Abril de 1965, lembra
 «à geração presente o talentoso poeta que revolucio-
 nou a poesia do seu tempo; que, por vezes, se eviden-
 ciou impressionista e naturalista — e que nos cantou
 «O Moinho», dando um cunho social e humano à labo-
 riosa acção do obscuro moleiro que, acrisolado no
 amor da família, «sufocava a pobreza com a fadiga»
 e para quem o Poeta reivindicava, «um lugar à mesa
 do progresso»!

«... ..
 Deus manda a todos nós um seu reflexo
 Esta família, tão obscura e pobre
 Que ao pé d'um jornaleiro se descobre,
 Tem um lugar à mesa do progresso!»

Tenho todas as quadras, que compõem a poesia,
 escritas pelo próprio punho de Guilherme Braga.
 São em número de nove e, por isso, com mais uma

além das que o poeta publicou em «Heras e Violetas»,
 naquela sua primeira edição — de 1869. Como se pode
 verificar pela fotocópia, que se reproduz neste trabalho,
 aquela quadra suprimida, interpõe-se entre a sexta e a
 sétima.

Eu quando passo ali, e ouço lá dentro
 A voz rouca do moinho e a do moleiro
 Sem me importar c'os saltos do rafeiro
 Que a ladrar me precede, as portas entro.

Não sei explicar a razão desta omissão; por qual-
 quer motivo desagradou ao poeta ou houve lapso na
 impressão.

É curioso notar que, naquele manuscrito, trata meu
 avô com maior intimidade (ao meu amigo Joaquim
 Vaz d'Oliveira) e não menciona o dia e mês em que
 aquela poesia foi escrita, referindo apenas o ano com
 a indicação «escrito em S. Mart.º de Barca».

Em 1866, datado de Março, escreveu na Vila da
 Feira uma longa poesia intitulada «Cousas vistas atra-
 vés das folhas».



D. Maria Rosa da Luz, mãe da D. Maria Adelaide
 e da D. Francisca Estefânia



Capela da Casa das Ribas
D. Maria Adelaide (a da extrema direita do primeiro plano, defronte da porta da capela) junto
a sua irmã D. Francisca Estefânia — com a família Vaz de Oliveira.
Princípios da década de 60

... ..
Morde-se a rosa d'inveja
Quando, ao cortar-lhe o botão,
Lhe diz: — Ignore qual seja
Mais linda; a rosa ou a mão?
... ..

(Cit. «Heras e Violetas», 1.^a edição, pág. 193)

Na véspera do seu casamento, em 30 de Abril de 1866 e já datada da Vila da Feira, fez uma encantadora poesia «À pequena Luísa», de nome Luíza Vaz de Oliveira, irmã de meu pai, quando ela completava 3 anos, publicada em «Heras e Violetas», 1.^a edição, fls. 205.

D'um olhar à luz profunda,
— Olhar da mãe que te adora —
Tu lanças de ti tres raios:
Belleza, innocencia, aurora.

A aurora é o brilho da infância,
Luz que toda te alumia;
A beleza é o dia externo,
A innocencia o interno dia!

... ..

Tens ninho onde tudo aquece
Vêus onde é tudo agasalho
Em ti cada riso é um astro!
Cada lagrima um orvalho
... ..

Quando o archanjo a Deus o mostra,
Por traz d'elle a mãe se humilha:
Elle folga por guardar-te,
Ella, porque és sua filha!
... ..

Do mesmo ano conheço ainda as poesias — «Monstros e Reis», datada da Vila da Feira em 4 de Julho e «Esquecendo, esquecidos» de 16 de Julho, publicados na cit. «Heras e Violetas» a págs., respectivamente, 233 e 241. Destes últimos extrato a seguinte quadra:

Val mais viver n'este exílio
D'onde nós vemos os ceus,
Tanto mais longe dos homens
Quanto mais perto de Deus!

Neste mês de Julho, ao pôr do sol do dia 24 e às 10 horas da noite de 25, junto às ruínas do Castello da Feira, Guilherme Braga escreveu a célebre poesia «Cadaveres», dedicada ao referido Pedro Lima lem-

Q. moventes
(isto meu amigo J. J. de Almeida)

Onde a torrente é mais rápida e alta,
Perto do qual olival arvo e sombrio
Um moço a sombra estende sobre um rio
Luz pelas raias da rede repunha e salta.

Coberta de farinha na molina
Está sentada acaalentando o filho
Junto a' mãe que os pequenos grãos de milho
Está em chapa e os flocos de farinha
Está entretendo o miúdo em jogos sacos
Fazendo a sua farinha apurada
Enxertando pela roscas murchas
As farinhas cobertas de bexacos

E os pequenos são e um na mesma lida
Luz mais o alegre guindo mais o canto
Esmoza alguns mais a criança
E os regos maternos aborrecida

Não fomes que elle tem, chris de fruta,
— Dê-lhe um cão a guinda de a enxada —
Muita soupa estendida sobre a herba
Está cozinhando no sol já meus insetos

É que a minha sa molice — de sapar
Muita trilha de logar, e lavadeira
E praça a trabalhar a vida inteira
Sufocando a febre com o fadiga.

Eu quando passo ali, e ouço lá dentro
O vóz rouca do moço e a do moço
Sem me importar com os saltos de sapato,
Lá a ladras me prende, as portas entre.

Até quando se é feita do trabalho
O amor em que se forma a sociedade,
O amor d'ua mulher, na flor da idade,
Dando ao filho do seu o apanhado.

Devo ainda a todos um pequeno reflexo!
Esta família tão obscura e pobre,
Lá se vê, dum jornalista se discute,
Tem um logar a minha do povo.

1864.)

escrito em S. Martinho de Braga em 1864. Braga

brando, com profunda saudade, a morte dos seus, «soberbo pórtico levantado à necropole de uma família», como disse Xavier Cordeiro, «grito de alma de um grande génio» como a classificou Alberto Moreira. Para Sampaio Bruno, como já dissemos, é «uma das raras páginas supremas definitivas em nossa moderna literatura (preâmbulo de «O Bispo», em 1895, fls. X).

Ó Pedro, eu vou mostrar-te os mortos da família,
Meu pae e minha mãe, Victor, Maria Emilia,
Esses pedaços d'alma ocultos sob o chão.

... ..
O ceo que me rodêa é um mixto de dous ceus...
Vem um d'elles do amor: o outro dos mausoleos!
N'aquelle ha toda a luz que a esperança me renova;
Tem este a escuridão sinistra d'uma cova!

(cit. ob. do Dr. Rodrigo Veloso — pág. 32)

Pedro Lima, no já falado prólogo à segunda edição da tradução de «Atala» dá-nos mais informes sobre a actividade poética de Guilherme Braga, com especial menção, à poesia.

«Cadaveres» (quarta carta que lhe dedicou) — «Enquanto nos dispersávamos, como aves que se recolhem ao seu paiz para gozarem alli da serenidade que não tiveram na terra da arribação, um de nós, que não ficava, affastava-se, contudo, feliz e glorioso, por ir sob as arvores da Vila da Feira gozar, junto de uma noiva, pura e perfumada como um lyrio castíssimo, a deliciosa lua de mel». Era este o nosso poeta, que cheio de ebriedade do mais puro e sincero amor, unira ao seu radioso destino mais uma estrella palpitante e formosa, que lhe encimasse o diadema. Escreviam'o elle, o seu santo e elevado entusiasmo, em cartas impregnadas das vibrações mais sonoras do seu coração, e que são penhores da sua generosa confiança na minha pessoa, confiança que nunca diminuiu.

E essas cartas manifestam bem como aquella grande alma era cheia de sol. A primeira escripta ainda no Porto continha apenas estas communicativas palavras:

Pedro:

Estou casado
19 de Maio

Teu
Guilherme

A segunda, em resposta a uma interrogação minha, escrita no centro de uma folha de papel em branco e assignada, resume-se no seguinte:

Pedro:

«Toujours le même tige avec une autre fleur»

Victor Hugo

À interrogação respondo: Felicidade!

Às admirações, admira-os!

O esplendor deslumbra-me!

Villa da Feira, 22 de maio de 1866

Ao lado da minha mulher

Teu
Guilherme

Algumas d'essas cartas representam apreciações litterarias valiosas, sobre diversos livros que lhe offereciam, ou sobre alguns trabalhos queprehendia, como o dar ao publico um romance, que elle me dizia então ter sido inspirado pelas ruinas do velho Castello da Feira. A terceira carta que me escreveu, é datada de 26 de junho de 1866 e d'um valor puramente individual e que não importa a ninguém conhecer. A quarta reproduzo-a, para mostrar aos que lerem este esboço biográfico, quanto foi intima a affeição que eu e o poeta nos conservavamos, em condições de existencia tão dissimelhantes, em que elle dominado por um amor extremosissimo e enlevado não esquecia nunca o seu velho, sincero e leal amigo.

Ahi vae a carta:

Pedro:

Nas quatro folhas de papel que vão acompanhando esta, encontrarás tu uns duzentos e noventa e tantos versos alexandrinos, saídos como lava, em duas irrupções d'esta cratera que toda a gente tem em si: a alma. O que elles valem pela ideia poucos o sabem. Eu que verguei dois dias a cabeça ao peso da minha criação, apesar de a ver sair imperfeita, tortuosa, disforme, sei o que elles valem para os homens que pensam, como tu, n'um mundo de dôr e lagrimas. Offerecendo-te os ultimos versos que talhei sobre quatro jazigos, pago uma divida sagrada.

O único dos meus amigos que ficou firme no seu sentimento por mim, merece-me, sem duvida, a dedicatória da poesia mais verdadeira, que tenho dedicado às sombras da minha vida...

É justo além d'isso que seja o coração do amigo a única urna onde eu deixe cair essas gotas do meu sangue à beira do sepulcro onde dormem meu pae, minha mãe, meu irmão, e minha irmã.

Assim se toma conhecimento de mais tres cartas, escritas pelo poeta, da Vila da Feira, em 1866.

Até 1872 não encontrei outras produções datadas da Vila da Feira: presumo, por isso que, durante este período ou durante grande parte dele, aqui não esteve, talvez por os seus sogros já viverem no Porto e ele estar mais ocupado pois, como dissemos, em 1868 foi nomeado distribuidor da comarca do Porto.

Em Fevereiro de 1872 a sua presença surge na Vila da Feira, deixando um rasto fulgurante do seu génio de poeta.

Na noite de Carnaval, que teve lugar a 13, tomou parte num baile em casa de meu tio Dr. Manuel Augusto Correia Bandeira, advogado nesta Vila, «sem mascara mas envergando um fato rubro, que a esposa lhe mandara, alugado aqui no Porto na casa de J. Maria «das figuras de Cera» — como refere o citado Alberto Moreira em «O Tripeiro» de Fevereiro de 1960, a pág. 306.

Parece que esse fato era diabólico: assim o afirma Mello Freitas, de Aveiro (Violetas — 1878), no capítulo intitulado — O Carnaval «De como Guilherme Braga esteve na villa da Feira, teve tratos com o diabo, e do mais que se dirá».

«Poucos anos antes de morrer, esteve Guilherme Braga na Vila da Feira por ocasião do entrudo, e n'um rasgo de entusiasmo, vestindo-se com trajes mysteriosos de Secretário de Satanaz fez por artes do diabo uns magnificos épigrammas dirigidos com fina galantaria contra a selectissima sociedade que se reunia em casa do dr. Bandeira...»

«Mello Freitas a pags. 57 a 65 transcreve algumas das quadras feitas nesse baile que, no dizer do autor, tem «o interesse genérico da affabilidade alliada com elegante atticismo».

Nesse baile «Guilherme Braga traçou de improviso, ao correr do lapis, nas folhas da carteira, rasgando e distribuindo, noventa e duas quadras» — (Dr. Rodrigo Veloso — Poesias de Guilherme Braga — 1898, fls. 236 e 237).

Todas elas foram reunidas num opusculo intitulado «Rosas e Ortigas — Bouquet d'improvisos carnavalescos offerecido às Julietas e Romeus da Feira em testemunho de respeitosa consideração por um Careta», que aquele Dr. Veloso incluiu na referida compilação de versos de fls. 151 a 180 e 251, verificando-se, pela sua leitura, que àquelas 92 quadras acrescem duas sextilhas.

Aqueles epigramas eram, na sua generalidade mordazes, mas gentis, merecendo especial referência a mimosa poesia que dirigiu aos donos da casa — destacando sua filha Adosinda.

... ..
Por isso finda o gracejo,
A doida poesia finda...
Doutor Bandeira, os teus versos
São um só nome: — Adozinda

... ..
Vai ao berço onde **ella** dorme,
Tu só, e a tua Ernestina;
Fitai ambos, deslumbrados,
Essa pomba pequenina;

Dai-lhe um beijo á face bella,
Que tem da infancia os matizes...
Oh, sim! beijai-a mil vezes
E dizei: «Somos felizes!»

Meu avô também foi atingido nas referidas sextilhas.

Um dia o Joaquim Vaz, formoso doutorsinho,
Quiz fazer uma aposta e fel-a com um **moinho**.
Era a qual mais veloz **cem carros** moeria
Ou (perdão, se isto é feio!) as unhas roeria
Moeu a azenha um mez, foi do milho o verdugo
Mas, então, já o doutor estava no **sabugo**.

Quando a eucaliptus - mania
Veio a de Santa Maria
Terra histórica e brilhante,
Já o doutor Joaquim Vaz
Se avistava por detraz
D'um eucaliptus — **gigante**.

Esta última, refere-se aos eucaliptos, hoje frondosos, do parque da Casa das Ribas.

Com andar do tempo vão-se perdendo os elementos de identificação das pessoas que Guilherme Braga envolveu nas quadras que fez naquela noite de carnaval de 13 de Fevereiro de 1872.

Por isso e creio que com muita vantagem, aqui deixo exarado o que me é possível esclarecer, socorrendo-me de informações que ainda se mantêm, de tradição, na memória de alguns e, sobretudo, por umas anotações a lápis que encontrei no exemplar que tenho das poesias reunidas por Dr. Rodrigo Veloso, ditadas por meu avô Dr. Roberto Alves de Sousa Ferreira e escritas pelo próprio punho de Antero de Figueiredo.

Manuel Bento: Manuel Bento de Almeida Teixeira, meu tio, primo co-irmão da mulher do poeta.

Bazílio Lima: amanuense da Fazenda da Feira.

Toscano: António Toscano Soares Barbosa, meu tio, que foi contador no Tribunal da Feira, casado com

D. Maria Carolina de Almeida Teixeira, irmã daquele Manuel Bento, que foi contador no tribunal da Feira.

Magalhães: Francisco Vitorino Barbosa de Magalhães, amanuense da Fazenda da Feira — irmão do Dr. José Maria Barbosa de Magalhães, que foi distinto advogado em Aveiro.

... ..
Quando esse anjo se casar
Ha de elle ir de trambolhão
Puchado por seis mosquitos
Na casca de um mexilhão

Dr. Godinho: Dr. António Ribeiro Godinho.

António Maciel de Lima:

Augusto Cezar: Augusto Cezar Teixeira de Lima.

Dr. Ferrão: Dr. Bernardo José Pinto Ferrão, conservador do registo predial da Feira, pai de D. Fernando Tavares e Tavora, da casa de Ramalde.

António Maria: António Maria Ferraz de Lima — pai de Francisco Maciel Ferraz de Lima — o grande comedor da marmelada.

José Pedrosa: José Adriano da Silva Pedrosa, que foi escrivão de direito na Feira. —

Joaquim Vaz: Dr. Joaquim Vaz de Oliveira, meu avô, advogado, casado com uma prima co-irmã da mulher do poeta.

OS DO BOSTON

Almeida: administrador dos tabacos.

Veiga: Dr. João da Veiga Campos, médico pela Universidade de Coimbra, filho do tabelião que foi da Feira — Manuel da Veiga Campos.

Francisco Lima: Francisco Maciel Ferraz de Lima, que adiante será referido, ao tempo funcionário da Conservatória do registo predial e mais tarde secretário da administração do concelho da Feira.

Quim Teixeira: Joaquim Eduardo de Almeida Teixeira, tesoureiro da Câmara Municipal da Feira, primo co-irmão da mulher do poeta.

AS SENHORAS

... ..
Não digo mal das Marias,
Nem esta cousa as aterra,
Se eu murmurasse de alguma...
Ha mais Marias na terra.

Refere-se à mulher, que também se chamava Maria.

Maria do Rosário: D. Maria do Rosário Corte Real — prima co-irmã do conselheiro José Luciano de Castro, do primeiro Conde de Fijó (Dr. António) e do Dr. Augusto de Castro: viveu no lugar de Fijó.

Francisquinha Estefânia: D. Francisca Estefânia Teixeira Guimarães — irmã mais nova da mulher do poeta.

... ..
Das meninas do **Castelo**
E das meninas da **Eira**
Não há ninguém que não goste,
E não gostar fôra asneira.

Podéra! Se estas senhoras
Contam lá no grémio seu
Nada mais e nada menos:
Duas Marias... do **Ceu!**

As meninas do Castelo: eram as irmãs solteiras de meu avô Dr. Joaquim Vaz: Rita e Maria do Céu.

As meninas da Eira: eram as irmãs do mencionado Francisco Maciel Ferraz de Lima, que viviam no lugar das Eiras: uma delas, que ainda conheci, chamava-se Maria do Céu.

Veigas: irmãs do já mencionado Dr. João da Veiga Campos: uma delas, Albertina, casou com o Dr. José de Melo Giraldes Sampaio de Bourbon (irmãs do primeiro Marquez da Graciosa), quando era juiz na Feira.

Ribeiros: há dúvida se são as filhas do dono de um estabelecimento comercial, que ao tempo existia na esquina da Praça Velha, ou umas primas da mulher de Guilherme Braga.

Rosinha Apollinário: deve ser a filha do advogado de provisão José Apolinário da Costa Neves.

... ..
Mas quem nos merece o resto
Entre as que mais nos consomem
É o morgado d'Aregos,
Donzella vestida d'homem

O Morgado de Aregos: deve ser Alberto Pinto de Sousa Cochofel, de casa de Pousão, de Resende.

Doutor Bandeira: Dr. Manuel Augusto Correia Bandeira, advogado na Vila da Feira.

Ernestina: D. Ernestina Ribeiro Bandeira, mulher do anterior.

Adosinda: Adosinda Bandeira — filha destes.

Posso esclarecer, quanto à poesia transcrita a fls. 181 do aludido livro do Dr. Rodrigo Veloso:

Ti Manel: Manuel Vaz de Oliveira, irmão de meu bisavô Joaquim Vaz de Oliveira Junior, funcionário da Câmara Municipal e que no meio familiar era conhecido, por todos, por tio Manuelzinho. Bichà era um cão da Terra Nova que existia na casa das Ribas, onde Manuel Vaz vivia.

Miguel do Caco: Manuel Pereira Soares, moço de recados muito popular.

A 7 de Abril de 1872 realizou-se um baile de costumes, em casa dum irmão do pai da Maria Adelaide, Joaquim José Teixeira Guimarães, que vivia na rua Direita (hoje do Dr. Roberto Alves)—edifício que se segue imediatamente para sul, à casa dos herdeiros de José Soares de Sá.

Em virtude de um desentendimento que surgiu entre aquele Joaquim José e o seu filho Manuel Bento, por um lado e o já referido Francisco Maciel Ferraz de Lima por outro lado, devido ao destino dado aos sobejos daquele baile, em doces e vinhos, este recorreu à imprensa escrevendo, com data de 25 desse mês, um artigo, que foi publicado no «Primeiro de Janeiro» de 4 de Maio seguinte.

Esta imprudência deu lugar a uma polémica muito desagradável. Guilherme Braga sob o pseudónimo «Asmodeu», tomou a defesa do tio Joaquim José e de seu primo Manuel Bento, num artigo que, intitulado «Maciel e os doces», se publicou no «Diário da Tarde» de 8 seguinte.

Teve réplica do Francisco Lima (que ainda conheci, pois faleceu em 14 de Janeiro de 1932, a quem todos chamavam o Xico Lima) no «Primeiro de Janeiro» de 15, em comunicado intitulado «Ainda os doces da Feira», sob o pseudónimo de «Cameli». Respondeu, de novo, Guilherme Braga, no «Primeiro de Janeiro» de 24 seguinte, em artigo intitulado «Asmodeu e Maciel», assinando-se com o mesmo pseudónimo de «Asmodeu».

Entraram então na contenda, respondendo ao Lima, Asmodeu 2.º (que parece ser um sacerdote) na «Gazeta do Povo» n.º 761 de 17 de Maio e um «leitor» (a quem Francisco Lima chama «criança que largou ha pouco o a, b, c») no «Distrito d'Aveiro» n.º 37.

Francisco Lima ainda respondeu no «Primeiro de Janeiro» de 29 seguinte: firmou o artigo, que intitulou «ainda a questão dos doces», com o seu nome completo, declarando, no final, que não voltaria à imprensa para discutir o caso.

E assim terminou a nova guerra do «Alecrim e da Mangerona» que nunca devia ter começado.

No dia 19 de Fevereiro de 1867, data que não consta do citado livro do Dr. Rodrigo Veloso (fls. 185) mas está bem expressa no original que tenho nos papéis

de família, escreveu, na Vila da Feira, «Protesto» — paródia a um jogo de manilha em que:

... ..

Tanto eu como meu sogro
Chupamos hontem um logro.

... ..

E assignar agora vão
A supra declaração,
Por ser justa e verdadeira,
Primeiro — Guilherme Braga
Segundo — João Teixeira.

Em data que não posso precisar, escreveu, em Espinho, «Petição» (cit. livro do Dr. Rodrigo Veloso fls. 188) onde solicita, em nome de «Luiza», a seu pai, referido Dr. Joaquim Vaz, autorização para sair, em passeios com o poeta: tenho estes versos escritos por este meu avô.

Meu papá

Diz D. Luiza

Que sendo tempo de férias
Quer respirar essa brisa
Que anda nas regiões ethereas
E sopra á beira do mar...

... ..

E além disso, este archanjo
Pede, assim como já disse,
Que se dê plena licença
Para sair noite e dia
Dos primos na companhia
Por exemplo — ouvir a missa —
E como isto é de justiça,

P. pois, ao seu papá
Que defira já, já, já,
Com bondade e boa fé.

E R. Mc.
A rogo seu primo

Guilherme Braga

Respondeu, meu avô.

Visto este requerimento
E verso e forma legal,
Apesar de tanto vento
Que levanta o areal,
Eu não posso indeferir
Pretensão que vem a rir!

Fica pois a minha praga
Ao dispôr do primo Braga
E com muito carinho

Em Espinho.

J. Vaz

No arquivo de meu avô Dr. Roberto Alves de Sousa Ferreira encontrei, por letra deste, uma cópia de versos de Guilherme Braga com a seguinte legenda: «Improvisados nas salas do exm.^o dr. Bandeira, em a noite de 12 de Fevereiro de 1874 (o quatro resultou de uma emenda).

Se foi feito nas salas do Dr. Bandeira deve reportar-se a 13 de Fevereiro de 1872 (e neste caso as três crianças são o Dr. Bandeira, a mulher e a filha Adozinda).

Se são de 12 de Fevereiro de 1874 foram feitas no Carnaval desse ano, nesta Casa das Ribas.

Não sei se dizem respeito a meus avós paternos que, em Fevereiro de 1872, tinham apenas três filhos, meu pai e suas duas irmãs ou ao Dr. Bandeira, sua mulher e filha Adosinda — «as três crianças».

Creio que são inéditos e, por isso, os transcrevo:

Eu peço um brinde à mãe que sabe ser formosa,
E adornar-se gentil, risonha, a conversar
Ao coração materno, ao coração d'esposa,
Luz, encantos, amor, próprios d'aquela altar.

Ao nobre cavalheiro — alma que se illumina
De tudo quanto é bello e santo e justo e bom,
Que juncta ao seu talento e educação mais fina,
E às regras da bondade as regras do bom tom!
E, como eu vejo em tudo um raio das esp'ranças
Que doiram o porvir dos extremosos paes,
Brindo com santo orgulho, eu brindo às três crianças
Que são na terra, aqui dos anjos os eguaes.

Aproveito a oportunidade para anotar que, entre os que se têm referido ao baile de máscaras em que Guilherme Braga fez os aludidos epigramas, se tem estabelecido grande confusão: uns atribuem-no a 13 de Fevereiro de 1872 e outros a 12 de Fevereiro de 1874.

Não resta dúvida que foi em 1872 por muitas razões de peso entre as quais se conta a referência ao facto do Dr. Ferrão estar ainda há pouco na Vila da Feira e ao facto de o poeta, em 1874, já estar muito doente.

Porém, ha outro decisivo: entre as senhoras por ele referidas na poesia «Senhoras» encontra-se a **Francisquinha Estefânia**, irmã de sua mulher, que faleceu no Porto, em casa do poeta, em 20 de Setembro de 1872.

Assim, Alberto Moreira tem razão quando atribui esse baile a 13 de Fevereiro de 1872 («O Tripeiro» de Fevereiro de 1960, fls. 306).

A confusão deve derivar de, em Fevereiro de 1874, segundo creio, se ter festejado o Carnaval nesta Casa das Ribas, no qual participou Guilherme Braga.

Atesta-o o desenho feito por este, que se reproduz, em que ele figura vestido de mulher, com um turbante e leque, na companhia de meu avô (Joaquim), de minha avó (Libânia), minha tia (Luísa) e meu pae (Eduardo).

Este desenho, tem a legenda «Guilherme e o dr. Joaquim Vaz com sua esposa e filhos, no Carnaval de 1874, no baile realizado na Vila da Feira — Des. inédito por Guilherme Braga e o primeiro que do Poeta se publica» (Alberto Moreira — O Carnaval de outrora — «O Tripeiro» de Fevereiro de 1960).

Encontro a confirmação, embora com erro do local em que ele teve lugar, na carta escrita pelo Dr. Jaime Duarte Silva — ao «Correio da Feira» em Setembro de 1941.

Este jornal, no seu número de 30 de Agosto de 1941, na secção «Há 40 anos» e com o título Guilherme Braga, relata um episódio ocorrido entre o poeta e um merceeiro da cidade do Porto, quando este solicitou àquele uns versos para a campa de um seu filhinho. O poeta atendeu-o escrevendo um belo acróstico que o merceeiro recebeu delicadamente mas com tal reserva, que, Guilherme Braga, compreendeu não ter agradado, estabelecendo-se então o seguinte diálogo:

— «É que... o que nós procuramos era...

Era, assim, disse a mulher, coçando o cascudo, uma coisa em que se dissesse que o menino era muito estimado por todos e que eu e mais o meu home é que mandamos fazer aquillo... Sim o sr. Guilherme bem me entende.

— Já vejo que não serve...

— Mas o Sr. pode fazer outros.

Guilherme Braga encolheu os ombros e escreveu sobre uma folha de papel de embrulho.

Aqui jaz o Antoninho
Que de todos foi benquisto
O seu pai e sua mãe
Lhe mandaram fazer isto.»

Acrescentou o articulista que quando lhe perguntaram o preço da quadra, o poeta respondeu que era uma libra e que, como isto causasse estranheza, ele retorquiu: «É caro mas é bom: se servissem os outros, mais fáceis de fazer, custariam apenas meia libra, mas estes são muito mais difíceis».



Reproduzido de «O Tripeiro» de Fevereiro de 1960

A propósito desta notícia é que o saudoso Dr. Jaime Duarte Silva, escreveu uma carta àquele jornal, datada de 31 de Agosto desse ano de 1941, confirmando este episódio embora atribuindo ao poeta uma quadra diferente mas com o mesmo sentido.

Nesta carta o Dr. Jaime Duarte Silva, reportando-se à informação colhida de seu pai, António Augusto Duarte Silva, que foi escrivão nesta Vila da Feira e depois na cidade de Aveiro, diz:

«O caso passou-se, contava-o o meu Pae e ele o referiu numa festa do Castelo (como vulgarmente era conhecida a casa das Ribas). Nessa festa Guilherme Braga, vestido á oriental, foi num baile de carnaval e fazendo-se acompanhar por um Secretário, também á oriental e que era Francisco Victorino Barbosa de Magalhães, irmão do dr. Barbosa de Magalhães que foi um grande aveirense, e tio do grande professor e advogado dr. José de Vilhena Barbosa de Magalhães, disse a cada dama, como a cada cavalheiro, de improviso

uma quadra (nesta parte há confusão com o baile de carnaval de 1872 em casa do Dr. Manuel Bandeira). Suponho que algumas existem ainda interessantíssimas entre as quaes, a melhor a dirigiu ao «Castelão» (referência ao meu avô Joaquim Vaz, sendo possível que esta fosse a poesia a que atrás me refiro). Pois n'essa noite que enchia as recordações a meu Pai, contou Guilherme Braga que, em Guilpilhares perto de Gaia, marido e mulher o procuraram pedindo-lhe um soneto para apor a um mausoléu que haviam feito para depositar aí o cadáver do cunhado e irmão. Parece que o soneto saiu de primeira ordem. Não gostaram: faltava o nome do morto Maldonado e a referência a quem pertencia. Guilherme Braga rápido recebeu o papel onde tinha escrito o soneto e n'outro escreveu:

Aqui jaz o Maldonado
Que foi de todos bemquisto
Sua irmã e seu cunhado
Mandaram aqui pôr isto.

Sairam contentíssimos. E a paga que Guilherme Braga recebeu foi a alegria d'elles».

Nota — O que está entre parênteses é meu comentário.

Segundo um apontamento que encontrei nos papéis do meu arquivo, Guilherme Braga em 13 de Fevereiro de 1874 escreveu, da casa das Ribas, uma carta a Cândido de Figueiredo: não conheço o seu texto.

Em data que não posso precisar, mas que talvez esteja relacionada com a festa do carnaval na casa das Ribas em 1874, escreveu os versos que se publicam em fotografia:

O nobre Principe Vaz
Mais a sua companheira
Aos condes da Lavandeira.

convite feito ao Dr. Manuel Augusto Correia Bandeira e mulher («Condes da Lavandeira») para cearem na casa das Ribas, do Dr. Joaquim Vaz («Principe Vaz»).

No verso diz: Aos excelentíssimos Condes da Lavandeira por ordem de S. A. o Principe Vaz».

Fez outros versos de convite, para a mesma ou outra ceia, aos «Duques de Aveiro» (referidos António Augusto Duarte Silva e mulher, pais do Dr. Jaime Duarte Silva).

Aos nobres Duques d'Aveiro
por ordem de S. A. o Principe Vaz
Aos nobres Duques d'Aveiro
Saúde, paz e dinheiro.

Meu amo, o principe Augusto
Joaquim Vaz e sua Esposa
Tiveram lembrança airosa
E o desejo nada mau
De vos ter aqui á ceia
De couves com bacalhau.

Não ha perdizes, nem gamo,
Ha palestra e bom conforto.
Pelo principe, meu amo,
Guilherme, Duque do Porto
Esta conforme e me apraz
O mordomo «Manuel Vaz»

(assinatura do poeta)



Casa das Ribas — além do Castelo da Feira — onde Guilherme Braga viveu alguns dos últimos meses da sua vida

Guilherme Braga veio para a casa das Ribas em 7 de Fevereiro de 1874, na esperança de melhoras na terrível doença que lhe despedaçava os pulmões: aqui se manteve cerca de dois meses em ambiente familiar de muito carinho e amizade.

A 27 do mesmo mês escreveu a Bulhão Pato a conhecida carta que este publicou em «Sob Ciprestes», onde classifica Guilherme Braga como «um grande poeta, um poeta de raça, um poeta de primeira sorte» (fls. 313).

Motivou-a uma outra que Bulhão Pato lhe escrevera entusiasmado com a leitura do «Bispo», dado à publicidade pouco tempo antes — «onde brilhavam, a espaços, por entre muito talento, as faíscas do verdadeiro génio» (cit. ob. fls. 314).

«Poucos dias depois da minha carta recebi a resposta do poeta. Estava elle n'uma quinta nas proximidades da Vila da Feira, em casa de um parente e dedicado amigo — para respirar o ar lavado e salutar dos campos, a vêr se cobrava forças e resistia à enfermidade, que anunciava, com os primeiros rebates, a carga fatal!» — (cit. ob. fl. 319).

Já muito doente e desanimado, o poeta exprimindo o seu grande sofrimento, lamenta-se dizendo «...Não sabe de certo que estou doente e com o espirito grandemente affectado porque me sinto definhando dia a dia, porque vou perdendo gradualmente as forças, e, às vezes, tenho medo. Deixe-me conversar consigo, como se já nos conhecessemos há muito. Tenho medo de morrer: acobardo-me diante d'esta ideia que vem a espaços desfazer todas as minhas esperanças, sobretudo as que doiram o futuro do meu filho, que é uma criança de seis anos. Já vê que a sua carta não podia deixar de impressionar-me.

Há vinte dias que saí do Porto em busca de águas puras, de pinheiraes restauradores, de bons ares. Acolhi-me a uma das quintas mais afamadas d'estas dez legoas em torno.

Aqui estou no meio de parentes que me desvelam, tendo diante dos olhos horizontes vastissimos, á volta de mim tudo quanto pode desejar um scismador enfermo e todavia cá tenho no espirito o mesmo negrume que o obscurecia na cidade **poeticida**, onde morreram Soares de Passos, Júlio Dinis, Henrique Augusto, Alfredo de Carvalho, Pinto de Almeida e onde engorda o comendador C..., e se torna obeso o capitalista P...» (cit. ob. fl. 320).

«Eu não posso aturar uma cousa que ha aí que intenta insurreccionar-se contra a fôrma, e apenas se revolta contra o senso comum.

Para que ha de a gente cansar-se com elles, com

os propagandistas d'aquelle paradoxo erradamente attribuido a V. Hugo: **Le beau c'est la laideur!** Não valem o trabalho, nem o tempo perdido, nem a paciência gasta. Para mim o poeta deve sêr como o esculptor, e seria muito para ver uma vénus, a idêa de belleza, a quem o artista representasse no seu estado interessante de seis mezes, com uma corcunda de dromedário e um pé de baroneza saída da praça da Figueira!

Perdõe estes sorrisos de um doente, que se está deliciando em palestras com o Bulhão Pato a uma distância de cincoenta leguas».

Em 7 de Março seguinte escreveu uma nova e última carta a Bulhão Pato, num momento esperançoso, próprio da sua doença.

«Estou muito melhor, graças a este céu azul, a este sol esplendido, a estas árvores onde já se denuncia a primavera, a estas avesitas que me acordam todas as manhãs, como meninas bem educadas, que vem dar os bons dias a quem as cantou n'outro tempo, quero dizer, a quem cantou n'outro tempo as mamãs, as tias, as avós d'este rancho de palradeiras, de chilreadoras vivas e alegres... O que é certo, meu amigo, é que sinto o espirito desanuviado diante d'este horizonte limpo.

Imagine-se comigo á janella do meu quarto. De um lado um Castello em ruínas, o velho Castello da Feira, cuja origem se perde na noite dos tempos. D'outro lado pinheiraes vastissimos, largos campos, onde a água corre por toda a parte. Em frente um valle, que esta pedindo ao visconde de Almeida Garret que ressuscite para descrevel-o, assim como as casinhas brancas que se mostram d'onde aonde, no pendor das colinas que a cercam; lá ao longe quatro ou cinco pinheiros destacados uns dos outros, como sentinellas perdidas, a cruz de uma igreja solitaria — uma linha branca, que vem a ser não sei quantas leguas de areia e, muito mais longe ainda, o mar, o mar azul e sereno cheio de sol, confundindo com o céu, admiravel fundo de um quadro indiscriptivel!

Se eu tivesse saúde fazia versos, muitos versos, um volume de versos, a tudo isto» (cit. ob. fls. 322 e 323).

Em seguida e na mesma carta:

«...Quer ouvir uns versos que scismeí ha dias, no primeiro passeio que dei por aqui? Hei-de concluí-los... Quando os concluirei eu?

Vou subindo a montanha. Alongo a vista
Por terra, e mar e céus. Tudo contrista
Meu pobre coração.
Do fim da tarde à luz amortecida
Parece dar-me o adeus da despedida
A voz da solidão!

Vejo além, a brincar, duas creanças;
Riso, prazer, saúde, amor, espraças;
Eis o que vejo além:
E, por entre os sob'reiros da collina,
Passa um raio de sol que as illumina
Com um olhar de mãe!

Sou moço ainda, e sinto-me acurvado
Sob um peso tremendo. O condemnado
Apella para Deus:
Mas Deus, o Deus magnanimo e sublime,
Não quer pesar as provas do meu crime,
Nem ouve os rogos meus.

No infinito, no eterno, eternamente
Jaz, no abysmo insondado, o omnidormente,
Sem as formas de ser.
E ouve-se rir na sombra a enorme esphinge
Quando esta idéa vibora nos cinge:
«É preciso morrer!»

(cit. ob. fls. 322 a 327)

Nestes versos há um doloroso confronto entre o ambiente que o cercava, da casa e quinta (implantadas numa colina que descai de nascente para poente), onde vivia calmamente e era tratado com amizade e carinho, a que não faltava o sorriso das duas crianças a que se refere (minha tia Luísa e meu pai) e entre o que lhe oferecia o seu sofrimento físico e moral provocado pela implacável doença que o minava e à sua adorada mulher.

É um grito desesperado de um jovem, exuberante de talento que se vê perseguido de perto e quase a ser alcançado, sem forças nem meios, para se defender e que só confia, para sua salvação, no amparo e piedade divina.

Finaliza a carta dizendo:

«Depois d'uma massada em prosa, uma massada em verso!

Tenha paciência.

Os doentes são como os pequerruchos: não se lhes póde dar confiança, porque logo abusam d'ella.

Escuso dizer-lhe que, depois do meu amigo e primo Vaz, é o Bulhão Pato a primeira pessoa que lê esses versos. São intimos, dos que se escrevem para não verem a luz, dos que se guardam para ficarem na sombra. Se minha mulher os lesse, tínhamos scena. É uma criança de vinte e seis anos, que está muito

pior do que eu acerca do meu estado de saúde. Tem por mim um affecto exuberante que dura ha oito anos sem que o toldasse uma nuvem.

Eu sou por ella o que sou por meu filho — um doido...!»

Naquele mesmo dia 7 de Março o poeta escreveu a sua mulher, da casa das Ribas — «Maria Adelaide... Não te posso escrever muito, mas felizmente não é por falta de saúde: é porque tendo respondido ao Bulhão Pato ele escreveu-me uma longa carta a que tive de responder hoje porque já a recebi ha dias, e tambem me **estendi**, o que me cançou e me impede de estar agora a escrever mais. O preciso para te assegurar que estou melhor, já é bom, não é?... Teu d'alma Guilherme».

No número 1 das citadas «Vespas e Mariposas», publicou um artigo «O Castello da Feira» datado da «Quinta das Ribas, 17 de Março de 1874».

Dele extratamos os seguintes períodos, sincero lamento pelo estado de ruína e abandono a que estava votado o castello, aquele que acompanhou o génio do poeta, ajudando-o, pelo ambiente que lhe ofereceu, a compor «Cadaveres», participando, assim, nesta bela criação.

«Aquellas ruínas alumiadas pela lua produzem um effeito maravilhoso, phantastico. Do Castello apenas existem inteiras as quatro paredes do alcaçar, com as suas largas torres cobertas d'heras: mas, ainda assim, é realmente admiravel aquele edificio negro, alto, dominando a collina, destacando no azul, recortando em pyramides e ameias o disco luminoso do luar»...

«O Castello! Elles não fazem caso de ti, mas eu sei que o teu alcaçar se não esboroará fácilmente de cima a baixo, no curto espaço de dois séculos. Eu sei que elles hão de passar, fazendo muito rumor à volta de ti, com correios à portinhola, com **rangideiras** nas botas e na larynge, indo sumir-se a final n'umas covas onde não caberia a pedra mais pequena dos teus vastos muros. Tu ficarás de pé, à beira do teu fosso, enquanto elles irão caindo n'outro — no fosso da Eternidade; elles todos; todos os que te desprezam e todos os que te insultam; — os ministros como os bacorinhos» (Correio da Feira, número 2680 de 6 de Março de 1950 e «O Tripeiro» de 15 de Outubro de 1927 — fls. 318).

O poeta deixou a casa das Ribas e pela última vez, no dia 13 de Abril de 1874, escrevendo a meu avô uma carta, no dia seguinte, que possuo e julgo ser inédita, descrevendo, com espirito, o sacrificio da sua tormetosa viagem até «à pátria d'Alberto Pimentel», onde chegou altas horas da noite.

meu bom amigo

Quero a mais interessada das prohibições do
Módico, escrevendo. Todavia, dada esta desculpa, a
demora que tenho posto em responder a tua gentil
carta, agradecendo-lhe as informações e o
obriguoso offercimento da orelluna ... que me abanou
as orelhas as goucritas, vou dar-lhe a razão que
me obrigou a sair fora da hi. É que eu, lembrando
na a 29 de que o dia 30.º não podia
dizer de lauda d'agora a littera! E fiz o
meu an. sabendo que também a pois brades ... com
Lactophosphate de Cal!

Stão tuas entes melhores respeito a tosse, apesar
de te fute e estar um carne viva! Isto mesmo obri-
ga-me a não dormir, por não encontrar posição. O
bomito cessa 6 dias, reaparece, torna a fugir, e
agora vai bem, por que se expelle bilis. O alimento
fica; mas é em pequena quantidade. Debo Collaris com
agua. Stão parturas as partas. D'entomago vai cami-
nhando muito mal a doença. A fraguena porime
é tal que não ha lunço das pernas p.º sair, apesar
de ordem da lunço q.º manda dar um pouco a tarde,

De minha hora não passando além do jardim de t.
de quem que me fica a porta.

A calça principia de dizer a' mãe que
não serve mais. Adem! Recube, com toda a sua
fama, muitas, muitas vezes, e creio, na sua
gratidão de

Primo e Am. Ant. d. d.
G. L.

Mil parabens a Luiza
A quem por força devia
A musa do primo. Braga
Fazer versos n' este dia!

Não os far, por causa justa!
Mas do pai a muito altiva
Que diga o que ha a esperar
D'um poeta em carne viva!

Guilherme Braga
Luiza.

Nela afirmava a sua gratidão «ao meu am.^o e a toda a família do Castelo».

Por aquela referência vê-se a alta consideração que ele tinha por Alberto Pimentel que mais tarde, depois da sua morte, tanto o viria a honrar e enaltecer nos seus «Homens e datas» e «Através do Passado».

Em 29 de Abril seguinte, já do Porto, escreveu nova carta a meu avô, a última que eu conheço, a propósito do aniversário natalício da mencionada minha tia Luísa, que ocorria no dia seguinte.

«É que eu, lembrando-me a 29 de que o dia seg.te era o 30.^o não podia deixar de saudar d'aqui a Luísa!...»

Refere-se à constante tortura do seu sofrimento, descrevendo o descalabro da sua saúde.

Depois de dizer que «A cabeça principia de dizer à mão que não escreva mais» — finaliza com os seguintes versos:

Mil parabens á Luísa
A quem por força devia
A musa do primo Braga
Fazer versos n'este dia!
Não os faz, por causa justa!...
Mas do pae a mente altiva
Que diga o que ha a esperar-se
Dum poeta em carne viva!

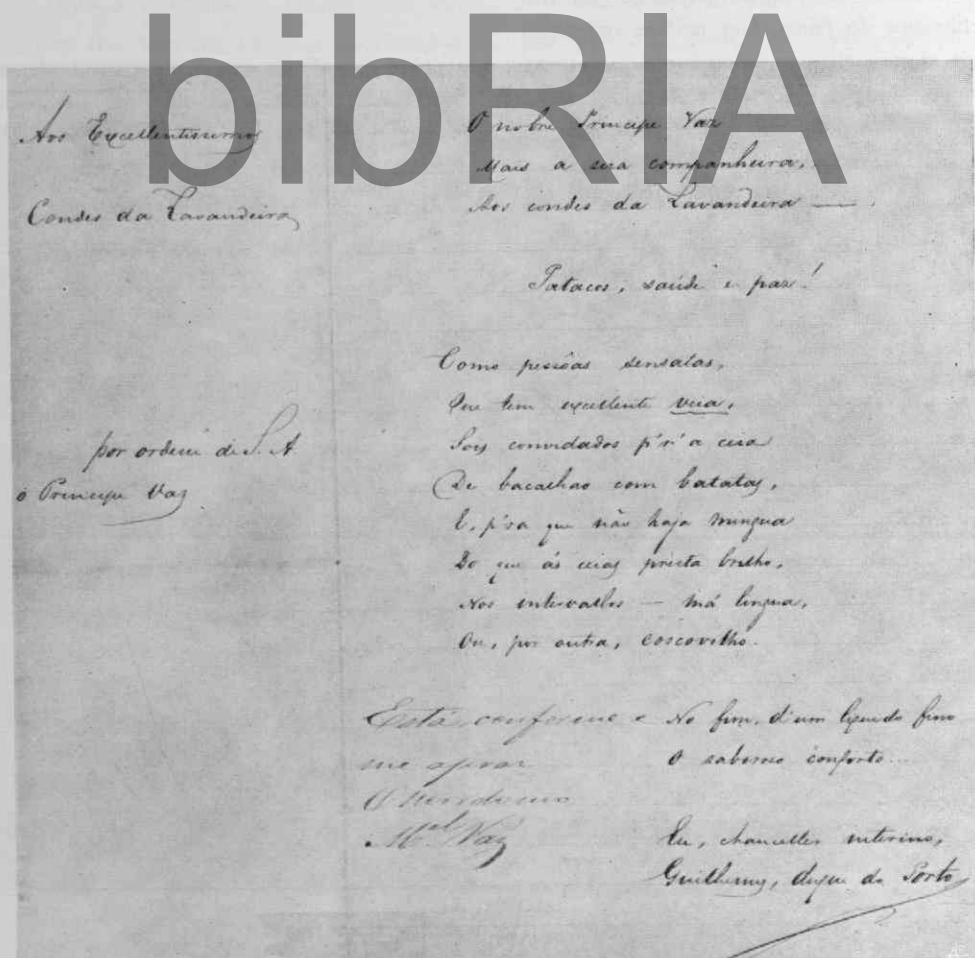
Em 26 de Julho daquele ano de 1874, o poeta faleceu no Porto: comentando amargamente o seu falecimento, Bulhão Pato, no seu citado livro (fls. 329), exclama «Perdeu Portugal um grande poeta, para mim o maior dos nossos dias».

Passado pouco tempo — a 1 de Outubro desse ano — sua mulher, a bela Maria Adelaide, foi ao seu encontro, para dormir a seu lado, no cemitério de Agramonte o sono eterno.

Quiz Deus unir-te na mágoa
Das minhas horas fatais,
Flor mimosa ao duro tronco
Batido dos vendavais.

Sobre mim ruge a tormenta...
Ai! nunca o céu me sorri,
E a mesma dor, que me verga,
Passa tambem sobre ti!

Vinte e dois anos enfloram
A c'roa que o céu te deu,
E já sentiste os espinhos
Entre essas rosas do céu!



A mulher de Guilherme Braga não o acompanhou na sua última estadia na casa das Ribas (7 de Fevereiro a 3 de Abril de 1874) por certo porque então já devia estar doente, pois morreu tuberculosa sessenta e sete dias depois do falecimento do seu marido e para fazer companhia ao único filho que lhes restava, Guilherme Victor (em quem o pai tantas esperanças depositava) e a seus pais, com quem ela vivia, o que claramente se evidencia do artigo de Alberto Moreira («O Guilherme Braga Junior», no «O Tripeiro» de Junho de 1957, fls. 53) quando diz que, a partir da morte do poeta, o filho ficou «na companhia da desolada mãe e dos avós maternos, mas em circunstâncias muito precárias, vivendo esta enlutada família do auxílio do Dr. Alexandre Braga e de uma pequena mesada que o abastado Joaquim Teixeira (da Vila da Feira) facultava a seu irmão João José Teixeira Guimarães, sogro de Guilherme Braga».

Penso que aquele João José, irmão do Joaquim Teixeira (já falado Joaquim José Teixeira Guimarães) e sua mulher, sogros de Guilherme Braga, viveram no Porto, muito tempo, com este e com sua filha Maria Adelaide, o que talvez já sucedia quando faleceu aí — a filha Francisca Estefânia, em 1872.

O João José deve ter morrido no Porto porque o seu óbito não consta do registo paroquial da freguesia de S. Nicolau da Feira. Sua mulher regressou à Vila da Feira, depois do seu falecimento, pois aqui veio a falecer, no lugar das Eiras em 20 de Outubro de 1897, com 74 anos: era filha legítima de José Francisco da Luz e de Maria Pinto de Miranda, constando do registo do seu óbito que, então, já não tinha filhos.

Com a trágica morte do Guilherme Victor, em casa de seu tio Dr. Alexandre Braga, em 22 de Julho de 1890, quase 16 anos após a de seu pai, desapareceu o último filho de Guilherme Braga, que foi o primeiro por nascimento, extinguindo-se, assim, toda a sua descendência.

Lembrando, respitosamente, a memória do genial poeta manifesto a esperança de que lhe seja prestada condigna homenagem quando, em 1974, se contar o primeiro século sobre o seu falecimento.

Guilherme Braga se passou no firmamento da sua vida com a rapidez de um meteoro incandescente, firmou o seu génio no céu das letras pátrias, com o esplendor de uma estrela muito viva: não foi favorecido pela sorte, a não ser no seu casamento de amor.

Por isso, bem disse Pedro Lima no seu já referido prólogo «Cedo, bem cedo ainda aquelle espirito nos deixou, indo esconder-se, para sempre, na eterna aurora dos mundos ignorados, aonde o bom trabalhador recebe o salário acumulado da sua virtude: essa paz serena e pura que a terra mesquinha e avara lhe havia negado».

... e sentindo que a alma se libertava do seu corpo torturado, despediu-se da vida, exclamando:

Meu Deus, sofre-se assim
e o céu cheio de estrelas...

No passado dia 2 de Dezembro teve lugar a sessão ordinária do Conselho do Distrito, destinada à discussão e votação do plano anual de actividade e bases do orçamento ordinário para o ano de 1972, a que presidiu o Dr. Manuel Fernando Pereira de Oliveira, Presidente da Junta Distrital.

O Sr. Presidente, por se tratar de última sessão do primeiro órgão da administração autárquica distrital, que no fim do mês em curso, termina o respectivo mandato, agradeceu a leal e prestante colaboração dos Senhores Procuradores e enalteceu o perfeito entendimento que sempre presidiu às sessões do Conselho do Distrito.

De seguida o Sr. Presidente aludiu aos cometimentos que a Junta Distrital prosseguiu durante o correspondente mandato, salientando a construção do novo Internato Distrital de Aveiro, (1.ª fase), o alargamento dos quadros de pessoal dos Serviços Técnicos de Fomento,

em ordem a possibilitar uma maior ajuda às Câmaras Municipais, cada vez mais interessadas em tão úteis Serviços, à recente aprovação do Regulamento Interno dos Serviços Técnicos de Fomento e à entrada em funcionamento do Arquivo Distrital de Aveiro, onde já estão depositados todos os documentos notariais.

Posto à discussão o plano de actividades para o ano de 1972 que insere além do mais a obra de construção — segunda e última fase —, do novo Internato Distrital de Aveiro, foi o mesmo aprovado por unanimidade.

Por aclamação, o Conselho do Distrito enalteceu a acção desenvolvida pela Junta Distrital e teceu os maiores encómios ao Sr. Presidente pela forma superior como sempre dirigiu os órgãos colegiais a que preside.

No final o Sr. Dr. Fernando de Oliveira agradeceu as palavras proferidas pelos Senhores Procuradores.



Sessão do Conselho do Distrito, de 2 de Dezembro

Nova Junta Distrital

Em 20 de Dezembro, teve lugar a verificação dos poderes dos novos Procuradores ao Conselho do Distrito e a eleição da Junta Distrital.

Presidiu à verificação dos poderes o Governador Civil do Distrito, Sr. Dr. Francisco do Vale Guimarães, assumindo depois a presidência, nos termos legais o Procurador Sr. Cap. Manuel Ferreira da Silva.

Procedeu-se à eleição, tendo sido eleito por unanimidade, para Presidente da Junta Distrital, o ilustre Aveirense, Sr. Eng.º José Gamelas Júnior que no presente mandato exerceu o cargo de Vice-Presidente; para Vice-Presidente, foi eleito outro distinto aveirense, o Eng.º Manuel Gonzalez Queiroz; para Vogais efectivos os Senhores Dr. António Eduardo Castela Ala Alves de Pinho e Freitas, de Águeda; Dr. Henrique de Albuquerque Souto, advogado de Estarreja e Dr. José de Seíça e Castro, advogado em S. João da Madeira. São Vogais substitutos os Senhores Dr. António Moreira Duarte, advogado em Arouca, Arménio Soares de Pinho, funcionário bancário em Águeda e Manuel Bernardo Ferreira de Sousa, proprietário de Oliveira do Bairro.

Na pessoa do seu ilustre Presidente a direcção da Revista «Aveiro e o seu Distrito» cumprimenta a



Eng.º Agr.º José Gamelas Júnior,
Presidente da Junta Distrital.

nova Junta Distrital, formulando os mais ardentes desejos de um mandato profícuo.

À última reunião da actual Junta Distrital realizada a 21 de Dezembro último, compareceram os funcionários,



Novo Internato Distrital de Aveiro — Fase das obras em construção.

a fim de apresentarem cumprimentos. O Chefe da Secretaria, agradeceu a forma compreensiva e amável com que todos os Membros da Junta Distrital distinguiram sempre os serventuários e enalteceu as qualidades do Presidente cessante e saudou, na pessoa do Presidente eleito para o próximo quadriénio, Sr. Eng.º José Gamelas Júnior, os novos Membros da Junta Distrital

que em 2 de Janeiro iniciaram o respectivo mandato.

O Sr. Dr. Fernando de Oliveira, em resposta, salientou a lealdade com que os funcionários sempre serviram, saudou a nova Junta Distrital na pessoa do Sr. Eng.º José Gamelas Júnior e formulou os melhores votos de um mandato profícuo em benefício de toda a região Aveirense.



Novo Internato Distrital de Aveiro — Outra fase das obras de construção.

bibRIA

NA CAPA:

1 — Prato artístico com os brasões de armas de todos os concelhos, feito pela fábrica de faianças de S. Roque, de Aveiro.

2 — Pousada da Ria.

Sumário

	Página
★ Página Heráldica	3
★ Murtosa — Torreira e a Ria	5
★ Murtosa Por Jaime Vilar	15
★ Viseu - Aveiro de mãos dadas	19
★ Ensino Secundário, Artístico e Superior na região de Aveiro Pelo Dr. Orlando de Oliveira	21
★ Reforma de Mentalidades Pelo Dr. Fernando de Oliveira	27
★ Alguns traços essenciais da Agricultura como actividade económica, dentro do Distrito de Aveiro, no limiar da década de 1961-70 Pelo Eng.º Agr.º Eduardo A. Ramalheira	31
★ Antologia Aveirense	47
★ Homens do Porto — Barcelos e a Vila da Feira Por Roberto Vaz de Oliveira	51
★ Vária	77